

A PRIMEIRA AVENTURA DE SHERLOCK HOLMES



STEVEN SPIELBERG apresenta

O ENIGMA DA PIRÂMIDE

Romance de ALAN ARNOLD

baseado no roteiro de CHRIS COLUMBUS



ALAN ARNOLD

O ENIGMA DA PIRÂMIDE

Baseado no roteiro de
CHRIS COLUMBUS

Sugerido de personagens criados por
SIR ARTHUR CONAN DOYLE

Tradução de
AULYDE SOARES RODRIGUES

EDITORA RECORD

O desejo de um menino é o desejo do vento,
E os pensamentos da juventude são pensamentos muito,
muito longos.

Longfellow

Capítulo Um

CERTA NOITE, NO INVERNO DE 1870, UM RICO CONTADOR londrino, de caráter exemplar, saltou para a morte da janela do seu apartamento no terceiro andar, em Pimlico. Inevitavelmente, os jornais, na sua descrição da tragédia, usaram a expressão “circunstâncias misteriosas”, mas sua curiosidade não foi mais longe. O terror que levou o infeliz homem a uma deserção tão espetacular da vida, fosse qual fosse, não deixou nenhuma pista da sua natureza.

Não houve invasão de domicílio. A polícia não encontrou nenhum indício de violência. Deve ser registrado o fato de que alguns fregueses do restaurante próximo lembraram-se de que ele havia demonstrado sinais de falta de sobriedade quando jantou ali naquela noite, embora as pessoas que o conheciam não acreditassem que costumasse beber demais. Na verdade, durante as investigações, familiares e amigos testemunharam que ele tinha todos os motivos para achar a vida boa e demonstrava a intenção de continuar a desfrutar os anos que lhe fossem dados viver — acabava de completar setenta anos. Dado esse testemunho de um estilo de vida tão inocente, o que mais podia fazer o magistrado senão dar o veredicto de suicídio? O Sr. Bentley Bobster, de Pelham Street, tinha tirado a própria vida “num momento de desequilíbrio mental”, frase muito usada nesses casos, uma vez que encobre adequadamente o inexplicável. Quando

finalmente veio à luz a verdade sobre as últimas horas de vida de Bobster, ficou provado o quanto essa frase era relevante.

Devo esclarecer agora que não foi graças à polícia que essa verdade foi descoberta, embora ela tenha ficado com o crédito, na época. Não, as circunstâncias que envolveram a morte de Bobster teriam ficado ocultas até hoje se dependesse da polícia. Foi resultado da persistência de um indivíduo extraordinário, que eu estava destinado à conhecer alguns dias depois do curioso acontecimento e que iria influenciar profundamente a minha vida. Refiro-me, naturalmente, àquele gênio da dedução, o Sr. Sherlock Holmes.

Estou escrevendo em outro século, nos primeiros anos do século XX (no qual, devo confessar, sinto-me muito menos à vontade do que no confortável século de Vitória), mas posso ver Holmes agora, irrompendo no escritório de Lestrade, na Scotland Yard (naquela época ele era sargento-detetive) para convencê-lo de se encarregar do caso. Posso ouvir sua voz vigorosa, repleta de jovem impetuosidade, implorando a Lestrade para ser menos dilatatório. Lembro-me da fúria ardente de Holmes quando o presunçoso detetive se recusou a levá-lo a sério.

Bem, tudo isso foi há quarenta anos. Quando pergunto a mim mesmo por que os acontecimentos daquele inverno vivem ainda tão claros em minha mente, sei que a resposta está nas peças que o tempo prega. À medida que diminui nossa expectativa de vida, o passado se expande em fólios cada vez mais iluminados: as melhores experiências da juventude brilham com maior intensidade. A morte de Bobster viria a

ser o primeiro fio de complicada teia para a qual Holmes me atraiu.

Foi seu primeiro caso. O fato de jamais ter sido registrado, começou a me perturbar. Sinto como se tivesse negligenciado minha responsabilidade para com um homem famoso, que foi também meu melhor amigo. Afinal, ele não me chamou, certa vez, de seu Boswell? É verdade que isso foi dito em um dos seus momentos de grande irascibilidade. Johnsoniano até certo ponto, mas tenho certeza de que sua intenção foi a de me elogiar. Naquela época eu havia demonstrado considerável relutância em me deixar envolver, mais uma vez, em outra de suas aventuras (a que contei em “Um Escândalo na Boêmia”) mas tenho certeza de que seu pedido era feito de coração. “Fique onde está, doutor”, comandou ele, “sem meu Boswell, estou perdido.” Como resistir a tal pedido?

Assim, achei que devia mais uma vez desempenhar meu papel de Boswell, relatando o primeiro caso em que Sherlock Holmes e eu nos envolvemos. Começarei com aquela fria noite de dezembro de 1870, a noite da morte de Bobster, que a vantagem do tempo passado me permite reconstruir...

Embora nevasse pesadamente, nada poderia abater a sensação de bem-estar do Sr. Bobster, quando saiu do seu escritório em Mayfair. Trancando a porta da rua, pensava que aquele ano tinha sido especialmente pródigo para a profissão de contador. Naturalmente, isso era um barômetro do estado da própria nação. A despeito de alguns problemas incipientes com os irlandeses e o problema aparentemente insolúvel do desemprego, a Inglaterra ainda era o país mais rico do mundo. Essa supremacia fora favorecida pelo colapso total da França

naquele ano, com sua rendição aos prussianos. Agora, nenhuma potência podia disputar com Londres o título de capital financeira do mundo. Naturalmente, sempre havia os que esbravejavam contra a injustiça social, entre eles o Sr. Gladstone. No seu segundo ano como primeiro-ministro, estava aplicando uma política radical que, para muitos, ia prejudicar a economia e abater o moral do Império. Mas o Sr. Bobster sabia que, no comércio, a matéria manejada é a realidade, não ideais. A verdade nua e crua era que, para crescer, um país precisa de mão-de-obra barata; para manter baixos os salários precisa ter uma centena ou mais de candidatos para cada emprego disponível. Planos ousados, como o de Gladstone, de tornar compulsório o ensino para crianças até doze anos, não traziam nenhum benefício. Não havia futuro nesse tipo de tolice e o Sr. Bobster acreditava que as próprias classes trabalhadoras sabiam disso. Não se sentiriam à vontade competindo com seus superiores.

Quando começou a andar na rua apinhada, onde as carruagens emparelhavam com ônibus puxados a cavalo em um fluxo contínuo de tráfego, tudo que o rodeava parecia confirmar suas teorias. Ao longo da calçada de pedra, as vitrines das lojas estavam enfeitadas para o Natal. Nem sinal de um rosto triste. O vendedor de fósforos o cumprimentou alegremente; uma mulher que oferecia lavanda lhe desejou uma noite agradável. Um jovem e animado vendedor de tortas alardeava robustamente a qualidade das mesmas. Satisfeito, o Sr. Bobster acendeu um charuto, cujo aroma se misturou agradavelmente ao cheiro apetitoso das castanhas

assando sobre o carvão quente. Consolou-o a idéia de que nada havia de errado com a maior cidade do mundo.

Os amigos às vezes perguntavam ao Sr. Bobster porque, com setenta anos, não havia ainda se aposentado, para levar uma vida pacata no campo. Eles simplesmente não o conheciam. Gostava da vida na cidade e do hábito de ganhar dinheiro. Abandonar isso agora, na certa encurtaria sua vida. Além disso, desfrutava o melhor dos dois mundos; passava a semana em Londres, onde tinha um pequeno e conveniente apartamento, e nos fins de semana, às vezes, ia para sua casa em Norfolk, onde sua mulher, nunca de perfeita saúde, desfrutava o prazer da companhia da única filha solteira. Fins de semana tediosos (terrivelmente tediosos, para ser honesto), para um homem tão mundano e tão viajado quanto ele. Nisso residia sua única mágoa, que ocasionalmente o entristecia. Perdera o contato com amigos da infância, os colegas da escola da sua juventude. Lembrava-se dos rostos animados (sem dúvida, irreconhecíveis agora), a abundante energia que tinham então, e o tempo que havia passado com um grupo deles sob os céus do Oriente. Pois entre suas lembranças mais queridas estava o ano que passara no Egito com um grupo dos seus contemporâneos, tempos atrás.

Protegido do frio no seu sobretudo forrado de pele, o chapéu tipo chaminé sobre as suíças espessas, era fácil sentir saudades daquela terra dourada, da camaradagem que conhecera sob o sol do deserto. Agora que sua barriga estava flácida e os olhos pareciam contas no rosto gorducho, era fácil suspirar pela juventude perdida e seus encantos. Mas procurou se controlar. Saudades eram para os velhos e os fracassados. O

Sr. Bobster acreditava que tinha ainda muito para viver. O que precisava realmente era de um ótimo jantar.

Tentaria o Escoffier's? O novo mestre-cuca, um fugitivo francês da queda de Paris, era considerado um artista. Nessa mesma manhã um colega tinha recomendado o Escoffier's sem reservas, mencionando especialmente *cervelles en matelote*. Os sucos digestivos do Sr. Bobster haviam se produzido abundantemente durante a descrição daqueles miolos tenros de vitela, cozidos em molho de vinho e depois esfriados, para serem servidos firmes e suculentos com molho de manteiga e alho. Um Maçom branco seria o único acompanhamento possível, resolveu o Sr. Bobster. Ou deveria ser mais inglês conservador e preferir o Simpson's? Esse excelente restaurante, no Strand, provavelmente serviria um assado de coelho ou outra coisa tradicional e, naturalmente, seria seguido do irresistível Pudim do Gabinete, o favorito do Sr. Disraeli. Pensou em tomar um táxi até o elegante St. James Hall, em Piccadilly, onde os bons pratos básicos eram peixe grelhado, codorna assada (quando era tempo de codorna) ou salmão em pickles. Pensou também no Pimms, o restaurante especializado em carnes, inaugurado naquele ano perto de St. Paul e que já era célebre por seus aperitivos.

Distraído com esses pensamentos culinários, quase passou pela Maison Panton's sem um olhar para a sua vitrina. O cardápio estava na porta de vidro e o Sr. Bobster disse para si mesmo que seria tolice ir mais longe, quando aquele esplêndido lugarzinho estava ali. Sempre fora bem tratado naquele restaurante e sempre ficara satisfeito. Na verdade, o modo como preparavam o faisão era notável. Sabiam

exatamente quanto tempo o pássaro devia ficar dependurado e antes de cozinhá-lo tinham o cuidado de envolver o peito em *bacon* e rechear com cebolinha. Eram muito minuciosos com as guarnições e nunca deixavam de incluir agrião e bolinhos de carne moída. Se faisão constasse do cardápio, ele não iria além da Maison Panton's.

Mas o Sr. Bobster estava sendo seguido. Uma figura estranhamente vestida surgira de um beco e o seguia furtivamente. O tipo sinistro, envolto em uma capa esvoaçante e o rosto escondido por um chapéu de abas largas, mantinha-se a certa distância de Bobster, aparentemente com más intenções. Se Bobster não estivesse tão preocupado com as delícias da mesa, poderia ter ouvido, sobre o ruído do tráfego, um som estranho que chamaria sua atenção para a grande figura do homem. Pois a cada movimento, um balangandã de ouro, preso a uma pulseira tilintava como um sino. O faminto contador só pensava no faisão. No instante em que Bobster verificou que seu prato estava no cardápio, outra coisa aconteceu. Sentiu uma dor aguda e rápida como se uma agulha tivesse picado sua nuca. Levou a mão ao lugar da picada. Não viu sinal de sangue e, erguendo os ombros, entrou na Maison Panton's, sem perceber que a estranha figura havia atirado um dardo com uma zarabatana e desaparecido na noite.

Sentado agora no restaurante aquecido, descansado entre os odores apetitosos, Bobster, enquanto esperava ser servido, bebericou um Madeira bastante razoável. O restaurante estava cheio, a maioria casais, mas Bobster não achava que o prazer da boa comida precisava ser necessariamente realçado

por uma companhia. Ao contrário, a cerimônia de jantar fora era muito melhor apreciada sozinho, sentado na frente da toalha de linho engomada e atenciosamente atendido por garçons respeitosos. Era nisso que Bobster pensava quando enfiou a ponta do guardanapo entre os botões da camisa e o *maître* colocou na sua frente uma travessa brilhante, levantando a tampa para mostrar o gordo faisão. Bobster chegou a babar. Armado de garfo e faca, preparava-se para cortar o primeiro pedaço quando aconteceu uma coisa terrível. O pássaro criou vida!

Saltou da travessa! Gritou e crocitou! Atacou-o com garras afiadas como navalha e com o bico agressivo. O pássaro dilacerou seu rosto e seu peito, ensangüentando-o em uma carnificina insana. Em vão tentava se proteger, os ataques do pássaro não cessavam. Aterrorizado, levantou-se. Agarrou o faisão com suas mãos laceradas e atirou-o no chão. “Meu Deus”, ouviu a própria voz exclamar, deixando-se cair exausto na cadeira. Só então percebeu que era o centro das atenções. Fregueses, garçons e até os cozinheiros, vindos da cozinha, olhavam para ele sem compreender. Bobster ficou furioso. Tinham visto o que acontecera. Acabava de lutar por sua vida. Mas não havia naqueles olhares nenhuma simpatia, apenas atônito ressentimento. Então percebeu que o faisão estava outra vez na travessa. Examinou as próprias mãos. Nem um arranhão. Sua roupa estava em ordem. Tudo perfeitamente normal. A não ser pelas expressões das pessoas que olhavam para ele de todos os lados, nada sugeria que algo de anormal tivesse acontecido. Embaraçado e agora assustado também, levantou-se e saiu do restaurante.

Quando chegou em casa, o Sr. Bobster havia recuperado um pouco da calma. Suspeitou ter sido vítima de uma alucinação. Pensando na cena que acabava de representar, riu nervosamente. Os fregueses da Maison Panton's, sem dúvida, estavam ainda se recobrando do susto, pois os ingleses acham difícil desculpar qualquer falta de controle em público, especialmente na presença das classes mais baixas. Os garçons, naturalmente, deviam ter concluído que ele estava bêbado. Começou a se sentir um pouco melhor.

O nervosismo voltou, ao notar que os dois vigorosos cavalos de pedra sobre os pedestais, um de cada lado da escada, tão familiares para ele que mal os notava, pareciam ameaçá-lo. Chegou diante do apartamento e pôs a chave na fechadura. Subitamente, a fechadura se transformou em uma boca escancarada, com dentes enormes, pronta para devorá-lo! Abocanhou sua mão! Ele gritou. A boca começou a morder seu braço. Contudo, quando conseguiu se livrar, chocado ao máximo, não viu nenhuma boca, nenhuma mão ensangüentada, apenas um buraco comum de fechadura. Não estava ferido. Tudo estava normal.

Suando frio, o Sr. Bobster entrou no apartamento e trançou a porta. O ambiente familiar do seu quarto o acalmou. As luminárias presas na parede com suportes de bronze espalhavam uma luz reconfortante. Até do cabide de mogno trabalhado, no qual dependurou o chapéu e o sobretudo, fluía a sensação de segurança. Afinal estava a salvo, em casa. Lavou o rosto no lavatório e enxugou-o na frente do espelho. Então, viu o chapéu que deixara no cabide voar em sua direção e pousar com precisão em sua cabeça. Era demais! Quem estaria

fazendo essas estranhas brincadeiras? Reunindo suas últimas reservas de controle, voltou para perto do cabide, dependurou o chapéu novamente e, com um desdenhoso erguer de ombros, deu-lhe as costas. Mas não antes que dois dos braços do cabide se estendessem e se enrolassem em volta do seu corpo. Num extremo de terror, ele lutou para se libertar, mas os tentáculos aumentaram a pressão, agora ajudados por mais dois, que apertavam sua garganta com força estranguladora. Agora não podia nem gritar. Além disso, os suportes das lâmpadas, como braços, juntaram-se ao ataque. Cada um segurava uma bola de fogo, que jogaram para o ar. Uma caiu sobre a cama, a outra num armário. Foram seguidas de outras e logo havia bolas de fogo aterrissando em toda a parte e o apartamento estava envolto em chamas. Com um esforço sobre-humano, Bobster se libertou. Precisava sair. Mas a porta estava ardendo e a única saída era pela janela. O Sr. Bobster saltou, quebrando os vidros e aterrissando na calçada gelada. Seu corpo bateu no chão com um terrível ruído surdo. O Sr. Bobster estava morto. Depois de se certificar disso, uma figura encapuzada fugiu, dobrando a esquina — acompanhada por um som curioso e plangente de sinos.

Capítulo Dois

COMPLETEI DEZESSEIS ANOS NAQUELE ANO E ACABAVA DE sair da escola em Carlisle, ao sul da fronteira com a Escócia. Esse desafortunado estabelecimento, nunca muito bem-dotado, finalmente sucumbira sob uma montanha de dívidas e de anuidades não pagas. Quando a escola fechou, meu pai

resolveu mandar-me para a Escola Brompton, em Londres, em South Kensington, recomendada por um amigo. Quem era esse amigo nunca vim à saber, mas posso garantir por experiência própria que não era um bom juiz de instituições acadêmicas.

Minha ambição era seguir os passos do meu pai e ser médico; esperava-se que Brompton me preparasse para o curso de medicina na Universidade de Londres. O fato de ter conseguido me formar, o leitor vai finalmente compreender, foi mais a despeito dos anos que passei em Brompton do que devido aos duvidosos benefícios que me trouxeram. Desde o começo, meus estudos foram prejudicados, não apenas pelo baixo padrão dos professores como também pela companhia que escolhi.

Essa última observação faço com certas restrições, porque, olhando para trás, vejo que ter conhecido Sherlock Holmes tão intimamente, como estava destinado a conhecê-lo, foi um privilégio excepcional, embora muitas vezes eu tenha me revoltado contra seu torturante egocentrismo e egoísmo vulgar. Mas fui para a universidade e, em 1878, recebi o diploma de doutor em medicina. Tornei-me então cirurgião do exército, designado para o Quinto Regimento de Fuzileiros de Northumberland, e depois dos Berkshires, com os quais servi na fatal batalha de Maiward (1880), cenário da sangrenta derrota dos ingleses por Ayub Khan.

Escrevi sobre isso nas minhas memórias (*Reminiscências de John Watson, M.D.*, hoje do Departamento Médico) publicadas em 1882 sob o título “Um Estudo em Vermelho”. Na obra conto como nessa batalha fui ferido no ombro por

uma bala *jazail*, que esfacelou o osso e passou raspando pela artéria subclavicular. Eu teria sem dúvida caído nas mãos dos assassinos *ghazis* se não fosse pela coragem do meu ajudante, que jogou-me sobre um cavalo e conseguiu levar-me a salvo até as linhas britânicas.

Durante meses estive entre a vida e a morte até que consegui me recuperar no hospital de Peshawar. Finalmente fui embarcado no transporte de tropas *Orontes* e um mês mais tarde cheguei a Portsmouth com a saúde irremediavelmente arruinada. Meus pais estavam mortos e eu não tinha amigos e nem parentes na Inglaterra. Com alguma relutância, resolvi que as perspectivas para um médico deviam ser melhores, em Londres, cidade que, desde os meus dias de colégio, eu considerava como uma pocilga, para a qual todos os desocupados do Império eram irresistivelmente atraídos. Fiquei alguns meses em um hotel particular no Strand, levando uma existência vazia e sem conforto, mantendo-me com uma pensão inadequada. Mas, naturalmente, tudo isso e os anos seguintes com Holmes, em Baker Street, 221b, são águas passadas. Contudo, naquela tristonha tarde de dezembro, quando cheguei a Londres para me instalar no Velho Broms (como chamávamos familiarmente aquele estabelecimento destinado à educação dos filhos das classes profissionais), tudo estava ainda no futuro.

Naqueles dias podia-se dizer, sem faltar com a verdade, que eu era um menino gorducho. Sou ainda o que se pode chamar de rotundo, mas a rotundidade aos sessenta anos dificilmente é motivo de comentários. Favorece até um ar de

solidez. Mas para um menino de escola não é nenhuma vantagem. Eu era também de baixa estatura, com cabelos castanhos rebeldes que nenhuma quantidade de brilhantina conseguia dominar. Considero minha aparência suficientemente importante para ser citada, porque pode ajudar o leitor a compreender minha disposição geral. Pois, a popularidade que não podia conseguir por meio de dotes físicos, eu criava com meu bom temperamento e caráter amistososo, além do dom de saber apreciar o valor dos outros.

Confesso também que meu hábito de “lambiscar” não tinha ajudado minha aparência física. Desde a infância, sempre gostei de mastigar o tempo todo, infantilidade talvez, mas infinitamente tranquilizador em momentos de tensão. Lembro-me até mesmo que na minha primeira viagem para o Old Brooms comprei de um vendedor ambulante algumas pequenas tortas frescas. Sinto o gosto até hoje, o sabor picante da noz-moscada e o recheio cremoso de ovos. Sempre gostei desse tipo de doce, até hoje. (Em Baker Street, nossa governanta, a Sra. Hudson, ocasionalmente fazia algumas para mim, naturalmente sem o conhecimento de Holmes.) Portanto, o hábito de lambiscar contribuiu para os pneus em volta da minha cintura e a impressão de que uso roupas apertadas. Mas foi sempre um infalível estímulo moral.

Entretanto, essa não era minha maior preocupação naquele primeiro dia em Londres. Assustava-me a idéia de morar na grande cidade. Desde menino sempre me senti como um jovem do campo e já sentia a falta das vastas planícies de Northumberland e do doce perfume dos bosques. Para meu

olfato ainda não condicionado, Londres fedia a esgotos putrefatos, suor, fuligem de chaminés e estrume de cavalo e era insuportavelmente barulhenta. Coches, carroças e ônibus puxados a cavalo (os homens na parte de cima, expostos ao tempo, as mulheres protegidas, na parte de baixo) disputavam o espaço nas ruas apinhadas de tráfego. Olhando pela janela do meu transporte sacolejante e açoitado pela neve, todo o horror daquele lugar me atingiu em cheio. Era a maior cidade do mundo, mas essencialmente corrupta. Crianças maltrapilhas encolhiam-se sob marquises de pedra, rostos tristonhos, maltratados pelo frio. Vendedores de maçãs e pãezinhos e outros ambulantes abrigavam-se, fugindo da neve, sob barracas improvisadas, enquanto os privilegiados disputavam os carros de aluguel. Aqui e ali, sobre viadutos e pontes, passavam sobre nós máquinas fumacentas com completo desprezo pela condição humana.

Na verdade, nos últimos números do *Times* que meu pai me mandava depois de ter lido (sempre, eu notava, sem a coluna de óbitos, pela qual, talvez, como médico que era, tinha especial interesse) eu tomara conhecimento dos muitos perigos da capital e da sua tremenda incidência de acidentes e crimes. As pessoas eram esmagadas por cavalos; saltavam de telhados e caíam em poços naquela cidade repleta de escavações e construções. Eram atropeladas pelas máquinas a vapor e engolidas por fornalhas. Do Tâmisa eram recolhidos corpos de londrinos, cerca de uma centena por mês, geralmente com o pescoço cortado! Assassinatos e raptos eram tão comuns que não se preocupavam em anotá-los estatisticamente. Havia mais de 36 mil fotografias de

criminosos conhecidos nos arquivos da polícia e um número maior desconhecido das autoridades. O roubo e o assalto nas ruas atingira proporções incríveis e a perda de propriedade era calculada em mais de um milhão de libras por ano.

As sociedades secretas floresciam, a maioria delas para fins ilegais, desde fanáticos anticzaristas, que procuravam prejudicar os refugiados russos miseravelmente instalados nos bairros pobres do East End, até as irmandades de fumadores de ópio de Chinatown. Eu havia lido que, nas partes mais pobres e nos becos imundos do cais do porto, bêbados e mulheres desclassificadas lutavam a fim de conseguir alimento para os filhos famintos; e se havia alguma luz nas suas habitações coletivas super povoadas, esta provinha dos mais baratos lampiões de óleo de baleia, cuja chama tremeluzia na escuridão abafada. Na maior e mais rica cidade do mundo, dos seus quatro milhões de habitantes menos da metade tinha emprego legítimo e estável. Mesmo com todo o orgulho que eu sentia pelo Império não poderia deixar de pensar, às vezes, que as classes trabalhadoras daquela cidade traiçoeira e violenta pagavam um preço terrível pela glória e pela riqueza que o país havia adquirido. Apesar de tudo isso, nada podia ter me preparado para a aventura que me esperava e nem para o extraordinário indivíduo que mudaria a minha vida.

Minha carruagem parou ao lado de uma passagem em arco que formava a entrada do colégio. Abrigava a casa do porteiro e conduzia a um quadrado coberto de neve. A solene antiguidade do lugar aumentou minha impressão de presságios. Tentei afastá-la enquanto o cocheiro descarregava

minha bagagem. Afinal, era só uma escola. Ainda assim, eu conhecia uma parte de sua história cheia de altos e baixos. Um planta-geneta (Henrique VI) fizera construir o primeiro prédio para uma escola de crianças desprivilegiadas. Seu sucesso fez com que fosse usurpada pela nobreza e durante um século seus filhos estudaram nela. Cromwell mandou fechá-la devido a rumores de degeneração. As adições à estrutura original refletiam seus usos subseqüentes. Fora usada como hospital para agonizantes, quartel militar e prisão para devedores. No começo do século XIX algumas famílias católicas, devido ao preconceito dos estabelecimentos protestantes, reuniram-se para formar a escola que existe hoje, dando-lhe o nome que tem por ficar perto de Brompton Road e do famoso Oratório. Naturalmente não podia ser comparada com Eton ou Harrow, ou mesmo com Winchester, em prestígio, mas havia enviado sua quota significativa de jovens para a morte ou para a mutilação das guerras punitivas do Império. Produzira também um cardeal, vários parlamentares e recrutas da Companhia das Índias Orientais, bem como um general e um missionário super dedicado que os nativos da Nova Guiné cozinharam e comeram! Talvez, pensava eu ironicamente, acompanhando o carregador, este último fato fosse a base da estima que meu pai tinha pela escola: uma vida inteira de prática da medicina fizera dele um agnóstico!

Acompanhei o carregador atravessando o imenso vestíbulo, no qual uma lareira enorme, repleta de toros de madeira, não estava ainda acesa. Telas com molduras trabalhadas, representando batalhas muito antigas, empalideciam sob uma

patina de fuligem. Espelhos enfumaçados no ar frio, colocados muito alto nas paredes, refletiam somente uns aos outros. Armários com portas de vidro estavam agressivamente repletos de troféus esportivos e armas. A cabeça tristonha de um gamo parecia meditar sob uma galeria. Ao lado de armaduras medievais, uma mostra de ornatos tribais, roubados na África, parecia extremamente deslocada.

Subimos os três lances da escada de pedra e chegamos a um corredor em cujas paredes pendiam placas comemorativas dos que haviam perecido em vários séculos de guerras. Um letreiro nos conduziu ao dormitório Wellington, em honra do duque do mesmo nome. Era um salão longo, de teto baixo, cujo formato retangular e vigas de madeira sugeriam que devia ser a parte mais antiga do prédio. Seu interior confirmava essa sugestão. Na verdade, acho que até mesmo aquele popular romancista, o falecido Sr. Charles Dickens (que falecera naquele mês de junho) não poderia ter idealizado um dormitório escolar mais espartano. Dos dois lados havia fileiras de camas a pouca distância umas das outras. Ao lado de cada uma, uma cadeira e uma mesa pequena e o efeito era de deprimente uniformidade. Vários alunos estavam presentes, todos com terno preto igual e camisa branca com colarinho de ponta virada. Alguns estudavam, outros conversavam, mas nenhum deles estava suficientemente ocupado para deixar de me examinar com atenção. Encontrei minha cama e sentei-me nela. Sentia-me extremamente abatido. Todos me pareciam desinteressantes.

Continuaram a me observar enquanto desfiz as malas, mas fingi não perceber. Isso foi facilitado pelo fato da minha

atenção ter sido atraída pelo estado caótico da cama e da mesa ao lado da minha. Cada centímetro estava tomado por uma extraordinária variedade de objetos. Havia vários frascos de cristal, um bico de Bunsen, alguns recortes de jornais com as pontas dobradas, um microscópio, acessórios para maquilagem e disfarce, uma pilha de folhas de música e muitos livros, a maioria sobre mistérios e crimes. Fiquei satisfeito ao notar que as histórias de Edgar Allan Poe estavam entre eles, porque nas férias escolares eu passara horas agradáveis escrevendo um ensaio sobre a vida e a obra desse fascinante escritor. Fosse quem fosse o ocupante daquele espaço, sem dúvida tinha interesses vastos e variados, incluindo, ao que parecia, a possibilidade de voar, pois na parede ele havia colocado reproduções dos desenhos que Da Vinci fez da sua máquina voadora.

Eu examinava aquela intrigante desordem quando percebi que alguém estava tocando violino. Eu digo *tocando violino*, mas a expressão é excessivamente elogiosa. Quem quer que estivesse passando crina de cavalo nas cordas de categut produziria um som ensurdecedor. Voltei-me à procura da origem daquela abominação. Sentado na frente de um atril, não muito distante, estava um rapaz que devia ser um ano mais velho do que eu. Lutava com o instrumento como se este estivesse procurando estrangulá-lo. Sua aparência me impressionou. Os olhos eram vivos e penetrantes, o nariz fino e recurvado. Esses traços emprestavam à sua expressão um ar de vivacidade e decisão. O queixo tinha a proeminência e a forma quadrada características do homem de distinção. Notei que suas mãos estavam manchadas de tinta e de outros

produtos químicos, mas possuíam uma delicadeza muito maior do que demonstrava sua pouca habilidade com o violino. Tudo nele sugeria certa displicência. Uma camisa de seda branca, desabotoada do pescoço até a cintura, usada fora da calça esporte listrada de negro, emprestava um ar byroniano à sua aparência. A impressão geral era de energia inquieta de corpo e de espírito. Levantou-se de um salto brusco e com um gesto de extrema impaciência abriu uma das janelas; parecia disposto a jogar o violino por ela.

— Pare! — exclamei.

Ele ficou imóvel e só então notou minha presença. Apontei para o violino.

— Não é valioso?

Seus olhos me desafiaram.

— O que é mais importante, o violino ou minha sanidade mental? — perguntou irritado. E, sem me dar tempo para responder: — Eu já devia ter aprendido a tocar esta coisa maldita.

— Há quanto tempo está aprendendo?

— Três dias.

Isso me divertiu.

— Bem, talvez deva ser paciente.

— Paciência é perda de tempo — respondeu ele bruscamente. Depois, com mais calma: — Mas talvez você tenha razão. — Suspirou. — Minha mãe teria ficado zangada. Ela me deu o violino como presente de aniversário. — Pôs o instrumento sobre a mesa. Notei que era muito magro e alto, mais de 1,80m, embora a magreza excessiva o fizesse parecer

mais alto. Então, seu rosto se iluminou maravilhosamente. — Você é o novo aluno — disse.

Estendi a mão.

— Sou transferido de outra escola. Meu nome é...

Ele me interrompeu.

— Espere, vou dizer.

Fiquei intrigado. Começou a me observar atentamente. Senti-me embaraçado. Aquele exame parecia emitir uma força invisível. Era forte e penetrante. Satisfeito com seus esforços, começou a falar:

— Seu nome é James Watson. É do norte da Inglaterra. Seu pai é médico. Você passa grande parte do seu tempo livre escrevendo. E tem uma predileção especial por tortas com creme. Estou certo?

Naturalmente fiquei atônito, além de um pouco ressentido pelo fato de um completo estranho me conhecer tão intimamente. Um tanto bruscamente, eu disse:

— Meu nome não é James. É John. — Mas minha voz parecia um lamento.

— James... John... Qual a diferença? — disse ele, irritado.

— É uma grande diferença — respondi, com alguma força!

— Muito bem — concordou ele. — Seu nome é John. — Mas, evidentemente, estava ansioso para saber se havia acertado o resto.

Não consegui esconder a admiração.

— Acertou em tudo o mais. — Estava morrendo de vontade de saber como conseguia aquilo. — É algum tipo de mágica?

Ele sorriu benevolmente.

— Nada de mágica, Watson. Dedução pura e simples. Em primeiro lugar, por favor, observe a etiqueta no seu colchão. Diz “J. Watson”. Escolhi um nome comum começado com J. Embora tenha escolhido James, minha segunda opção teria sido John.

— Naturalmente. — Acho que eu parecia um tanto em dúvida, mas ele continuou a me espantar.

— Esse tipo de sapato que está usando não é comum nas cidades — disse ele. — São sapatos de homens do campo, que lembro-me de ter visto quando fiz uma breve visita ao norte. O dedo médio da sua mão esquerda tem um calo. Sempre a marca registrada de um escritor. E você tirou da mala a *Hunter's Encyclopedia of Disease*.

— E daí?

— Bem, não é uma obra de referência acessível ao público em geral. Entretanto, é encontrada nas bibliotecas das escolas de medicina e da maioria dos médicos. Uma vez que alguém com sua idade não poderia ter freqüentado a escola de medicina, devia ser um dos livros de uma pessoa muito chegada a você, uma pessoa que se preocupa com a sua saúde, tão longe de casa. Alguém muito querido para lhe emprestar esse livro. Seu pai. Médico?

— Sim — confirmei. — E as tortas de creme?

— Simples. Há uma nódoa amarela típica em sua lapela. Exatamente da cor do creme que usam nas tortas daqui do sul

da Inglaterra. Além disso, seu físico me diz que deve comer tortas com muita freqüência.

— Não precisa ser grosseiro — repliquei secamente, mas o ressentimento que comecei a sentir com aquele insulto gratuito (pois era assim que eu considerava sua observação) foi interrompido pelo sino da escola.

— Vamos, não temos o dia todo — disse ele, apanhando um livro que estava sobre a mesa e fazendo sinal para que eu o seguisse.

— Aonde vai?

— Aula de Química, naturalmente. É claro que não vai querer perder essa aula.

Eu poderia ter observado que acabava de chegar, mas o entusiasmo dele era contagiante.

— A propósito — eu disse quando saíamos do dormitório — qual é o seu nome?

— Holmes — disse ele. — Sherlock Holmes.

Atravessamos o quadrilátero medieval que dava para o que pareciam passagens clandestinas para claustros e escadas de pedra. Lâmpadas de gás brilhavam atrás dos vitrais das janelas, antecipando o ocaso de inverno. Um cenário repleto de fantasmas dos séculos. Quantos jovens, pensei, devem ter atravessado este pátio antes de mim, uns destinados à liderança, outros fadados ao fracasso, a maioria com vidas comuns não tocadas pela grandeza e nem pelo desespero insuportável. No centro erguia-se a estátua do fundador da escola, aquele piedoso monarca que havia morrido na Torre. Sob sua efígie estava um grupo de rapazes batendo os pés na

neve sob o frio intenso, seus hálitos quase sólidos no ar gelado.

Mas meu novo companheiro parecia insensível ao frio. Enquanto atravessávamos o pátio coberto de neve, ele fazia uma preleção sobre dedução.

— A mente dedutiva nunca descansa, Watson — dizia ele. — É muito parecida com um instrumento perfeitamente afinado. Exige atenção e prática constantes.

— E como é que se afina a mente com perfeição? — Acho que minha voz tinha um pouco de complacência.

— Com equações matemáticas, problemas de lógica, adivinhações. Por exemplo, você está em uma sala com vista para o sul. Um urso passa lá fora, perto da janela. De que cor é o urso?

— Vermelho — respondi, considerando a pergunta ridícula. — O urso é vermelho.

Holmes olhou-me com desprezo.

— E por que cargas-d'água o urso seria vermelho?

— Porque o sol do sul está brilhando intensamente e o urso reflete sua cor.

Agora a expressão dele era de incredulidade.

— Para dizer a verdade, é a resposta mais absurda que já ouvi. Quem falou em sol do sul? Eu disse, uma *paisagem* do sul.

— Ah!

— Você precisa pensar, Watson. Não se apresse. Examine a pergunta. Estude-a peça por peça. — Balançou a cabeça com desânimo. — Vermelho! — repetiu com incredulidade.

Eu me senti muito pequeno,

Batemos com os pés no chão antes de entrar na sala de química. O professor, Sr. Snelgrove, me apavorou, pois, se seu desempenho representava o padrão didático de Brorhpton, minha educação seria notável pela mediocridade. O homem era senil: seu rosto parecia uma ameixa seca. Tinha o hábito de parar no meio de uma frase e ficar olhando para o ar, depois do que parecia uma eternidade, repetia a última palavra que dissera, não uma, mas várias vezes. “Combinando as doses certas de potássio de sódio... (longa pausa)... sódio, sim, sódio, poderão completar a experiência... experiência... experiência”, e assim por diante. Às vezes mergulhava num vazio tão completo que só o barulhento pigarrear dos alunos o trazia de volta à realidade.

— Que coisa mais sem graça — ouvi Holmes dizer quando o velho pegou com mãos trêmulas um tubo cheio de cristais. Despejou-os em um frasco contendo um líquido claro, que tomou a cor laranja intensa. Devíamos repetir a experiência que ele acabava de demonstrar, mas Holmes não se deu ao trabalho, contentando-se em observar o que eu fazia. Nesse momento, ouvimos uma batida discreta na janela ao nosso lado. Uma jovem enfiou um bilhete na pequena abertura sob o vidro e Holmes o apanhou rapidamente. Percebi o olhar amoroso que trocaram e espantei-me por ver uma moça, além do mais, extremamente bela, dentro da escola que, eu acreditava, era um estabelecimento só para homens. Ingenuamente, eu disse:

— Holmes, era uma moça!

— Brilhante dedução — respondeu ele. Mereci o sarcasmo. Holmes desdobrou o bilhete.

— Mas quem é ela? — perguntei. — O que está fazendo em uma escola masculina?

— Ela mora aqui — respondeu Holmes. — Chama-se Elizabeth. Seus pais morreram há três anos num trágico acidente em Filadélfia. Elizabeth veio então morar com o tio, o Professor Waxflatter, que lecionava aqui. Quando ele se aposentou, os diretores da escola permitiram que continuasse morando no seu apartamento. O professor é o guardião de Elizabeth.

Holmes leu o bilhete e deu uma risadinha satisfeita. Então, estendeu-me o pedaço de papel. Era uma espécie de poema.

— O que acha? — perguntou. Li a poesia:

Dois cérebros se fundem em um só
Onde as folhas do conhecimento estão guardadas
Perto dos homens de palavras dançantes
Quando o relógio forma um L perfeito.

— Bobagem — eu disse.

— Ao contrário, Watson, é uma mensagem muito inteligente.

Explicou o significado do bilhete.

— Elizabeth está dizendo que gostaria de estudar comigo ou, como diz a poesia, quer que nossas mentes se confundam numa só. Quer se encontrar comigo na biblioteca, “onde as

folhas do conhecimento são guardadas”. Livros, meu caro Watson, são as folhas do conhecimento. Quer se encontrar comigo na biblioteca, “perto dos homens das palavras dançantes”. Quer dizer, naturalmente, a seção de poesia da biblioteca. Exatamente às três horas.

— Quando o relógio forma um L perfeito — interrompi.

— Muito bom, Watson — observou ele.

Mas para mim era um meio de comunicação pretensioso demais. Holmes, porém, parecia muito feliz por ela ter tido tanto trabalho.

Afinal, terminei a experiência. Meu frasco continha agora um líquido cor de laranja.

— Bravo — disse Holmes, dando-me indulgentes pancadinhas nas costas — mas isso é só o começo.

Então, com a velocidade da luz, ele apanhou o frasco, ergueu-o e piscou um olho para mim.

— Agora, um pouco de diversão — disse Holmes, misturando outras substâncias no frasco.

O resultado foi espetacular. A mistura borbulhou e ferveu. Fagulhas saltaram do frasco, transformando-se em bolas luminosas. Um verdadeiro espetáculo pirotécnico até que, em um final maravilhoso, a grande explosão cor de laranja iluminou todo o laboratório. Os alunos aplaudiram. Mas Snelgrove ficou extremamente perturbado. O vaidoso velho pedante jamais perdoaria a Holmes aquela exibição impertinente.

— Fazemos uma boa dupla, Watson — disse meu companheiro. Eu estava disposto a me aquecer no calor da sua glória. — Vamos chegar atrasados na biblioteca.

Realmente chegamos atrasados, mas unicamente por culpa de Holmes. Insistiu em parar para comprar o jornal, depois outra parada na farmácia, onde comprou um vidro de xarope para a tosse do qual tomou um grande gole, ali mesmo. Então disse que conhecia um atalho que nos pouparia tempo. O atalho era uma passagem na área onde os incineradores da escola despejavam o lixo. O calor dos incineradores havia transformado a neve num lamaçal e a travessia foi árdua. Holmes culpou-me pelo atraso e quando chegamos à biblioteca foi diretamente para a seção de poesia. Notei seu prazer ao verificar que Elizabeth permanecia à sua espera e a expressão oposta ao perceber que não estava sozinha. Conversava com um jovem que, evidentemente, procurava impressioná-la. Naturalmente, pensei, tanta beleza deve provocar esse tipo de reação em muitos deles. Vivendo entre tantos adolescentes masculinos, devia estar acostumada com isso! Mas Holmes não reagiu desse modo. Sua atitude foi de hostilidade para com o belo rapaz, cuja aparência indicava ser filho de pais ricos. Mais tarde, vim a saber que Holmes e aquele jovem, que se chamava Dudley, eram inimigos mortais.

Dudley mostrava a Elizabeth um relógio de bolso de ouro, do qual parecia muito orgulhoso. Sem dúvida queria que ela o admirasse.

— Elizabeth estava admirando meu relógio — disse ele, voltando-se para Holmes, que segurou o objeto em questão e examinou-o cuidadosamente. — Os cavalheiros elegantes estão usando esse tipo de relógio — completou Dudley, com afetação.

— Caro?

— Foi comprado em uma joalheria londrina muito exclusiva.

Holmes pareceu duvidar.

— Acho isso pouco provável. Dudley se irritou:

— O que foi que disse?

— Se tivesse examinado seu relógio de bolso com cuidado — disse Holmes, com extrema condescendência — teria descoberto que seu estilo é oriental. O mostrador é suíço, eu garanto. — Sacudiu o objeto como se esperasse que algo chocalhasse dentro dele. — O mecanismo é italiano. Uma completa mistura. Seu elegante relógio é uma fraude.

Holmes não podia ter aceso um pavio mais explosivo. Dudley arrancou o relógio das mãos dele.

— Guarde suas opiniões para você mesmo, Holmes — disse com voz sibilante. Fez uma mesura para Elizabeth. Depois, beijou a mão dela, dizendo: — Espero ansiosamente a oportunidade de continuar nossa conversa. — Voltou-se acintosamente para Holmes. — Em circunstâncias de maior privacidade.

— Cretino vaidoso — resmungou Holmes, quando Dudley se afastou.

— Ele é bonzinho — insistiu Elizabeth.

— Por isso permite que ele a namore?

— Será que estou percebendo algum ciúme?

Ele negou vigorosamente.

— Sherlock Holmes com ciúmes! A palavra não existe no meu vocabulário.

— Nem tampouco pontualidade, ao que parece — replicou Elizabeth.

— Ah, compreendo. Ficou zangada porque me atrasei. Bem, desculpe, mas posso explicar. Você compreende, quando saímos da aula de Química...

— Espere, Holmes. Deixe que eu explico. — Ela queria, fazer o jogo de dedução de Holmes. — Depois da aula de Química, você correu até a banca de jornais para comprar o *Times*. Depois, foi rapidamente até a farmácia, a fim de comprar seu remédio para a tosse. Quando viu que estava atrasado, tomou o atalho.

— Muito bom — disse Holmes.

— Na verdade, muito simples — disse Elizabeth. — As pontas dos seus dedos estão manchadas de tinta de jornal. Seu hálito cheira a xarope, açúcar e codeína. E seus sapatos estão cheios de lama. A única passagem com lama, durante o inverno, é perto dos incineradores.

— Eu ensinei você muito bem — disse Holmes.

— Eu ensinei *você* muito bem — respondeu ela. Beijaram-se ternamente e achei que devia deixá-los sozinhos. Além disso, estava ansioso para explorar a biblioteca.

O cheiro de mofo sugeria que nos seus escuros recessos dormitavam livros que não eram lidos há anos. Fui até a seção de História. Parei na parte E-H e vi um volume de Heródoto, com uma encadernação tão rica e antiga que tive vontade de apanhá-lo. Mas estava alto demais.

Subi os poucos degraus ali colocados para esse fim e estava quase apanhando o livro, quando meus ouvidos perceberam um som tilintante. Vinha da outra escada de madeira, no lado

oposto da estante. Quando retirei o Heródoto, percebi que a pessoa que havia produzido o som ia tirar outro livro, na mesma posição daquele que eu acabava de apanhar. Pela abertura eu poderia ver quem era, mas isso não aconteceu.

Sempre desastrado com degraus, escorreguei e caí, aterrissando entre uma chuva de livros, incluindo o Heródoto. *Pam!* Na confusão, o tocador de sinos fugiu.

Elizabeth e Holmes foram me socorrer. Ajudaram-me a ficar de pé.

— Elizabeth — disse Holmes — quero que conheça meu novo amigo, o honrado, mas desajeitado Watson.

Naturalmente achei que o momento não era próprio para uma apresentação, muito menos com aquelas palavras, mas me controlei. Elizabeth percebeu meu embaraço e procurou me deixar à vontade. A sinceridade nos belos olhos foi um bálsamo para minha dignidade ofendida. Eu acabava de fazer outra amizade. E havia me esquecido completamente do Heródoto.

Quando, já recuperado, juntei-me aos meus companheiros para um passeio no pátio, senti-me muito bem com eles, pois, embora o relacionamento entre Holmes e Elizabeth fosse especial, era de tal natureza que não me excluía. Sua graça e seu porte eram dons bastante raros. Lembrei-me de Holmes ter-me contado sua história trágica e pensei que aquela maturidade precoce devia ser resultado do sofrimento. Perdas como a que ela havia sofrido formam nosso caráter ou nos arrasam: no caso de Elizabeth, dera-lhe uma compreensão muito além da sua idade.

Minhas reflexões foram interrompidas por uma voz que chamava: “Holmes, Elizabeth!” Olhamos na direção de onde vinha o chamado. Sobre um telhado, uma figura de aparência extraordinária acenava para nós. Vendo o cabelo branco, a barba vasta e grisalha, calculei que devia ter uns setenta anos, mas a agilidade dos gestos desmentia a idade. Estava excentricamente vestido também, comum pulôver brilhante e calções até os joelhos, seguros por suspensórios. Sobre a cabeleira despenteada, um boné de *tweed* de estilo muito original, em um ângulo insano, caído sobre um dos olhos. Era a figura mais estranha que meus olhos já tinham visto.

— Acho que resolvi todos os problemas, Holmes — gritou ele, saindo rapidamente do telhado e desaparecendo.

— Quem é ele? — perguntei, atônito.

— Meu tio — disse Elizabeth. Holmes completou:

— Rupert T. Waxflatter, professor de ciências, agora aposentado. Tem diplomas de química e biologia, profundos conhecimentos de filosofia, matemática e física, escreveu nada menos do que vinte e sete livros didáticos.

— Espantoso.

— E a maioria das pessoas pensa que ele é um lunático — acrescentou Elizabeth.

— Por quê? — perguntei, por delicadeza, pois para mim ele era tão louco quanto o chapeleiro de Alice. O que aconteceu a seguir confirmou essa opinião. O velho arrastava por uma rampa um estranho aparelho mecânico equipado com asas transparentes. Parecia um inseto monstruoso, mas, depois de um momento, compreendi que era uma máquina voadora. Lembrava os desenhos da máquina voadora encontrados nos

famosos livros de notas de Leonardo da Vinci. O professor amarrou em volta do corpo as correias da máquina, puxou uma alavanca na rampa e atirou-se no ar. A engenhoca voou!

Na direção, o velho pedalava furiosamente. Mas, depois de alguns momentos, as asas começaram a murchar e a máquina a descer. O vôo adquiriu um padrão perigoso e rodopiante. Era evidente que ia cair. Foi o que aconteceu, todo o aparelho se desintegrando entre as árvores, atirando o professor para o berço de galhos desfolhados de uma delas.

Corremos para a cena do desastre. A árvore salvara o professor, mas a máquina estava em pedaços. Nesse momento, um estranho apareceu, saindo de uma das misteriosas passagens do edifício. Era uma pessoa de idade, mal vestida, com a barba por fazer e olhos nervosos e evasivos. Olhou chocado para o desastre e desapareceu tão depressa quanto tinha surgido. Enquanto isso, tínhamos alcançado Waxflatter e o ajudávamos a se livrar dos galhos. Estava ileso. Só parecia preocupado com a máquina:

— Essa é a sexta — resmungou ele. — Seis tentativas fracassadas.

Recolhemos os pedaços e com esforço subimos os vários lanços da escada que levava à casa do professor.

A casa era um enorme sótão, que ele transformara numa espécie de laboratório. Parecia mais um depósito de lixo científico, uma cornucópia de idéias semi-realizadas, embora uma delas pelo menos, um imenso cronômetro de bronze, estivesse funcionando. Quase me matou de susto! Por toda a parte livros abertos para consulta, mapas do mundo e dos céus e modelos em diferentes estágios de evolução da máquina que

acabava de se dismantelar. O aposento, misto de oficina e moradia, refletia uma mente curiosa e um coração inquieto. Embora apinhado de papéis e de livros, não era claustrofóbico, porque tinha janelas a toda a volta com uma maravilhosa vista panorâmica de Londres. De uma delas vi pela primeira vez o Palácio de Westminster e o Big Ben.

— Moro aqui com meu tio — informou Elizabeth, como se fosse a coisa mais natural do mundo. — Quando ele se aposentou, a escola permitiu que continuasse morando neste sótão. Queriam que continuasse o seu trabalho.

— Naturalmente — declarei com pouca convicção, porque me parecia que o velho maluco nunca terminava coisa alguma. O sótão era um museu do que poderia ter sido. Mas Holmes estava entusiasmado:

— Passei muitas horas felizes aqui — disse ele. — O professor me ensinou mais do que dez mestres juntos.

Percebi então que havia um cachorro presente, um *terrier* Jack Russel, de diminuta estatura e muita vitalidade. Estava lambendo meu tornozelo.

— Diga alô ao Watson, Uncas — disse Elizabeth.

Uncas obedeceu e encorajei suas atenções, dando-lhe uma bala que havia comprado naquela manhã na estação de Euston. Lembrei-me que isso fora apenas há algumas horas, mas parecia uma eternidade. Ali estava eu, no meu primeiro dia na nova escola, na companhia de Holmes, Elizabeth, um adorável cãozinho e um inventor maluco!

O velho estava remexendo partes da máquina desintegrada, examinando cada uma delas com uma lente de aumento. Procurava defeitos.

— Encontrou a parte fraca, senhor? — perguntou Holmes, respeitosamente.

— Oh, fiz a bobagem de construir as asas com material inferior. Precisam ser reforçadas. Terei de reconstruir toda a máquina.

— Toda a máquina? Não vai ser difícil?

Waxflatter ergueu os ombros:

— Elementar, meu caro Holmes — respondeu. — Elementar.

Uma frase que eu ouviria muitas e muitas vezes, durante os anos seguintes. A julgar pelos sorrisos de Holmes e Elizabeth, eles também a tinham ouvido antes. Não era possível deixar de ser indulgente: o velho tinha um espírito indomável.

Mas, naquele momento, a porta do sótão foi aberta ruidosamente. Emoldurado pelo batente estava o misterioso estranho que aparecera brevemente no pátio, há pouco. Tinha um jornal na mão. O efeito sobre o professor foi traumático.

Ficou muito pálido. Prendendo Uncas em uma correia, disse para Elizabeth:

— Precisam me desculpar. Por que não leva Uncas para dar um passeio?

Elizabeth segurou a correia. Com pressa nervosa, o velho nos fez sair. Quando passamos pela porta, vi Holmes olhando para o jornal do homem misterioso. Um item se destacava,

por estar dentro de um círculo feito a lápis. Dizia: “Contador Londrino, Bentley Bobster, Comete Suicídio.” Ouvimos a porta ser trancada quando saímos.

Intrigados e em silêncio, voltamos para o pátio. Nenhum de nós queria arriscar uma teoria. A mente de Holmes trabalhava furiosamente. Sua concentração era como uma força tangível. Mas eu não estava disposto a interrogá-lo prematuramente. Para ser franco, tudo o que eu queria era uma boa noite de sono. Fora um dia memorável.

Capítulo Três

ACORDEI NA MANHÃ SEGUINTE CONVENCIDO DE QUE TINHA A resposta. Não a identidade do visitante inesperado de Waxflatter, mas da adivinhação que Holmes me havia proposto. Naquela época, Holmes levantava-se cedo, uma característica que não manteve durante toda a sua vida, portanto corri para o ginásio a fim de informá-lo.

— Descobri, Holmes — eu disse, ofegante.

— Descobri o que, amigo velho? — Não estava nada receptivo.

— A solução da adivinhação, Holmes. O urso é preto. Isso o irritou:

— Errado outra vez, Watson. O urso não é preto. E gostaria que não me perturbasse quando estou tentando me concentrar na aula de esgrima.

O ginásio era o grande salão do prédio e datava do século XV. O teto muito alto era coberto por grotescos entalhes no carvalho que, com as janelas altas e decoradas e a lareira

central enorme, falavam de um rico passado. Tinha duzentos anos quando Henrique VIII o visitou, numa festa “com muita magnificência”, como hóspede de um duque muito influente. Cem anos mais tarde, a Rainha Elizabeth esteve naquele mesmo lugar para uma entrevista amorosa com o belo conde de Essex.

Todos os alunos estavam no ginásio naquela manhã e, com exceção de Holmes e eu, treinavam esgrima desordenadamente. Não precisei de muito tempo para notar que o padrão geral de destreza nada tinha de excepcional. O que me impressionou foi o instrutor, William Rathe. Ágil com movimentos de pantera, evidentemente com ótimo preparo físico e quase dois metros de altura, dominava o cenário. Quando demonstrava um movimento era impossível não admirar sua flexibilidade, a coordenação de todo o corpo. Tinha a pele firme e bronzeada, como se tivesse ficado exposto ao sol do sul ou ao ar da montanha. O cabelo castanho, olhos escuros e maçãs do rosto salientes sugeriam origem mediterrânea, italiana talvez, mas se tivesse de dar uma opinião, eu o colocaria mais para o sul. Calculei que devia ter uns quarenta anos. Holmes observava esse homem interessante com grande atenção.

Rathe praticava com um aluno que obviamente não tinha confiança no que fazia e sentia-se que o instrutor gostaria de um parceiro mais inspirado. Como era de se esperar, o jovem, com um movimento descuidado, perdeu o equilíbrio e caiu desajeitadamente no chão de pedra. A dor que demonstrava estar sentindo sugeria torção do tornozelo. Rathe ajudou-o a

se levantar e levou-o até a governanta da escola, que imediatamente começou a examinar o tornozelo luxado. A Sra. Dribb era uma figura maternal, tudo o que qualquer escola poderia desejar para uma governanta. Usava uniforme de enfermeira, tinha o corpo forte e cheio. O cabelo estava preso em coque e sua expressão era bondosa. Rathe voltou para a classe de esgrima.

— Lembrem-se, cavalheiros — começou ele — não podemos permitir lapsos de concentração. Devemos aperfeiçoar a técnica, o ritmo e o equilíbrio.

— Sim, Sr. Rathe — disseram os alunos, em uníssono.

— Acho que não há melhor aluno para me ajudar na demonstração da forma e da técnica corretas — disse ele, estalando os dedos na direção de Holmes — do que o jovem Sr. Sherlock Holmes.

Holmes levantou-se de um salto, colocou a máscara e foi para o centro do salão. Olhei para Dudley. Sua reação foi de intensa inveja.

— Observem nossa posição, nossos movimentos, nosso estilo — continuou Rathe. Então, abaixou a máscara e trocou com Holmes a saudação ritual dos cavaleiros. Depois, cruzaram os floretes.

— *En garde!*

Ao contrário do primeiro, esse duelo era bastante inspirado. A despeito da diferença de idade, Rathe e Holmes se equiparavam, pois, qualquer vantagem de experiência e técnica que o professor pudesse ter era compensada pela energia jovem e pela inventividade de Holmes. Até a Sra. Dribb ergueu os olhos das ataduras que estava pondo no

tornozelo do aluno. O confronto estava acalorado, mais competitivo e vivo do que devia ser uma demonstração. Todos os olhos estavam nos dois homens, cada um deles decidido a superar o outro. Todos se entusiasmavam com o esplêndido espetáculo, exceto Dudley, que não conseguia disfarçar a inveja. Então, Holmes deu uma estocada súbita, Rathe defendeu e Holmes escorregou, enquanto o florete voava da sua mão. Rápido como um relâmpago, Rathe encostou a ponta do florete na garganta de Holmes.

— *Touché!* O jogo é meu! — exclamou ele.

Os dois retiraram as máscaras, Holmes ofegante, Rathe completamente descansado. Apertaram-se as mãos.

— Holmes perdeu devido a um importante fator — disse Rathe para a classe. — Suas emoções o dominaram. Ele ignorou a disciplina. — Voltou-se para Holmes, enfatizando esse ponto. — Nunca permita que a disciplina seja substituída pela emoção. — Depois, despenteou o cabelo de Holmes, com um gesto amistoso. — Bela demonstração, Holmes.

Estive ocupado no resto daquele dia, inscrevendo-me nos cursos que ia fazer nos dois anos que passaria em Brompton. Procuraria me concentrar em matérias que me preparassem para a faculdade de medicina, pois, como já disse, queria ser médico. Assim, quase não vi Holmes até nos encontrarmos no refeitório, onde os alunos se reuniam à luz de velas. Na Mesa Alta estava todo o corpo docente. Como grupo, os professores eram desanimadores. As idades avançadas e os rostos carrancudos mostravam que os anos passados naquela instituição lhes haviam roubado até a última partícula de bom humor. Escolas como Brompton, pensei, são ilhas. Isoladas da

força propulsora da condição humana. Ali estávamos, no centro da maior cidade do mundo, mas era como se estivéssemos na lua. Completamente isolados da realidade. A sabedoria, sempre me pareceu, não é mera concomitância da passagem do tempo, como sem dúvida acreditavam todos aqueles acadêmicos de cara amarrada que estavam na nossa frente; ela nasce dos sofrimentos e prazeres das relações humanas. Feche-se um homem durante toda a sua vida útil no interior de uma célula educacional e ele se torna institucionalizado, introvertido, tedioso. O próprio padre que resmungava quase inaudivelmente uma prece em latim, no grupo da Mesa Alta, parecia não ter encontrado na santidade nada que lhe desse alegria. Sua solenidade não contribuía para elevar nossos espíritos. Havia uma exceção naquele grupo sombrio — só Rathe projetava uma amigável sensação de ser um dos nossos.

Estávamos sentados no fundo da sala. Holmes acintosamente ignorou a oração. Segurava acima do prato de sopa um livro (um volume dos livros de notas de Da Vinci) que examinava com atenção. Na nossa mesa estavam também Dudley e um jovem sardento chamado Jeremy. Conosco estavam um rapaz míope e pálido chamado Colin e um grandalhão chamado Henry, famoso por seus feitos atléticos.

Enquanto esperávamos que a sopa fosse servida, falamos sobre nossas ambições para carreiras futuras. Dudley não tinha dúvida, queria ser general do exército.

— Generais não ficam ricos — disse Colin, para aborrecimento de Dudley.

Jeremy disse que gostaria de ser escritor. Mais uma vez Colin opinou, dizendo que escritores também não ficam ricos. Então, Henry disse que queria ser advogado.

— Isso sim — disse Colin. — Advogados ficam ricos. Obviamente, tudo o que Colin queria era fazer dinheiro, e a conversa teria terminado ali, se Dudley não insistisse em fazer com que Holmes tomasse parte nela.

— E você, Holmes? — perguntou Dudley. — O que quer ser quando crescer?

Holmes ergueu os olhos lentamente do livro, mas não respondeu logo. Sentindo-me um tanto ignorado, eu disse:

— Eu quero ser médico.

Esperava que Colin dissesse que médicos não ficam ricos, mas fiquei surpreso — e aborrecido — com a grosseria gratuita de Dudley.

— Ninguém lhe perguntou — disse ele, secamente.

Mas Holmes já estava com a resposta pronta, influenciado, eu imaginei, pelo fato de ter visto Elizabeth passeando com o cachorro.

— Não quero jamais ficar sozinho — disse ele.

Os rapazes olharam intrigados para Holmes; o que ele acabava de dizer estava muito além da sua compreensão. A sopa chegou e começamos a tomá-ia em silêncio. Era sopa de lentilha, nada má, mas, para meu desapontamento, não era permitido repetir.

Depois do jantar, Holmes foi procurar Elizabeth nos jardins da escola. Ela lhe contou uma experiência assustadora que tivera quando estava passeando com Uncas. Alguém, misteriosamente envolto em uma capa, tinha cruzado o pátio.

Fosse quem fosse, produzia um som que ela descreveu como “sininhos badalando”. Uncas fora atrás do vulto. O intruso conseguiu saltar um muro, mas não antes que o esperto *terrier* tivesse arrancado um pedaço da capa negra que o homem defendeu desesperadamente. Muito mais tarde, quando Holmes me contou essa história, lembrei-me da minha experiência na biblioteca, no dia anterior, mas não me pareceu que tivesse se interessado muito pela informação. Simplesmente a ouviu.

Era como se eu estivesse falando com um daqueles fonógrafos que recentemente impressionaram tanto a Associação Real. Imaginei então que ele a estava armazenando, para ser mais tarde processada em sua mente dedutiva. Quanto a mim, não podia deixar de perguntar quem seria o homem que Uncas havia perseguido e qual seria sua missão. Para Holmes e para mim a resposta a essa pergunta estava ainda no futuro. Entretanto, para o Reverendo Duncan Nesbit, vigário de St. Cyprian, no subúrbio de Kilburn, ela seria revelada muito antes.

A oração da noite, na igreja gótica e lúgubre, tinha terminado. Só restava ao velho sacerdote apagar as velas do altar e as que ficavam perto da caixa de esmolas. Então, fecharia e trancaria a porta da igreja. Na casa da paróquia, a governanta teria colocado seus chinelos para esquentar ao lado da lareira. Fechar a igreja depois das vésperas era uma tarefa que geralmente delegava ao cura, mas dera ao jovem auxiliar permissão para assistir a uma palestra noturna, que versava sobre as colônias de leprosos nas ilhas Fiji, um interesse que o padre queria incentivar no assistente.

Um homem bondoso, agora um pouco curvado, o Reverendo Duncan Nesbit começou a fazer seu trabalho na igreja escura. O órgão majestoso e os vitrais gloriosos eram símbolos dos quais ele se orgulhava. Representavam a crescente prosperidade da sua congregação e, naturalmente, da sua piedade, pois Kilburn se expandia com fileiras de casas de quatro andares das famílias dos profissionais que todas as manhãs tomavam o trem para a cidade. Suspirou satisfeito. Deus fora bom para ele, não apenas lhe concedendo aquela paróquia, mas dando-lhe também uma congregação tão respeitável e devota. Seria presunção acreditar que era um prêmio por sua fé inabalável?

Essa fé havia sofrido uma excepcional provação. Pois, antes de se resolver a tomar as ordens sagradas tivera de lutar contra as exigências da carne. Aconteceu no período entre seus estudos em Old Brompton e sua preparação para o sacerdócio. Aproveitando o intervalo, fez uma viagem em companhia de colegas da escola, uma aventura que os levou a terras onde outros deuses eram adorados. Naturalmente, mais tarde, ele compreendeu que esses povos eram pagãos mal orientados, mas, como era muito jovem, durante um tempo aceitou a visão filosófica daquela religião: ser feito pelo homem significa ser tão variado quanto a própria humanidade. Era um conceito radical, do qual um relacionamento que formou num país islâmico tornou mais difícil se libertar. Ele se apaixonou.

Ela era a filha de um plantador de algodão egípcio e haviam se encontrado quando ele visitava um *zagazig* provinciano no delta do Nilo. Que luta travou com o próprio espíri-

to! Naturalmente, mais tarde compreendeu que o fato de ser essencialmente inglês fora sua salvação — e algumas cartas sensatas dos pais, chamando a atenção para o fato do quanto uma jovem árabe ia se sentir deslocada em Harrogate, o lar da família, e como sua presença seria embaraçosa para as senhoras solteiras daquela respeitável estação de águas. Finalmente, ele desistiu do casamento. Para alívio da família e dos amigos, voltou para casa a fim de se preparar para o sacerdócio. Nunca se casou. Depois da ordenação, fora chamado para St. Cyprian, onde já estava há mais de trinta anos, respeitado e, acreditava, apreciado.

Havia sempre algum consolo derivado do sacrifício, disse o Reverendo Nesbit para si mesmo, se é que fora realmente um sacrifício. Chegando à última vela do altar, o padre sentia-se em paz com seu passado.

Foi até as velas que bruxuleavam ainda ao lado do ofertório, parando para admirar pela milésima vez os vitrais da janela que ele mais gostava. Representava, em vermelho, amarelo, azul, o jovem Judas aceitando as trinta moedas de prata. Durante todos aqueles anos, sempre representaram para ele a lembrança da ambição dos homens e do poder de Satã para afastá-lo da sua vocação.

Foi então que ouviu um som musical, uma espécie de ttilintar de sinos, acompanhado de uma dor súbita. Ignorou o ruído dos sinos; com certeza uma ilusão. Não se importou muito com a dor, que durou uma fração de segundo. Mas o confiante sacerdote não vira a figura envolta em uma capa negra tirar da boca um tubo oco e sair pela porta ainda aberta

da igreja. Continuou a olhar com prazer para a perfeição do quadro de Judas no seu ato de traição.

Então, o incrível aconteceu. O soldado romano do quadro criou vida! Saltou da janela para o centro da igreja. Embora chocado, o sacerdote sentiu também uma certa alegria. Sem dúvida estava na presença de um milagre. Só quando o soldado desembainhou a espada, caminhando ameaçadoramente para ele, é que o medo dominou o bondoso sacerdote. Isso era coisa do diabo. Deu um grito que nada tinha de humano.

O soldado chegou mais perto, brandindo a arma terrível, e o velho padre fugiu. Usou todas as suas forças para escapar. Arregaçando a batina, correu para a porta aberta e desceu cegamente os degraus para a rua movimentada. Do outro lado ficava sua casa. Precisava chegar lá.

Foi uma carruagem de quatro rodas, que vinha a toda velocidade, que o atingiu. O padre enlouquecido atirou-se na frente dos cavalos. Logo juntou gente, porém nada mais podia ser feito. Quando o tiraram de sob as rodas era evidente que estava morto, um fato notado também pela figura de capa negra.

Dentro de St. Cyprian, uma vela solitária ardia ainda. No silêncio, Judas e o soldado continuavam imóveis. A imagem daquela transição lamentável estava como sempre, desde a consagração da igreja.

Capítulo Quatro

MEU FASCÍNIO PELO CARÁTER DE SHERLOCK HOLMES Aumentava a cada dia. Posso dizer honestamente que a adoração do herói não fazia parte dela. Entre adolescentes com uma convivência obrigatória, esses sentimentos podem se desenvolver com facilidade e, na atmosfera introvertida de uma escola inglesa particular, tornar-se pouco saudável. Não, o que me intrigava era a mente de Holmes e o modo como ele a usava. Seus poderes de dedução analítica eram notáveis — e eu só lamentava o fato de que a superioridade que eles lhe conferiam sobre os outros estudantes às vezes se expressava em intolerância da parte dele. Seria demais dizer que Holmes era arrogante. Simplesmente ele via as coisas de modo diferente do comum das pessoas.

Vejam bem, certos aspectos da sua personalidade eu criticava decididamente, embora não demonstrasse meus sentimentos. Acreditava então, como acredito agora, que aceitamos um homem, com defeitos e tudo o mais, e que, quando a soma desses defeitos é maior do que a soma da sua simpatia, nos afastamos. Não julgar para não ser julgado é um aforismo que tenho procurado seguir. Não estamos equipados para julgar as outras pessoas. Como Holmes disse certa vez (e que contei em *The Sign of Four*) é da maior importância não permitir que nosso julgamento seja prejudicado por qualidades pessoais. A mulher mais encantadora que ele havia conhecido, contou-me certa vez, fora enforcada por ter envenenado três crianças para receber o dinheiro do seguro, ao passo que o homem mais repulsivo que já tinha visto era

um filantropo que gastou um quarto de milhão para ajudar os pobres.

Portanto, parece-me mesquinho mencionar algumas das qualidades menos agradáveis de Holmes, como sua capacidade para se aborrecer e ficar pouco comunicativo quando não havia algum drama ou excitação nos quais concentrar seus pensamentos. Nesses momentos ele se retirava para um canto e tentava tocar violino, que, para ser justo, devo dizer, conseguiu dominar muito melhor com a passagem dos anos. Holmes podia se tornar embaraçosamente mal-humorado. Era egotista também, o que fazia com que desprezasse certas áreas do conhecimento humano que ignorava completamente. Muito mais tarde, com a continuação da nossa amizade, fiz uma lista dos seus conhecimentos em vários assuntos. Por exemplo, o que sabia sobre literatura, exceto no que se referia a fatos sensacionais e crimes, era quase nada. Às vezes, naturalmente, um fato sensacional é descrito com boa literatura — como na obra de Poe — porém, quando certa vez eu fiz o que julgava ser um elogio, comparando seus poderes com os do detetive Dupin, de Poe, Holmes apenas deu de ombros. Düpin era um homem muito inferior, disse ele. Filosofia e astronomia não interessavam Holmes. Era muito fraco em assuntos de política. Seus conhecimentos de botânica eram falhos. Nada sabia sobre plantas, mas tudo sobre venenos. Interessava-se apenas marginalmente pelas espécies não-humanas e podia dissecar um cão com a mesma facilidade com que o acariciava, se o resultado promettesse ser vantajoso para ele, analiticamente. Seu conhecimento de química era profundo; de anatomia acurado; da lei inglesa

muito prático. Já naqueles anos de escola, Holmes desenvolvia estranhos interesses, como a composição do solo, as variedades de cinzas de charuto e cigarro e pegadas. Entretanto, uma característica extremamente irritante era sua habilidade para condenar como perda de tempo todas as áreas do conhecimento que a maioria das pessoas consideram essenciais e importantes. Muitos anos depois dos nossos dias de escola, eu escreveria que ele ignorava totalmente, ou pelo menos fingia ignorar, o funcionamento do sistema solar. Pelo muito que ele se interessava, a Terra podia ser uma planície.

— Você parece espantado porque eu não sabia isso — observou Holmes quando lhe expliquei a teoria de Copérnico. — Muito bem, agora que já sei, vou fazer o possível para esquecer. É da maior importância não permitir que fatos sem valor tomem o lugar de fatos úteis.

— Mas é o sistema solar! — exclamei.

— Que diabo isso significa para mim? Você diz que giramos em volta do sol. Se girássemos em volta da lua não faria a mínima diferença para mim ou para o meu trabalho.

Mas qual era exatamente o seu trabalho, o que ele queria ser? Fiz essa pergunta a mim mesmo muitas vezes quando estudávamos em Brompton. Somente o cuidado respeitoso de não ser intruso evitava que eu o interrogasse diretamente sobre o assunto.

Mas Holmes parecia obcecado com as notícias de crimes, dos quais Londres era um verdadeiro esgoto, e sabia de todos os horrores perpetuados no nosso século. Olhando para o passado, acho que se eu tivesse sido mais atento teria

compreendido que o futuro de Holmes estava nessa área. Mas poderia ter previsto o resultado final, que Sherlock Holmes estava destinado a se tornar o detetive mais famoso e mais consultado do mundo, um investigador amador cujos poderes de observação, percepção e dedução lhe granjeariam o respeito e a inveja da Scotland Yard? Acho que não. Afinal, não passávamos de meninos de escola.

O próprio Holmes, com sua inteligência formidável, não era imune às brincadeiras escolares. Na verdade, foi no começo da minha segunda semana em Brompton que ele demonstrou sua habilidade especial para esse tipo de diversão. A escola toda estava quase estourando de excitação. Dudley havia desafiado Holmes para um teste de engenhosidade e dedução. Roubara o troféu de esgrima da escola e o escondera. Holmes devia encontrar o troféu em seis minutos. Dudley marcaria o tempo com um cronômetro. Holmes aceitou o desafio e, com um olhar confiante para Elizabeth, exclamou: “O jogo começou!”

Holmes começou a andar pelo pátio, acompanhado a discreta distância pelos outros rapazes. Quase todos os mestres estavam presentes também. Rathe, especialmente, torcia para ele. Waxflatter subiu ao telhado para acenar seu encorajamento. Só Snelgrove desaprovou; para ele a competição era indigna e uma perda valiosa do tempo de estudos. Mas era evidente que todo o resto de nós havia se imbuído do espírito do desafio e torcia para Holmes.

A procura o levou ao departamento de arte, onde ele examinou cuidadosamente os tubos de tintas na caixa de pintura de Dudley. Ninguém compreendeu por quê. Holmes

havia me dito que, na dedução, ele raciocinava para trás, do resultado para a causa, portanto, suponho que já tinha uma teoria formada na mente e esperava que a descoberta futura a comprovasse. Seja como for, ele voltou ao pátio e começou a seguir pegadas na neve, que o levaram ao laboratório de ciências onde, de passagem, examinou o esqueleto usado para estudo de anatomia. Contudo, vendo uma rachadura sob uma das janelas, abriu-a e saltou para fora. Alcançou a escada de incêndio e subiu até o telhado. Atravessando o prédio chegou a uma abertura de mais ou menos três metros entre aquele edifício e o outro ao lado, que era o refeitório. Para espanto de todos, correu para ganhar impulso e saltou de um prédio para o outro, conseguindo por pouco. Então, desapareceu por uma clarabóia.

— Ridículo! — ouvi Snelgrove resmungar. — Um estudante agindo como um chimpanzé. Mas a Sra. Dribb o censurou:

— Ora, Sr. Snelgrove, ele está apenas se divertindo. Espero que ainda se lembre o que significa se divertir.

— Tolice — respondeu Snelgrove. — Aquele rapaz é muito precoce e muito egoísta para seu próprio bem. Jamais encontrará o troféu.

— Aposto um guinéu como ele encontra — disse Rathe, e o professor de química aceitou.

Uma vez na cozinha do refeitório, Holmes começou a procurar nos armários e prateleiras. Examinou até as panelas e frigideiras. Naturalmente não esperava encontrar o troféu entre elas. Não. Estava procurando outra coisa qualquer, uma coisa que encontrou sob o forno. Partículas brancas, que

começou a examinar com uma lente. Então, recomeçou a procura, porém, quando atravessou o pátio, sua confiança pareceu desmoronar. Parecia realmente confuso e todos sentimos que Holmes ia fracassar.

Consultei meu relógio e gritei:

— Você tem só cinco minutos, Holmes.

Ele não respondeu e repeti o aviso.

— Ouvi você na primeira vez — disse ele, irritado. — Não vê que estou tentando me concentrar?

Bem, acho que eu devia ter sabido. Mas estava certo de que Holmes ia perder. Para me acalmar, devorei uma bala. Quando ele voltou para o prédio principal, percebi uma expressão de desapontamento no seu rosto. Ele ia desistir, eu tinha certeza. Holmes dirigiu-se para a escadaria central e bateu os sapatos para tirar a neve que os cobria no primeiro degrau. Olhou para os pés, no meio de um círculo de partículas de neve, e seu rosto se iluminou. Subiu a escada de dois em dois degraus. Quando chegou ao vestíbulo, ficou de frente para a enorme lareira ao lado da qual Dudley estava de pé, segurando o cronômetro.

— Dois minutos, Holmes — disse Babcock. — Suponho que vai desistir?

— Nunca suponha coisa nenhuma, meu bom amigo.

— Mas não vejo nem sinal do troféu, Holmes.

— Pois eu vejo.

Com ar triunfante, Holmes apanhou de cima da lareira um vaso grande de cores vivas. Ia jogá-lo no chão quando Snelgrove correu para ele:

— Holmes! Ficou louco? Este vaso é uma antiguidade!

Mas Holmes não se deixou deter. Antes que alguém pudesse impedi-lo, jogou o vaso no chão. O vaso se desintegrou em pedacinhos, revelando, entre seus restos, o troféu de esgrima da escola!

Foi um momento heróico. No meio da excitação, vi Snelgrove, carrancudo, entregar um guinéu de ouro para Rathe. Dudley saiu do vestíbulo fervendo de animosidade venenosa. Mas a multidão aplaudiu e Elizabeth e eu rimos com alegria.

No dormitório, mais tarde, pedi a Holmes a explicação. Ele estava num dos seus momentos de reserva impenetrável, tocando violino um pouco melhor do que de hábito, e eu não sabia se ia atender ou não meu pedido. Mas colocou o instrumento na mesa e disse:

— Na cozinha, sob o fogão, encontrei partículas de cerâmica recém-cozida — começou ele. — Estranhei o achado em uma cozinha destinada somente ao preparo de alimentos. Lembrei-me da caixa de pintura de Dudley. As tintas haviam sido usadas recentemente, sem dúvida alguma. Mas nada se encaixava, até eu atravessar o pátio de volta. Comecei a pensar em pegadas. Deve se lembrar que, quando cheguei à escada, bati os pés no degrau para tirar a neve grudada nos sapatos. A neve se desfez em volta dos meus pés, formando uma pilha regular. Foi isso que fez nascer a idéia, um paralelo entre meu pé encaixado na neve e o troféu dentro do vaso. O único vaso de que consegui me lembrar foi a preciosa antiguidade sobre a lareira do vestíbulo. Mas, naturalmente, Dudley não teria coragem de usar aquela peça. Teria feito

uma réplica. Porém, foi tão malfeita que percebi imediatamente tratar-se de imitação. Aí quebrei o vaso e, naturalmente, encontrei o troféu.

— Espantoso, Holmes. Realmente espantoso.

Nesse momento, ouvimos uma voz do outro lado da janela.

— Holmes!

Waxflatter chamava com urgência, outra vez em cima do telhado. Uma nova versão da sua máquina voadora estava colocada perigosamente na borda das telhas. As asas eram maiores e o número sete estava pintado da fuselagem.

— Desta vez resolvi definitivamente o problema — exclamou o velho maluco. Amarrou as correias no corpo e puxou a alavanca. Em poucos segundos pairava sobre nossas cabeças. Mas não durou muito. Teve problemas de navegação. Os controles não respondiam. A máquina voadora número sete começou uma descida rápida. Deslizou na direção de um monte de neve, aterrissando sobre ele com certa dignidade. Holmes e eu corremos para juntar os pedaços.

Mais tarde, no sótão de Waxflatter, o professor não parecia perturbado com o insucesso e empilhamos em um canto os vários componentes da máquina. Estávamos para deixá-lo com suas pesquisas quando Holmes parou perto da mesa de Waxflatter. Sobre ela estava um jornal aberto na seção de óbitos. Um item estava marcado com um círculo a lápis. Dizia: “Reverendo Duncan Nesbit morre atropelado.” Holmes leu a notícia toda e ficou perturbado. Se é que interpretei bem seu olhar para Waxflatter, estava preocupado com o professor.

Alguns dias mais tarde, no recreio do meio-dia, Holmes convidou-me para ir à sede da polícia metropolitana. Fiquei espantado com o convite e ao mesmo tempo lisonjeado pelo fato de Holmes dar valor ao meu apoio moral. Uma infância muito protegida não me preparara para o contato com os mantenedores da lei. A tarefa da polícia era proteger a propriedade e, na medida do possível, a vida humana, mas sempre me ensinaram que qualquer contato com ela devia ser evitado.

Tinha certeza de que algo muito importante preocupava Holmes; o dormitório tivera naqueles dias mais do que sua cota justa de estudo de violino. Presumi que a missão para a qual se preparava estava ligada a algo que o atormentava há algum tempo. Mas foi grande a minha surpresa ao verificar que Holmes não era um estranho nos corredores do estabelecimento policial em New Scotland Yard, Victoria Embankment. Ele conhecia o caminho muito bem e localizou facilmente o escritório do policial que fora procurar.

— Holmes! — exclamou o policial. Parecia aborrecido com aquela intrusão. — Há muito tempo não nos visitava. Três ou quatro dias? — Mas Holmes ignorou a ironia.

— Isto vai tomar só um minuto do seu tempo, Sr. Lestrade — disse ele.

O posto do policial era sargento-detetive, como indicava a placa de bronze sobre sua mesa. O fato de Holmes não citá-lo ao se dirigir ao homem não melhorou em nada a atmosfera reinante.

O atarracado e jovem policial era pálido e usava um bigode quase invisível. Tinha uma aura de empáfia. Calculei que devia ter vinte e poucos anos e com certeza morava em um dos novos conjuntos que estavam sendo construídos em Camberwell e outros subúrbios semelhantes. Provavelmente tinha uma doce mulherzinha que ambicionava para ele um degrau mais alto na escada das promoções. Era evidente que considerava Holmes um jovem intrometido, super instruído e insignificante, que só o fazia perder tempo.

Os alunos das escolas particulares inglesas são considerados, sem questionamento, pelo público em geral, como privilegiados. Lestrade, entretanto, representava a nova classe média baixa. Sem dúvida, sentia um certo ressentimento contra Holmes por ter acesso à educação que ele não tivera a sorte de receber. Para chegar onde estava, isto é, atrás de pilhas de papéis sobre uma mesa imponente, Lestrade trabalhara muito.

— Não tenho nenhum novo relatório de crime para você estudar, Holmes, nenhuma pasta que você ainda não tenha lido — disse o atarefado policial. Arrependia-se até mesmo de ter permitido a entrada daquele jovem irritante no seu recinto. Lembrou-se da primeira vez que Holmes bateu na porta do seu escritório, explicando que estava redigindo uma tese sobre crime e que seria de grande ajuda seu contato com um detetive da ativa. Por que tinha concordado?, pensava Lestrade. Talvez por se sentir lisonjeado? Teria imaginado que prestar auxílio a um aluno da Escola Brompton impressionaria bem seus superiores? Fosse qual fosse o motivo, agora arrependia-se de ter concordado.

Bateu com a mão nos documentos sobre a mesa, com impaciência:

— Então, Holmes?

— Não estou aqui para pesquisa — disse Holmes, suavemente. — Na verdade, acho que descobri uma coisa.

— Não outra vez! — declarou Lestrade.

— Agora tenho certeza.

O policial voltou à ironia:

— É mesmo! — exclamou ele. — Como no mês passado, quando disse estar convencido de que o embaixador francês tinha dado um desfalque de trezentas mil libras?

— Cheguei muito perto — disse Holmes. — Afinal, foi o embaixador russo.

— Holmes, eu realmente não tenho tempo para suas teorias infantis.

Holmes mostrou dois recortes de jornais. As notícias das mortes de Bobster e de Nesbit. Entregou-os ao detetive.

— Dê uma olhada nisso. Suspeito que foram crimes — disse Holmes.

— Mas são dois incidentes completamente isolados.

— Errado. Os dois homens se formaram na mesma universidade e no mesmo ano.

— Coincidência — disse Lestrade.

Holmes apanhou os recortes de jornais.

— Nos dois casos, o modo como morreram não está de acordo com suas respectivas personalidades — observou ele.

— Segundo este artigo, Bobster era um homem feliz, contente com a vida que levava, com sua carreira, com a

família. Por que cometeria suicídio? Nem mesmo deixou um bilhete.

—Esperou, em vão, a reação de Lestrade. — E o Reverendo Nesbit é descrito pelos amigos como “caloroso, amoroso, pacato”, segundo o jornal. Contudo, o cocheiro da carruagem viu-o como “insano, enlouquecido e em pânico” quando correu para a frente dos cavalos.

Lestrade pensou por um momento. Então disse, com ar condescendente:

— Uma flutuação de caráter, Holmes, não é prova suficiente para começar qualquer investigação. — A impaciência voltou. — Meu conselho é que você tire o nariz dos jornais e o ponha nos seus livros.

Holmes suspirou, vendo que não estava conseguindo nada.

— Muito obrigado pelo seu tempo, Sr. Lestrade — disse ele, entregando os recortes outra vez ao detetive. — Sugiro que guarde isso. Sabe, se eu fosse um sargento-detetive, preso nesta sala por toda essa papelada aborrecida, estaria fazendo o possível para encontrar aquele caso, aquela investigação promissora que me traria uma promoção a inspetor. — Dizendo isso, fez um sinal para mim e saímos.

Quando fechei a porta vi Lestrade, indignado, apanhar os recortes e começar a ler.

Duas semanas antes do Natal fizemos os exames de fim de semestre. Eu estava razoavelmente confiante. Minha transferência de outra escola para a Old Boms poderia facilmente representar desvantagem, mas na verdade teve o efeito oposto. No que se referia ao currículo, meus estudos em

Brompton estavam pelo menos um semestre atrás dos da antiga escola. Eu queria me sair bem. Um bom resultado em Brompton me ajudaria a conseguir uma vaga na universidade, que era vital para meus estudos de medicina. Quanto a Holmes, não se interessava pelos exames, embora todos esperassem que fosse bem; sua ficha era a melhor da escola. Desprezava também os métodos dos exames. O sucesso nos exames, afirmava ele, não era prova de inteligência. Era como pedir a um pedreiro que fizesse tijolos. A inteligência estava na arte de colocá-los. Contudo, era obrigado a se submeter a eles.

Não era permitido conversar na sala de exame. Holmes estava sentado entre minha carteira e a de Dudley. Snelgrove entregou as provas. Logo que começamos, vi Dudley jogar um pedaço de papel no chão. Holmes também viu, apanhou-o, ia devolvê-lo a Dudley quando Snelgrove olhou para ele.

— O que está fazendo, Holmes? — perguntou.

— Dudley deixou cair isto, senhor — explicou Holmes. — Ia devolver a ele.

Dudley fingiu surpresa.

— É seu papel, Dudley — disse Holmes.

— Não, não é meu — foi a resposta.

— Mas você deixou cair — insistiu Holmes.

Dudley olhou para o pedaço de papel.

— Esta nem é a minha letra.

Holmes então examinou cuidadosamente o papel. Foi um choque. A letra era uma excelente imitação da sua. Mas não teve tempo de reclamar, porque Snelgrove apanhou o papel e começou a ler.

— Bem, Holmes — disse o mestre, com evidente satisfação — parece que finalmente descobrimos o segredo do seu brilhantismo. Estas são as respostas do teste.

Dudley era a própria imagem da inocência. Snelgrove guardou o papel no bolso e segurou Holmes pelo colarinho.

— Acho melhor vir comigo — disse ele.

Completamente confuso, Holmes foi levado para fora da sala. Dudley riu, satisfeito. Teria sido inútil tentar a defesa de Holmes. Snelgrove o tinha em seu poder, algo que desejava desde o espetáculo pirotécnico na aula de química.

Honestidade, Probidade, Diligência — era o lema da escola. E Holmes havia violado cada mandamento contido nele. Pelo menos foi o que os dirigentes resolveram, quando se reuniram para decidir seu futuro. Na sala sombria forrada de lambris escuros, o lema estava sobre a lareira, em letras douradas com uma moldura de madeira de lei trabalhada — em latim, naturalmente. Para alguém que flagrantemente havia violado todos os valores que pregava, não havia nenhum futuro em Brompton. Só Rathe o defendeu, lembrando aos velhos mestres que Holmes era um aluno brilhante, com um nível de inteligência rara em um rapaz da sua idade. Mas os homens não cederam. Na verdade, como acentuou Snelgrove, os resultados brilhantes de Holmes e suas notas sugeriam que havia sido desonesto desde que entrou na escola. Assim, quanto mais Rathe falava sobre as realizações de Holmes, mais os rostos severos demonstravam a certeza de que ele era culpado e devia ser afastado. Resolveram expulsá-lo. Tudo isso foi contado a Holmes por Rathe. Mais tarde, Holmes me disse que o instrutor de esgrima estava tão furioso com a

injustiça da decisão que ofereceu a Holmes uma recomendação por escrito para qualquer outra escola que ele escolhesse. “Posso fazer mais alguma coisa?”, perguntara Rathe. E Holmes pediu um último duelo amigável com o instrutor. Rathe concordou imediatamente e fui o único privilegiado a assistir o encontro no ginásio vazio.

Era como um espetáculo de dança, as investidas e fintas verdadeiros movimentos de balé. Nenhum dos dois estava com máscara ou outra proteção qualquer; tudo fora arranjado precipitadamente. Obviamente, ambos confiavam no controle do adversário. Mas aconteceu uma coisa desagradável. O anel que Rathe usava tinha um emblema que, em dado momento, refletindo a luz, ofuscou Holmes. Quando o florete de Rathe estava para fazer contato, Holmes ficou imóvel, como se estivesse hipnotizado. Rathe tentou mudar a direção do ataque. Quando fez isso, a mão com o anel roçou no rosto de Holmes e a borda áspera do escudo fez um corte profundo.

— Um pequeno corte — disse Holmes, mas sangrava profusamente. — Perdi minha concentração.

— Foi o anel - disse Rathe. - Eu devia tê-lo tirado. O reflexo da luz deu-me uma vantagem injusta. O duelo é seu.

— Por que não um empate?

Cumprimentaram-se, apertando as mãos.

— Jamais me esquecerei do senhor — disse Holmes tristemente. — Não podia ter encontrado um melhor instrutor.

— Nem eu um melhor aluno. E tenho certeza de que nossas espadas se cruzarão novamente.

Rathe e a Sra. Dribb levaram Holmes para o escritório da governanta. Com carinho maternal, ela limpou o corte e fez um curativo. Sem dúvida, a bondosa mulher tinha muita afeição pelos alunos. Quando terminou, puxou Holmes para ela e beijou-o ternamente.

— Nós todos vamos sentir sua falta, Sr. Holmes — disse ela.

Holmes agradeceu. Arranjara outra amiga e fez uma curvatura delicada.

Outra pessoa, naturalmente, ia também sentir falta de Holmes. Naquela noite, Elizabeth encontrou-se com ele no pátio. No dia seguinte, Holmes me confiou que compreendia agora o quanto amava Elizabeth. Ela disse que o amava também. Embora fossem muito jovens, estavam certos de que seu amor era único e permanente. Afirmaram isso um ao outro. E naturalmente, como sempre acontece, o primeiro amor é o mais verdadeiro de todos. Às vezes é o único amor verdadeiro que conhecemos.

Quanto a mim, tinha resolvido que Holmes devia ser vingado. Queria dar uma boa sova em Dudley, mas ele era fisicamente superior. Prometi a mim mesmo tomar aulas de boxe.

Holmes sabia que eu estava perturbado.

— Ora, Watson, não seja tão emotivo — aconselhou ele. — A vingança é mais doce quando servida com um sorriso.

Só entendi o que ele queria dizer mais tarde. Estávamos passando pelo vestíbulo central, com a mala de Holmes e sua caixa de violino, na direção do portão, quando Dudley correu para nós aos berros. Seu cabelo estava branco como neve!

— Você fez isto, Holmes, seu demônio — gritou ele.

— A cor vai voltar, velho amigo — respondeu meu companheiro. — Até o verão deve ter voltado ao normal.

Só então me lembrei de ter visto Holmes sorrir amavelmente para Dudley no café da manhã. Chegou até a passar o açúcar para ele. Compreendi que o suposto açúcar devia ser um preparado químico que tirara toda a cor do cabelo de Dudley.

Colocamos a bagagem no chão e esperamos o carro de aluguel. Holmes ia para a casa do seu irmão Mycroft.

— Isto é adeus — eu disse, apertando a mão dele. Meu amigo ia responder quando ouvimos o estridente apito de um policial.

Logo adiante, uma multidão se aglomerava à porta de uma loja de antiguidades. O centro da atenção parecia ser um corpo. Corremos até lá. Acompanhei Holmes, que abriu caminho entre a multidão. Em dado momento, esbarrei em alguém que ia na outra direção. A colisão produziu um ruído de sinos, semelhante ao que eu ouvira na biblioteca, abafado agora pela capa preta da pessoa que o produzia. O homem deixou cair alguma coisa. Apanhei-a. Era uma zarabatana, com um elaborado trabalho em marfim. “Senhor”, eu disse, ansioso para devolver o objeto, mas o homem tinha desaparecido.

— Vamos, Watson — Holmes impacientou-se com minha parada. Arrancou o tubo da minha mão. Estávamos agora no centro da multidão. Na calçada gelada jazia um corpo envolto em pesados agasalhos. Para nosso horror vimos que era Waxflatter — e estava com uma faca enfiada no peito!

— Ele enlouqueceu — explicava o dono da loja. — Apanhou a faca e enfiou no próprio peito.

Holmes aproximou-se do professor agonizante que num fraco murmúrio tentava lhe dizer alguma coisa. Mal se podia compreender as palavras.

— *Eh-Tar*, Holmes — era o que parecia ter dito. — *Eh-Tar*. — E então seu corpo ficou imóvel.

— Oh, não! — implorou Holmes, mas nada mais podia ser feito. Rupert T. Waxflatter estava morto.

Mãos fortes agarraram Holmes pelo colarinho.

— Que diabo você está fazendo aqui? — perguntou Lestrade.

Em meio ao sofrimento, Holmes tentou raciocinar.

— Sr. Lestrade — disse ele — isto tem a ver com o que lhe falei. Por favor, ouça o que estou dizendo.

Lestrade voltou-se para um policial.

— Leve estes dois estudantes daqui — ordenou.

O policial começou a nos empurrar.

— Saiam daqui — disse ele. — Voltem para a escola. Não é espetáculo para olhos jovens.

Durante toda a nossa longa amizade, eu veria Holmes demonstrar profundo sofrimento apenas em duas ocasiões. Essa foi uma delas.

Capítulo Cinco

DEPOIS DO ENTERRO DE WAXFLATTER, FUI AO SÓTÃO PARA ver Elizabeth. A noite estava muito fria. As janelas mostravam Londres como um quadro congelado. Encontrei-a enco-

lhida na frente de um fogo quase morto, à luz fraca do lampião de querosene, enrolada em um cobertor; era a própria imagem da melancolia. Senti que não podia consolá-la. A pobre moça sentia falta do seu guardião e sofria por causa da expulsão de Holmes, da única pessoa com quem poderia realmente compartilhar seu sofrimento. Uncas, o cão, parecia compreender o estado de espírito da dona, pois quando lhe ofereci uma torta com geléia, que apanhara na mesa dos mais velhos, ele não se mostrou interessado. Comi a torta para reanimar meu espírito desolado.

Tentei conversar. Ela pretendia ficar ali no sótão do professor? Elizabeth respondeu que os dirigentes da escola lhe deram permissão para continuar ali até o fim do semestre, que estava muito próximo, eu pensei.

— Depois disso, não sei para onde irei — disse ela tristemente.

Eu sabia que Elizabeth não tinha parentes na América. Em Londres, o professor maluco e Holmes tinham sido uma espécie de família para ela. Notei que estava agarrada ao velho boné do professor, aquele objeto de *tweed*, de copa baixa, e que ele usava muito justo na cabeça, com a aba extremamente longa. No norte da Inglaterra eu vira caçadores com aquele tipo de boné, quando iam caçar gamos. Elizabeth parecia não querer se separar daquela lembrança do seu guardião desaparecido.

— Eu queria que Holmes estivesse aqui — disse ela, com voz trêmula e chorosa. — Titio gostava muito dele. — Enxuguei os olhos dela com meu lenço, mas isso provocou novo

surto de lágrimas. — Sabe, Watson — continuou ela — eu simplesmente não acredito que meu tio tenha tirado a própria vida.

— Deve se lembrar — observei, procurando consolá-la — que o professor era um homem muito velho. Pode ter perdido a razão de repente. Isso acontece com pessoas velhas.

Tais palavras provocaram uma defesa vigorosa do tio:

— A mente do meu tio era melhor do que a de muitos homens com a metade da sua idade. Ele era excêntrico, concordo, mas não era louco. Não, Watson, ele não tirou a própria vida.

— Então, o que foi que aconteceu?

— Ele foi assassinado — respondeu uma voz muito familiar.

Voltamo-nos e lá estava Holmes; tinha entrado por uma clarabóia com a agilidade de um lêmure.

Elizabeth abraçou-o carinhosamente. Uncas começou a correr em círculos, pedindo agora a torta que antes recusara. Por sorte eu tinha outra. Holmes estava ainda com Elizabeth nos braços.

— Cãozinho de sorte — eu disse para Uncas.

Quando nos acalmamos, resolvi que meu melhor papel seria o de advogado do diabo para Holmes.

— Ora, vamos, Holmes — eu disse. — Você ouviu a história do homem da loja. Você viu a faca. Obviamente, foi suicídio.

— Nunca confie no óbvio — respondeu ele. — Existem muitos elementos estranhos. Lembre-se, houve mais dois

outros pretensos suicídios. O professor tinha conhecimento deles. Estava pensando neles.

— Exatamente — eu disse, como se isso fosse prova de meu argumento.

Mas Holmes estava agora andando de um lado para o outro, concentrando-se. Seu método de investigação, ele me explicou anos mais tarde, consistia em eliminar o impossível. Todo o resto, por mais improvável que parecesse, era a chave da verdade. Que criminoso formidável ele teria sido!

Elizabeth disse:

— Meu tio lia os jornais todos os dias. Às vezes recortava alguns artigos. Certamente leu sobre as mortes do Sr. Bobster e do Reverendo Nesbit. E aquele homem estranho que veio visitá-lo, vocês se lembram?

— Aquele velho estava no enterro — disse Holmes, revelando assim que também estivera presente, pois os dirigentes da escola não o haviam convidado. Mas Holmes, resolvido a prestar as últimas homenagens ao seu velho mentor, presenciara tudo de cima de uma árvore. De lá pôde ver o outro observador não convidado. Seguiu-o, mas acabou perdendo-o de vista nas moitas espessas atrás da igreja. Tinha certeza de que se tratava do homem que estivera ali no sótão.

— De certa forma ele está ligado aos três assassinatos — disse Holmes — e vou encontrá-lo. Se você concordar, Elizabeth, farei do sótão meu quartel-general. Meu irmão Mycroft não está em situação de me hospedar no momento. De qualquer modo, prefiro mesmo ficar aqui e trabalhar no caso. A escola não precisa saber. Será um segredo entre nós três. So-

mos sócios. Ninguém me verá. Watson pode trazer suprimentos e funcionar, de modo geral, como meu assistente.

Achei o plano ousado demais. Se Holmes fosse apanhado, o que era muito possível, eu seria acusado de cumplicidade. Isso poderia fazer com que me expulsassem também, terminando assim minhas esperanças de uma carreira de médico. Mas Elizabeth achou a idéia maravilhosa.

— Não posso prejudicar minha posição — eu disse. Parecia pomposo e Holmes olhou para mim com desprezo.

Para consolá-lo, Elizabeth lhe entregou o boné de caçador de gamos do professor. Fez com que Holmes parecesse muito mais velho, ou talvez minha memória esteja me enganando. Talvez, escrevendo agora, eu esteja pensando no Holmes de muito tempo depois. De qualquer modo, o boné ficou muito bem nele.

Então Elizabeth voltou sua atenção para mim, olhando-me fixamente por um momento, com seus belos olhos verde-azulados. Cedi.

— Está bem — eu disse. — Concordo. — Fui premiado com um beijo de irmã.

Holmes imediatamente voltou ao assunto.

— Temos certas pistas. Por exemplo, as últimas palavras de Waxflatter. Lembra-se do que ele murmurou? Duas palavras... *“Eh-Tar”*.

— Palavras sem sentido de um agonizante — eu disse.

Holmes não deu atenção às minhas palavras. Ao invés disso, ergueu em uma das mãos a zarabatana.

— Lembra-se de algum traço do homem que deixou cair isto, Watson?

— Não muito, exceto que estava com muita pressa. Um homem grande, procurando sair do meio da multidão.

— Exatamente. A única pessoa ansiosa para deixar a cena.

— Ele também tilintou — expliquei. — Naturalmente você ouviu. Algo no seu corpo, algo que estava usando, tilintava. Um som muito claro. Eu já o ouvira antes. Tenho certeza de que lhe contei.

— Onde? — Holmes estava irritado. — Watson, onde foi que ouviu esse som antes?

— Na biblioteca, quando levei aquele tombo.

— Exatamente aonde você caiu?

— No chão da biblioteca, naturalmente.

— Não. Quero dizer, em que *parte* da biblioteca? Na seção de sociologia, de história? Onde? É importante, Watson.

Respondi que podia lhe mostrar na manhã seguinte.

— Sem falta — disse ele. — Amanhã, depois de termos localizado o dono deste tubo, vamos visitar a biblioteca novamente.

Nossa procura pelas origens do tubo nos levou a uma área insalubre de St. Giles, onde Londres estava sendo cortada em pedaços para a construção das grandes avenidas Shaftesbury e a Charing Cross Road. Os operários haviam destruído quase tudo o que havia na área e somente pequenos bolsões mais elegantes permaneciam ainda de pé. Em um deles havia uma loja de propriedade de um certo Ethan Engel.

A propósito, foi nesse armazém de objetos estranhos e bricabraques que comprei o cachimbo pelo qual Holmes mais tarde se tornou famoso. Na verdade, sei com certeza que quando Alfred Dunhill, o especialista em cachimbos, abriu sua loja no Strand, alguns anos mais tarde, às vezes turistas americanos perguntavam se tinha cachimbos “Sherlock Holmes”. Até hoje Dunhill ouve esse pedido de certos fregueses, de tal modo Holmes se identificou com esse tipo de cachimbo, longo e recurvado, com o forninho grande, como os dos duendes. Pode-se ver o original nas fotografias do grande homem.

Mas, naturalmente, não foi essa a missão que nos levou a Engel naquele dia de dezembro de 1870. Holmes esperava que o antiquário pudesse dar algum esclarecimento sobre o tubo que o misterioso estranho deixara cair.

— É egípcio — disse Engel, examinando o objeto com os óculos de lentes espessas de relojoeiro. — Arte egípcia. O desenho em relevo, no marfim, representa Anúbis, o deus egípcio dos mortos.

Estremeci. Holmes ficou entusiasmado.

— Já viu outro igual antes?

Mas o especialista não queria se apressar.

— O trabalho é muito bom. Muito bem preservado. — Os olhos, que pareciam arregalados atrás das lentes grossas, estavam ávidos. — Vi uma zarabatana deste tipo só uma vez antes. Fazia parte da coleção de peças egípcias que vendi a um cliente. O dono de uma taverna. Ora, qual era mesmo seu nome?

Holmes mal podia se conter.

— Onde posso encontrá-lo?

Engel consultou seu livro de vendas, folheando, deixando passar uma folha, voltando para trás. Não queria ser apressado.

— Vai comprar alguma coisa, suponho. — Seus olhos estavam fixos em Holmes. Era uma condição. Se comprássemos alguma coisa, Holmes teria a informação.

— Compre alguma coisa, Watson — disse Holmes em voz baixa. Respondi que estava com pouco dinheiro. — Ora, Watson, não é hora para ser pão-duro. Pelo amor de Deus, compre alguma coisa. Isto pode nos levar ao assassino.

Foi então que vi o cachimbo.

— Por que diabos você comprou um cachimbo? — perguntou Holmes, quando já estávamos na rua. — É ridículo.

Não havia dúvida de que era incômodo. Pesava tanto que, quando o colocava na boca, tinha de segurar o forninho com a mão.

— É elegante — eu disse — e vou aprender a fumar nele.

Mas, para ser sincero, detestei aquela coisa, embora percebesse que Holmes estava com inveja de mim. Queria o cachimbo. Mas a juventude tem uma estranha mesquinhez — resolvi que ele não o teria! Pelo menos, aquela compra havia garantido a informação que Holmes procurava. Engels havia escrito o nome Khasek e um endereço no East End de Londres.

Resolvemos visitar a Taverna do Baixo Nilo, em Wapping, ao anoitecer. Por dois motivos principais. Primeiro, como Holmes me explicou, esse tipo de estabelecimento destinava-

se a servir uma clientela tardia. Não disse mais nada e imaginei um restaurante do rio, onde os ricos dos bairros mais elegantes gostavam de cear. Provavelmente tinha uma maravilhosa cozinha norte-africana, embora eu, pessoalmente, não aprecie alimentos muito condimentados. Mas não era nada disso, disse Holmes, continuando mais calado do que nunca.

O outro motivo para fazer a visita à noite era a necessidade vital de conseguir que Holmes saísse da escola sem ser visto. Tínhamos resolvido que o melhor meio era ele entrar e sair às escondidas, quando; toda a escola estivesse reunida no refeitório. Holmes parecia completamente indiferente ao fato de que isso ia significar para mim a perda do jantar. Seja como for, sempre atento às oportunidades para encher o meu tempo, sugeriu que, no intervalo, entre nossa volta à escola e nossa partida para Wapping, eu obtivesse os suprimentos necessários para sua manutenção no sótão.

Compreendo que possam achar que seria uma tarefa relativamente simples, uma corrida até o armazém da esquina para comprar bananas e pão. Mas a coisa era muito diferente. Pela primeira vez fiquei conhecendo os gostos epicúrios, para não dizer estranhos, de Holmes. Como seria possível, perguntei ao receber a lista, comprar nozes em pickles àquela hora? E *lapsang souchong* e água Vichy e sementes de girassol e raízes de vagens Mung? Naturalmente, Londres era bastante cosmopolita em sua comida para ter esses produtos à venda. Mas não tinha cabimento esperar que eu os comprasse àquela hora. Elizabeth concordou comigo. Holmes resolveu se contentar com pão, *bacon* e meio quilo de queijo *cheddar*.

Mas não se tratava apenas de alimentar Holmes. Ele pediu uma imensa variedade de outras coisas: papel de tornas-sol, giz, tinta invisível, uma bússola e (para que, eu nunca vim à saber!) uma coleção de bolas de naftalina! Fiquei extremamente irritado. Além disso, Holmes zombou quando protestei contra a idéia de obter esse material clandestinamente nos vários departamentos da escola; estava me pedindo para roubar! Resmungou que se tratava de revelar uma vilania; incitou-me a “agir como soldado”, uma expressão que jamais me agradou, nem depois de minha carreira como médico do exército.

Então discutimos se seria conveniente ou não nos disfarçarmos para a visita à taverna. Eu sabia que Holmes era exímio na arte de disfarces, mas, francamente, não me agradava a idéia de andar pelas ruas de Londres fantasiado. Fiz pé firme. Devíamos ir sem disfarces, eu disse, porque tinha certeza de que, fosse quem fosse esse tal Khasek, sem dúvida receberia com mais agrado dois estudantes ingleses. Holmes concordou relutantemente, muito irritado.

Assim, ao cair da noite, saímos para Wapping. Ao invés de tomarmos um carro de aluguel, cujo preço, suspeitávamos, devia ser muito alto, preferimos o trem distrital. Lembro-me que a estação final em West Brompton fora inaugurada naquele ano. Naturalmente, naquele tempo os trens eram puxados por pesadas locomotivas (a eletrificação só surgiu mais tarde, naquela década) e o vapor das mesmas poluía aquele ar já tão poluído. Naquela noite estava especialmente desagradável por causa do denso *fog* que cobria a cidade. A máquina abria caminho entre as rajadas amarelas de *fog*,

sobre os trilhos, entre prédios cinzentos, a caminho de Blackfriars. Aí era o fim da linha e Holmes propôs que fizéssemos a pé o resto do caminho.

Depois de termos atravessado a Ponte Blackfriars (terminada no ano anterior), ele viu um ônibus que ia na nossa direção e, para meu alívio, nós o tomamos. Já estávamos em uma parte da cidade na qual eu não pensaria em passear a não ser por obrigação. Os lampiões a gás eram luas amarelas na escuridão sombria e bêbados cambaleavam para fora das tavernas barulhentas. Crianças de olhos tristes espiavam nas janelas de prédios miseráveis. Porém, o ônibus não ia além de Aldgate. A estrada coberta de neve estava muito perigosa; o cocheiro temia pelos cavalos. Assim, não tivemos outra alternativa senão descer do ônibus e abrir caminho entre a neblina.

Nas tristonhas ruas do East End, a única iluminação era a das velas que bruxuleavam nas casas geminadas. O *fog* nos impedia de ver os perigos que nos rodeavam. Só o apito ocasional de um barco no rio próximo nos garantia a existência de um mundo além da escuridão e que podia ser alcançado. E foi naquele labirinto de vielas que levavam ao rio que Holmes começou a procurar o nome da rua. Finalmente, mais por sorte do que por outra coisa, encontrou o que procurava: Saragosa Street.

No fim de alguns degraus estava A Taverna do Baixo Nilo. Uma pesada porta de madeira com uma portinhola gradeada proclamava sua má vontade para com estranhos. O próprio Holmes, creio, sentiu-se pouco à vontade quando puxou a corrente de ferro que fazia tocar a campainha. Ouvimos

música oriental, uma voz estridente cantando ao som de ocarinas, e a batida dos tamborins. Quando a portinhola se abriu, dois olhos cheios de suspeita apareceram e logo se arregalaram, atônitos, à visão de dois estudantes ingleses.

— Boa noite — disse Holmes, com desembaraço. Forcei um sorriso amável.

— O que vocês querem? — A voz era mal-humorada e estrangeira. — Mulheres?

Pensei ter visto Holmes piscar um olho em concordância, o que em nada contribuiu para acalmar meus nervos. Holmes disse:

— Queremos falar com o proprietário.

A portinhola foi fechada, a porta se abriu e entramos.

— O senhor é Khasek? — perguntou Holmes.

O homem não respondeu. Conduziu-nos pelo salão enfumaçado até o bar mal iluminado. Havia homens de várias nacionalidades e mestiços de muitas outras. Jogavam dados e cartas e tomavam anis, envoltos pela fumaça espessa. No palco improvisado, uma mulher executava a dança do ventre, provocando largos sorrisos e assobios. Tantos eram os árabes, turcos e armênios ali reunidos que parecíamos estar numa casbá. Enfiei as duas mãos nos bolsos, esperando que o negócio de Holmes fosse muito breve.

— Querem beber alguma coisa, rapazes? — O convite foi feito por um homem grande, com um turbante imundo; a barba crescida e malcuidada e os olhos esquivos nada faziam para melhorar sua aparência.

— Vocês têm sopa? — perguntei, percebendo imediatamente meu erro.

— Watson, por favor — disse Holmes.

Olhei para nosso anfitrião como quem se desculpa.

Se soubesse o que sei hoje eu o teria classificado como originário dos *affridi*, *wazir* ou outra tribo patane qualquer. Mais tarde, eu trataria muitas vezes com eles, nos dois lados da fronteira noroeste da Índia; um povo guerreiro, muito valente. Mas, naquela noite, aos meus olhos jovens e inexperientes, o homem parecia assustador. Embora fosse extremamente delicado.

— Sou Khasek — disse ele.

Holmes foi direto ao assunto:

— É o proprietário deste estabelecimento?

A pergunta parecia muito formal e o homem logo ficou na defensiva. Acenou afirmativamente, com cautela. Holmes tirou do bolso a zarabatana e disse:

— Já viu isto antes?

O que aconteceu então foi a última coisa que eu poderia ter imaginado. Aquele homenzarrão assustador ficou pálido de medo! Deu alguns passos rápidos para trás, olhando fixamente para o tubo, e soltou então um grito impressionante:

— *Rame Tep!* — gritou ele. — *Rame Tep!*

Tão grande foi a comoção, que o salão ficou em silêncio. Todos os olhos estavam em Holmes e em mim. Khasek recuperou a presença de espírito, mas agora estava francamente hostil. Olhando com horror para a zarabatana, quis saber sua origem.

— Eu a achei — respondeu Holmes. Ele também estava nervoso.

— Saíam daqui — rugiu o patane. — Vão. Levem isso para fora daqui.

— Mas senhor — insistiu Holmes. — É muito importante que nos dê toda a informação possível sobre este objeto.

Khasek olhou para ele, furioso. Chamou, na sua língua, vários egípcios presentes na taverna. Os homens levantaram-se rapidamente e se aproximaram de nós, armados de facas.

— Saíam da minha casa — ordenou Khasek — ou estas vão ser as últimas palavras que ouvirão.

Mas, para meu desespero, Holmes insistiu:

— Senhor, não seria possível...

Khasek encostou um revólver na garganta dele. —. Nós já vamos — disse Holmes. — Vamos embora agora mesmo.

E saímos correndo.

Lá fora, paramos por um momento.

— Ele parecia muito resolvido a se livrar de nós, Holmes — eu disse e nós dois rimos às gargalhadas dessa apreciação otimista. Era quase meia-noite. A neblina redemoinhava em círculos gelados. Mas, comparada com a atmosfera da taverna, parecia sublime. Iniciamos a longa viagem de volta para West Brompton.

Capítulo Seis

JÁ INSINUEI EM OUTRAS NARRATIVAS, BEM COMO NO CURSO desta, que às vezes eu ficava farto de Sherlock Holmes. Naqueles anos, em Baker Street, a capacidade do grande homem para se impacientar com as conveniências das outras pessoas, quando estava concentrado na procura de

solução para importantes problemas, muitas vezes prejudicou a grande estima que eu tinha por ele. Naqueles anos ardentes da juventude era muito mais fácil me revoltar subitamente por diferenças de opiniões ou sobre prioridades. Um exemplo disso ocorreu na noite da nossa aventura na Taverna do Baixo Nilo.

Tínhamos chegado ao pátio da escola, passando pelo porteiro da noite, que cochilava plácidamente perto de um brazeiro na casinha ao lado do portão, quando Holmes sugeriu uma visita à biblioteca. Fiquei desapontado e indignado ao mesmo tempo. Eram duas horas da manhã. Em menos de cinco horas o sino chamaria todos para a oração matinal — todos, exceto Holmes, que não devia estar dentro da escola em hipótese alguma. Eu disse então que a coisa mais sensata seria ele voltar ao sótão, onde sem dúvida Elizabeth o esperava ansiosamente, enquanto que eu iria para minha cama, do dormitório. Já estava atrasado nos estudos; se não dormisse pelo menos um pouco, não ia conseguir me pôr em dia nunca mais. Além disso, mais aventuras noturnas seria arriscar demais a sorte; podíamos ser surpreendidos e então eu também ia ser expulso.

Holmes insistiu. Precisava que eu lhe mostrasse o lugar exato de onde tinha vindo o tilintar de campainhas. Isso lhe indicaria o motivo da presença do intruso na biblioteca naquele dia, que ele acreditava ter ligação com os gritos alarmados de Khasek de *“Rame Tep!”* e com as últimas palavras de Waxflatter, *Eh-Tar*. Ora, para mim tudo isso parecia um exagero; além disso, eu mal podia falar, de tão cansado. Contudo, durante a árdua caminhada de Wapping

até a escola, quem se queixou de cansaço foi Holmes. Mas agora, ao que parecia, estava completamente refeito e impaciente como um duende. Não deu atenção às minhas objeções. Assim, foi mais por pura exaustão do que por confiança no plano que capitulei. No silêncio da noite caminhamos para a biblioteca.

Qualquer esperança que eu pudesse ter de que estivesse trancada e impenetrável desvaneceu-se quando Holmes, que invariavelmente levava consigo uma enorme quantidade de instrumentos, tirou do bolso uma chave mestra. Previsivelmente, ele levava também no bolso fósforos suíços que nos permitiram acender um lampião de querosene oportunamente esquecido sobre a mesa do bibliotecário. Assim equipados, começamos a andar entre as estantes de livros com a leveza de uma pantera.

Como era de se esperar, Holmes ficou impaciente quando não consegui localizar de imediato o lugar do meu tombo. Então, lembrei-me de Heródoto. Se pudesse encontrar a seção em que estava o historiador grego, então, o lado oposto seria aquele de onde partira o som tilintante. Por sorte, na seção de literatura clássica, encontrei o lugar exato. Holmes imediatamente subiu na escada no outro lado que, para sua satisfação, revelou ser a seção de história E-H. Suas mãos alcançaram um volume de egiptologia. Esperei ao pé da escada que ele descesse, mas fez um sinal para que eu erguesse a lanterna, a fim de que pudesse anotar alguma coisa do volume que segurava.

— Por favor, Holmes — implorei — escreva o mais rápido possível.

Cada minuto parecia uma hora naquela situação, cada estalido do prédio velho a ameaça de sermos descobertos. Mas Holmes estava entusiasmado demais para dar atenção aos meus temores.

— Incrível! — exclamou ele.

— Holmes, fale baixo!

— Sim, naturalmente. Desculpe, Watson. — Mas essa consideração durou pouco. — Oh, meu Deus! Espantoso! — exclamou ele, reagindo a uma nova revelação, e sua voz ecoou pela sala deserta.

Ali de pé, perto da escada como um farol Bartholdi, senti crescer meu ressentimento contra os riscos a que Holmes estava se expondo.

— Rápido, Holmes — implorei, apanhando no bolso um drope de pêra. — Holmes, por favor.

Mas o pesquisador imperturbável não me deu atenção. E só depois de uma hora achou que estava suficientemente informado para sair da biblioteca. Quando por fim encostei minha cabeça no travesseiro, no dormitório, o sono chegou, inquieto. Pois, em pouco tempo, sabia que seria acordado pelo sino.

Passei o dia seguinte como um sonâmbulo nas aulas, consolado apenas pelo fato de que tudo o que estavam ensinando era repetição para mim. Devido à superioridade do ensino na minha antiga escola, na verdade eu não estava sendo prejudicado. Ao contrário, meus colegas mal conseguiam me acompanhar. Mesmo assim, na hora do jantar não estava com meu apetite habitual, uma consequência da

fadiga. Prometi a mim mesmo não ir ao sótão de Waxflatter naquela noite, uma promessa que não cumpri.

Mudei de idéia por duas razões principais. Por mais exigente que fosse, Holmes era meu amigo e intelectualmente muito superior à maioria dos estudantes do Old Broms, cujos interesses limitados e mesquinhas preocupações eu começava a achar insuportáveis. Holmes era sempre estimulante e eu tinha motivos para acreditar que me respeitava. O fato de às vezes abusar do meu bom temperamento podia ser ignorado; precisava de mim como uma caixa de ressonância das suas teorias e eu considerava isso um privilégio. E naturalmente havia Elizabeth, aquela jovem maravilhosa, cuja capacidade para me envolver na aura do seu amor por Holmes era tão preciosa para mim. Outro motivo para ir ao sótão naquela noite, devo admitir, foi a curiosidade. Precisava saber ao que as investigações de Holmes o estavam levando. O que significava *Rame Tep*?

Naquela noite Holmes fez um relatório das suas pesquisas, que haviam continuado vigorosamente no sótão durante todo aquele dia. Ao que parece, Elizabeth havia encontrado entre os objetos do tio certos livros relacionados com o assunto, um fato que Holmes considerou mais do que coincidência. Mais tarde, mais de uma vez nos deparamos com esse fenômeno. Era como se os livros tivessem vontade própria. Quando a pesquisa é honesta e válida, eles aparecem como por um golpe de mágica. Ou talvez esteja dentro do poder humano adquirir conhecimento desse modo. O que posso dizer é que muitas vezes me aconteceu encontrar por acaso (se é que acaso é a

palavra correta) no balcão de livros usados, ou olhando para mim da estante de uma biblioteca, um livro que eu precisava urgentemente mas não tinha esperança de encontrar. Talvez a vida seja uma estrada pela qual já caminhamos antes. Mas, naturalmente, este não é o momento para tais questionamentos. Basta dizer que havia vários volumes sobre egiptologia espalhados pelo sótão.

Holmes estava tranqüilo e Uncas dormia aos pés de Elizabeth. Chegara o momento de rever a situação. Holmes nos fez lembrar que nenhuma outra civilização antiga havia baseado sua vida social e religiosa, na verdade toda a sua cultura, na idéia central da imortalidade, como a dos egípcios. Durante toda a sua existência, a principal preocupação de um egípcio culto durante as dinastias era com a vida do além-túmulo. A construção do seu túmulo, a ornamentação e o mobiliário eram suas prioridades. A idéia absorvia seus pensamentos e era responsável por grande parte da sua riqueza terrena. Tinha sempre em mente o momento em que seu corpo mumificado fosse levado para uma casa na colina, a morada mais permanente do que qualquer uma que pudesse ter em vida. Naturalmente, nosso conhecimento da doutrina da ressurreição e da vida futura aceita pelos egípcios é fragmentário. Seus estudiosos e escribas achavam desnecessário documentá-la para a posteridade, uma vez que existia uma obra sagrada com todas as indicações necessárias: o texto religioso chamado o Livro dos Mortos.

Escritas em papiro e depositadas nos túmulos dos mortos, essas escrituras eram eternas. Baseavam-se na experiência de mais de cinco mil anos. Refletiam as crenças sublimes e as

aspirações da civilização egípcia. Revelavam também, sob a forma de amuletos, talismãs e ritos mágicos, um respeito reverente pela superstição. Assim como o cristianismo, mais tarde, levaria consigo em seus rituais muita coisa de origem pagã.

Na verdade, a crença básica do cristianismo talvez tenha se originado na antiga crença egípcia da ressurreição. Esta tinha suas origens na natureza, nas enchentes periódicas do Nilo, que transformavam a terra seca em campo fértil e recriavam a vida. E o ponto central era o relacionamento de Rá, o deus sol, com Osíris, o deus dos mortos, um relacionamento paralelo ao que há entre Cristo e Deus Todo-Poderoso. Na verdade, o desempenho principal em todas as religiões é o da morte e do renascimento. Não é de admirar que tenha nascido no delta do Nilo, porque aí o ciclo da natureza era mais do que evidente.

Osíris, então, era o deus da ressurreição, como se tornou Cristo para os cristãos. Osíris era de origem divina, filho de Rá. Foi morto pelas mãos do mal e, depois de uma luta contra essas forças, voltou a viver. Portanto, parecia lógico que o mesmo acontecesse aos que acreditavam nele, desde que fossem observados meticulosamente os costumes imemoriais de sepultamento.

Os mortos egípcios eram mumificados, imitando a forma mumificada de Osíris. O processo de preservação tornou-se uma ciência de fórmulas secretas. Os métodos eram sempre aperfeiçoados. Uma hierarquia se desenvolveu nessa arte. No lugar mais alto estava uma divindade, Anúbis, o deus do embalsamamento.

Mesmo depois de adotarem o cristianismo, continuaram a mumificar seus mortos, combinando sua adoração por Cristo com a adoração de Osíris e dos deuses da antiguidade. Contudo os cristãos, embora pregassem a doutrina da ressurreição, insistiam em dizer que não havia necessidade do embalsamamento. Ensinavam que era um costume sem utilidade. Os escolhidos receberiam seus corpos de volta, intactos, pela graça de Deus.

Cabe aqui uma pequena digressão. Mais tarde, em nossas vidas, nem Holmes nem eu poderíamos ser qualificados como cristãos praticantes. Nunca soube que ele tivesse ido à missa. Acho que se pode dizer que sua mente inquisitiva e seu modo científico de encarar a vida anularam o que deve ter sido uma educação católica da infância. Mas estou certo também de que era um homem de profunda espiritualidade, mais mística do que eclesiástica. Seu modo de ver o assunto era eclético. Seleccionava de todas as crenças aquilo que parecia pertinente à procura da verdade absoluta. Essa atitude se estendeu, talvez interesse ao leitor saber, mais tarde aos fenômenos psíquicos. No curso de uma das suas investigações, Holmes consultou um médium. Quanto a mim, o exercício da medicina metodicamente reduziu minha capacidade para respeitar os mais rígidos e menos plausíveis dogmas da crença convencional. Entretanto, a Inglaterra vitoriana, como o Egito antigo, demonstrava ampla evidência da esperança de que o corpo sobrevivesse à morte. Bastava olhar os mausoléus dos ricos nos nossos cemitérios. Seu tamanho e opulência sem

dúvida sugeriam a realidade dessa aspiração. Mas, voltando à minha narrativa...

O costume de fazer múmias gradualmente se tornou obsoleto e diminuiu o culto a Osíris. Mas houve uma exceção a essa evolução geral. Mais ou menos em 2.500 a.C., quando a Grande Pirâmide era ainda jovem, surgiu em Abidos, no sul do Egito, uma seita que praticava uma forma distorcida da crença central na sobrevivência após a morte. Foi fundada por um sacerdote rejeitado por seus pares, que o consideravam corrupto e decadente. E era verdade: seu culto não passava de uma distorção depravada da antiga crença. Seu deus principal era Anúbis, o deus de cabeça de chacal que presidia ao embalsamamento.

Segundo esse culto, os vivos deviam ser periodicamente sacrificados para garantir a ressurreição de todos. Meninas que atingiam a puberdade eram as vítimas preferidas dessa religião odiosa, na sua essência um culto da fertilidade. Essas vítimas do sacrifício eram mumificadas vivas. Embora as autoridades tenham tentado livrar a sociedade dessa seita, que se havia disseminado e era temida por toda parte, só conseguiram fazer com que se tornasse secreta. O nome do fundador da sociedade era Rame Tep.

Holmes descobriu que os Rame Tep eram especialistas no fabrico de drogas feitas com várias plantas e suas raízes. Para os inocentes que desejavam mumificar usavam uma droga que produzia um estado semelhante ao transe. Contra seus inimigos, usavam uma droga que provocava alucinações. Quando introduzida na corrente sangüínea produzia

pesadelos tão horríveis, mas tão reais, que a vítima não distinguia a ilusão da realidade. Era um caso de “os deuses enlouquecem aqueles a quem desejam destruir”.

Holmes então revelou um fato realmente notável. Descobrira que os Rame Tep usavam um espinho, não maior do que um alfinete, e uma zarabatana para injetar esses venenos terríveis em suas vítimas. Os dardos eram feitos de lascas de palmeira impregnadas com o veneno. As tribos das selvas do Equador ainda usam zarabatanas e dardos para caçar animais no alto das grandes árvores. A vítima quase não sente a entrada da farpa no corpo e, naturalmente, a distância garante o anonimato do assassino.

— Mas Holmes — observei — alucinação não é uma arma mortal, por piores que sejam seus efeitos. Afinal, é uma coisa abstrata. Não é possível matar alguém com alucinações.

— Acho que é, Watson — disse ele. — Acho que se pode matar por esse meio. Pense em alguma coisa que é mais repulsiva para você. Cobras, aranhas, morcegos ou ratos. São temores que levam geralmente a fobias. Outras pessoas temem o fogo ou a água de modo exagerado. Esses temores, como sabe, são primitivos. Muito bem, Watson, suponha que o dardo o levasse a um pavor de insuportável magnitude. Suponha que o medo se transformasse em realidade viva. Pode levá-lo a agir irracionalmente, até o ponto da autodestruição. Pode levá-lo a saltar de uma janela ou se atirar na frente de uma carruagem em movimento, no seu desespero para fugir do horror insuportável. As pessoas podem, literalmente, morrer de medo, Watson.

— Quer dizer que é possível até enfiar uma faca no próprio peito, por puro pânico, como aconteceu com o pobre Waxflatter? Mas por que, Holmes, alguém ia querer fazer mal a um homem tão bom? E como você pode ligar sua morte à Rame Tep, uma seita religiosa criada há cinco mil anos? Afinal, Holmes, estamos vivendo no centro da civilização e no século dezenove!

A expressão de Holmes era a que eu veria muitas vezes no curso dos anos. Uma máscara irônica e intimidante.

— Muito bem, Watson — disse ele. — Você está se tornando um ótimo detetive. Suas perguntas são de primeira qualidade. Entretanto, a realidade é que elas ainda não têm resposta.

— Mas de uma coisa podemos ter certeza — disse Elizabeth.

— O que é?

— O assassino está dentro da escola.

— Uma afirmação apressada, minha querida, sem dúvida nenhuma — disse Holmes. — Naturalmente, deve estar pensando no som que Watson ouviu na biblioteca.

— Mas eu também o ouvi no pátio — disse ela. — Uncas perseguiu aquela figura no escuro. Ele estava perseguindo o tilintar de sinos.

Holmes, aparentemente, foi tomado de surpresa.

— Naturalmente.

— E Uncas tirou um pedaço da capa negra. Tentei tirar da boca dele. É possível que tenha trazido para cá.

— Meu Deus! — exclamou Holmes. — O que estamos esperando? Precisamos examinar cada centímetro do sótão. Precisamos encontrar aquele pedaço de pano.

Não sei se sou o único, mas acredito que não seja, a verdade é que uma das ocupações que menos me agradam é procurar coisas perdidas. O caso é que sempre atribuí aos objetos inanimados uma vontade própria: para mim eles se escondem realmente. Basta eu derrubar um botão ou uma colher de ovos da mesa e, no curto espaço de tempo necessário para o objeto chegar ao chão, ele resolve viajar, adotar um meio qualquer de camuflagem, e só quando está pronto revela seu paradeiro. Assim, parecia-me pouco provável que pudéssemos encontrar aquele pedaço de pano entre a desordem dos objetos do professor. Além disso, não tínhamos certeza de que estava no sótão. Mas sejam quais forem os deuses que orientam essas formas inferiores de vida, eles estavam do nosso lado naquela noite. Depois de uma hora, durante a qual descobri quatro pés esquerdos de sapatos (“É apenas um sapato, Watson”, explicou Holmes. “Acontece que Uncas está levando sempre o mesmo para você.”), ouvimos Elizabeth exclamar:

— Achei!

Dentro da caixa de ferramentas de Waxflatter estava o pedaço de pano, grudado em uma tachinha.

Holmes, naturalmente, ficou satisfeitíssimo. Era a primeira peça tangível de evidência. Imediatamente ele a submeteu ao escrutínio científico. Isso quer dizer que fui encarregado mais uma vez de procurar produtos químicos. Holmes estava também mais exigente no que se refere às suas necessidades

dietéticas. Percorri o mercado local Inteiro à procura de um certo crustáceo só encontrado quando as marés equinociais da Normandia o levavam até a praia. Para Holmes era alimento para o cérebro. (Felizmente, devo declarar, ele se contentou com camarões em conserva.) Em pouco tempo estava preparado para anunciar algum progresso. O pano tinha sido tratado com um álcool industrial, sem dúvida para remover alguma mancha. Holmes identificou esse produto como um líquido fabricado pela firma Frogit & Frogit, com armazéns no Shad, ao sul do Tâmis. Sugeriu que nós três fizéssemos uma visita ao lugar.

Eu esperava encontrar o armazém movimentado como uma colmeia. As vias de acesso ao porto eram as artérias do nosso grande Império, do qual Londres era o coração. A atividade nas docas é incessante. Mas o que encontramos foi um edifício alto, do qual a prosperidade há muito fugira. Os ratos tinham tomado conta das ruínas, em um beco. Barris com o nome da firma estavam vazios; a maquinaria estava enferrujada; aqui e ali uma porta batia, açoitada pelo vento gelado. Tivemos de entrar por uma janela, com vidros quebrados. Então, caminhamos cuidadosamente pelo assoalho que ameaçava ruir sob nossos pés. Um rato remexia o lixo. Holmes, então, avistou algo no escuro. Do assoalho apodrecido erguia-se uma estrutura em forma de pirâmide, com mais ou menos um metro de altura. Examinando-a de perto, verificamos que era feita de pedra. Mais estranhos eram os desenhos gravados: hieróglifos egípcios e antigo trabalho de arte representando um rito primitivo.

— É uma estátua — eu disse.

— Não, Watson, não é.

— O que é, então?

Elizabeth e eu esperamos a explicação enquanto Holmes andava em volta da pirâmide.

— Apenas a ponta de um *iceberg* — disse ele, enigmaticamente.

Eu ia começar a fazer perguntas quando ouvimos um ruído ensurdecedor de madeira que se partia. O assoalho cedeu. Holmes, Elizabeth e eu fomos lançados para a frente. Escorregamos por uma rampa para o andar de baixo. Limpando da roupa lascas de madeira e pedaços de alvenaria, vimos que estávamos agora na base de uma pirâmide muito maior do que a que víamos lá em cima. Tinha uns cinco metros de altura. Começamos a andar em torno dela. Em um dos seus lados havia uma escada em espiral que ia dar em um nível mais baixo ainda. No outro lado havia um alçapão. Entramos por ele em um túnel, onde só podíamos nos arrastar. No fim do túnel vimos orifícios pelos quais passava a luz.

— Vamos sair daqui — eu disse, mas ninguém podia segurar Holmes naquele momento.

Como toupeiras em um túnel sob a terra, nos arrastamos na direção da luz. O que vimos pelas aberturas podia ser descrito como uma bizarra fantasia teatral. Mas não era. Era diabolicamente real.

Capítulo Sete

OS DISTRITOS AO LADO DO TÂMISA, SHADWELL, WAPPING e Limehouse são flanqueados, no lado da margem do rio, por armazéns que, vistos do rio, parecem tão ameaçadores quanto os muros de uma prisão. Na época desta narrativa, cerca de dez mil navios por ano descarregavam neles matérias-primas e mercadorias para alimentar a maior cidade do mundo. Por trás dessa panóplia de comércio, floresciam comunidades diversas, cada uma com seus costumes e tradições e prazeres importados de terras distantes.

Os chineses tinham seu bairro em Limehouse, ao longo da East Índia Dock Road; os irlandeses haviam se estabelecido em Spitalfields e Shadwell; as comunidades judaicas estavam em Aldgate e Stepney; os lascars, tripulações indianas dos navios ingleses, estavam por toda a parte, bem como os emigrantes da Arábia, África, Moçambique e das ilhas do Pacífico Sul.

Havia mesquitas, templos e sinagogas. Casas de ópio. Nos bordéis, muitas prostitutas eram francesas ou italianas. Algumas áreas do East End eram tão perigosas que a polícia se recusava a patrulhá-las; grande parte da corrupção os policiais preferiam ignorar. Tudo o que era misterioso, secreto e sinistro na vida vitoriana medrava nos bairros das docas, convenientemente escondidos atrás da tela de respeitabilidade na qual a sociedade preferia ver a si mesma. Era o lugar ideal para esconder o rito inominável que íamos

assistir e para o qual aquela casa em ruínas fornecia a camuflagem perfeita.

Estávamos espiando através do olho de um ídolo, que parecia ter a forma de animal, com dois braços atrofiados que se estendiam, prontos para um abraço. A julgar pelo tamanho dessas protuberâncias, que tinham uma textura de concha, como se fosse um crustáceo monstruoso, o deus devia ser enorme. Era, evidentemente, o centro de um altar muito elaborado, flanqueado por outros deuses, alguns com rostos humanos e corpos de leão, outros com forma completamente humana, corpos lisos e rostos jovens eternizados na pedra. Havia sarcófagos, toscamente cobertos de hieróglifos, lindas tapeçarias, papiros estendidos em molduras de madeira, tudo evidenciando a natureza do antigo Egito naquele templo sinistro, onde candelabros pendentes do teto curvo davam o tom de mistério religioso, negando a depravação da cerimônia ali em curso.

Com um capuz em forma de cabeça de chacal e um manto dourado, um sumo sacerdote orava em língua estranha, diante de uns cinqüenta suplicantes. Estes usavam túnicas longas cor de terracota e tinham as cabeças raspadas, exceto por uma trança pintada de verde, que parecia uma serpente. Dos seus cintos pendiam zarabatanas de marfim entalhadas, semelhantes à que tínhamos encontrado, e pequenas sacolas de couro que deviam com certeza conter os espinhos que atiravam com a arma.

A uma ordem do sacerdote, os idólatras ergueram os braços em homenagem ao deus do altar; isto produziu um cres-

cendo do tilintar de sinos que já conhecíamos. Era provocado pelos amuletos de pedrarias que todos usavam no pulso.

Ao lado do altar, um homem robusto, que devia ser núbio, tomava conta de uma urna verde na qual uma substância oleosa fervia, soltando fumaça, enquanto na frente do altar o corpo de uma adolescente estava sendo coberto com os linimentos da inumação. Para nosso horror, compreendemos que a jovem inocente estava viva, embora aparentemente em transe, e olhamos sem poder acreditar quando foi levada, como uma sonâmbula, até um caixão mortuário e colocada dentro dele.

Holmes quebrou o encantamento lançado sobre nós por aquele tremendo ultraje.

— Aqueles, amigos, são seguidores do culto de Rame Tep — observou ele. — Vou descer até o templo.

Voltou pelo túnel e reapareceu lá embaixo, escondido da assembléia atrás de uma coluna. O cântico a essa altura atingia um ritmo histérico. Todos os olhos estavam no caixão. Vi Holmes se colocar silenciosamente atrás de um dos homens e tirar do cinto dele uma sacola de espinhos, sem dúvida tencionando analisá-los quando estivesse a salvo no sótão, embora a perspectiva de final tão agradável parecesse naquele momento muito mais remota, em vista da nossa situação. Holmes seria descoberto, sem dúvida, e quando isso acontecesse nós todos estaríamos em uma encrenca. Havíamos invadido o recinto de uma sociedade secreta. Certamente não iam poupar nossas vidas.

O rito pavoroso chegara ao auge. O líquido da urna verde estava sendo transferido para o caixão. A infeliz vítima fora mumificada viva!

— Parem, assassinos! — gritou Holmes e meu coração parou.

O canto silenciou. Todos os olhos se voltaram para ele e os homens rapidamente foram em sua direção, as zarabatanas erguidas, prontos para matar. Holmes correu para salvar a vida.

Nós nos encontramos na escada em espiral. Assim que chegamos no topo, jogamos sobre os homens lá embaixo todos os barris vazios que conseguimos encontrar, o que atrasou a perseguição. Enquanto fazíamos isso, éramos envolvidos por uma verdadeira chuva de espinhos envenenados, que pareciam picadas de mosquitos na nossa carne. Mas estávamos por demais ocupados com a fuga, para pensar na inevitável consequência.

Corremos pelo assoalho desmoronado até a janela que dava para o beco. Por ali chegaríamos às ruas da cidade e a uma segurança relativa. Fora do armazém pensamos estar livres deles, mas um membro mais tenaz, armado com uma faca ameaçadora, saltou a janela atrás de nós. Entramos em pânico. Fugimos para o lado errado e chegamos ao fim do beco sem saída. Era bloqueado por uma cerca alta, que escalamos, e do outro lado nos encontramos dentro de um cemitério, onde a luz da lua sobre a neve desenhava sombras estranhas das estátuas e dos túmulos mórbidos. Estávamos no país dos mortos.

Devido ao nosso esforço, a droga começava a fazer efeito. A princípio, uma agradável sensação de bem-estar. Ficamos complacentes. Os inimigos podiam estar muito perto, mas nem nos importávamos com eles. Os monumentos à nossa volta não nos intimidavam mais. Na verdade, ríamos daquela ostentação de mau gosto. Nós três ríamos, continuando a andar. Holmes passou o braço pela cintura de Elizabeth, que se aconchegou nele, e eu os acompanhei descuidado, como se estivéssemos passeando no campo. Mas durou pouco. A euforia transformou-se em vaga sensação de medo. Estávamos a ponto de experimentar os horrores da alucinação.

Elizabeth foi a primeira a perder a noção da realidade, embora eu estivesse muito próximo disso também, pois vi claramente o braço de um esqueleto surgir de um túmulo e agarrar a perna dela. Vi quando Elizabeth cambaleou para trás, horrorizada. Mas eu ainda tinha suficiente controle dos meus sentidos para perguntar a Holmes o que estava acontecendo.

— Elizabeth está começando a ter alucinações — ele disse, com uma expressão preocupada, mas ainda calma. — Vamos ter de amarrá-la. — Voltou-se para a jovem apavorada e disse, com voz tranqüila. — Não é real, Elizabeth. Você está apenas imaginando tudo isso.

Mas a essa altura ela já estava gritando.

— Vamos, Watson, dê-me seus suspensórios.

Naturalmente, naquelas circunstâncias, não hesitei e também dei a ele meu cachecol. Íamos começar a amarrá-la em uma lápide vertical quando ela recuou e caiu em uma cova vazia.

— Tio, por favor! — gritava ela, apavorada. — Não, tio, por favor!

Sua mente perturbada, ficamos sabendo mais tarde, criara a ilusão de que o tio morto a estava enterrando viva, de pé ao lado da sepultura, jogando terra em cima. Naturalmente eu desconhecia esses detalhes do delírio naquele momento. Aliás, eu também começava a ter minhas fantasias, o que me impedia de ajudar Holmes em qualquer coisa que ele tentasse fazer para evitar que nos feríssemos.

O leitor tem o direito de perguntar de que tipo foram minhas alucinações, embora até hoje me sinta envergonhado cada vez que penso nelas. Mas sempre compartilhei com Holmes o respeito por registrar sempre os fatos, o que me nega o constrangimento da reticência. Na minha mente afetada pela droga, eu estava sendo atacado por alimentos! Todo o tipo de comestíveis, que eu sempre tivera tanto prazer em consumir, estava agora tentando me devorar! Tortas, doces e pudins tinham membros como tentáculos que se enroscavam no meu corpo, imobilizando-me até me deixar como um indefeso Gulliver em uma estranha Lilliput.

De uma coisa tenho certeza. Nem Elizabeth e nem eu teríamos sobrevivido para contar a história, se Holmes, por meio de algum elemento superior do seu metabolismo, não fosse capaz de atrasar a própria queda no torvelinho da fantasia até tomar as providências necessárias para que nós dois não nos destruíssemos. Com o que devia ter sido um esforço sobre-humano de vontade, ele conseguiu nos amarrar às lápides dos túmulos, usando nossos cachecóis e meus suspensórios, antes de sucumbir também aos estranhos

enganos e às estranhezas que naquela noite roeram seu cérebro como vermes. Pois a julgar pelo que me contou mais tarde, ou, para ser mais exato, por sua relutância em discutir os detalhes, concluí que seu sofrimento tinha sido o maior de todos.

O que consegui saber foi que, depois de nos ter amarrado com segurança, Holmes resolveu esperar o nascer do sol. Ali perto, um mausoléu vazio parecia um bom abrigo, mas quando entrou na cripta, ela subitamente se transformou na sala de estar da casa de sua infância. Sua alucinação tinha começado.

Não era uma cena feliz. Naquele ambiente tão familiar para ele, os pais discutiam amargamente. Ele tentou acalmá-los, mas o pai o acusou de ser o motivo da briga. “Você destruiu a minha vida. Agora vou destruir a sua”, foram as palavras terríveis do pai. Então, essa visão dolorosa mudou novamente. Agora, o pai tinha se transformado na figura de um fanático Rame Tep e brandia uma faca, ameaçando o menino apavorado. Holmes não distinguia a realidade da fantasia. Sabia apenas que naquele mundo de pesadelo alguém se dirigia para ele brandindo uma faca. Ele ia morrer. Então ouviu um tiro.

Holmes se viu diante do cano de uma arma. A realidade tinha voltado. Viu a silhueta de um Rame Tep fugindo na distância, mancando, como se estivesse ferido. A arma apontada para Holmes estava nas mãos de um homem enorme, que evidentemente acabava de sair da cama, pois estava com um sobretudo sobre a camisa de dormir. Era o zelador da igreja, que acordara com todo aquele barulho. Ajudou Holmes a

desamarrar nós dois e então disse que ia nos levar ao centro policial mais próximo, onde seríamos acusados de invasão de domicílio.

No íntimo, fiquei aliviado com esse final. Pois, na minha opinião, o furioso zelador da igreja salvara as nossas peles. Mas Holmes não levou em consideração esse aspecto da coisa. Imediatamente, sua personalidade indignada ressurgiu, afirmando que a acusação era falsa e exigindo que o Sargento-Detetive Lestrade, da Scotland Yard, fosse informado da situação. Mais ainda, ele queria que Lestrade fosse ao centro policial onde estávamos. O golpe de Holmes funcionou; a polícia local ficou suficientemente intimidada ao ouvir falar em Scotland Yard e enviou uma mensagem urgente para Lestrade. Logo depois, o detetive chegou, rubro de cólera. Disse furioso para Holmes:

— Esta é a última vez que vou perder tempo com você — exclamou ele. — Por que não podem se comportar como rapazes normais? Querem acabar na cadeia? Esta é a sua última oportunidade. Falei com as autoridades da igreja e vão desistir da acusação, mas se alguma outra vez...

— Mas Sr. Lestrade — disse Holmes — por favor, investigue. Esse culto fanático é temido em toda a cidade. A comunidade muçulmana tem pavor dele. Meninas estão sendo raptadas para seus rituais repulsivos. Tenho certeza de que há uma relação também com as mortes de Bobster, Nesbit e do Professor Waxflatter. Provavelmente houve outras mortes misteriosas. Precisa investigar.

— Investigar o quê? — Lestrade tinha perdido a paciência. — Tudo isso é produto da sua imaginação fértil. Que diabo,

Holmes, não preciso me justificar com você. É tudo pura tolice. Estou na força há sete anos e você acha que sabe mais sobre o submundo do que eu! Que arrogância! Agora sumam! Sumam, vocês todos!

Holmes voltou-se mais uma vez para Lestrade.

— Muito bem. Mas sugiro que peça ao pessoal do laboratório para analisar isto aqui. — Tirou da sacola de couro alguns espinhos que colocou na mão de Lestrade. — Acho que vai ter uma surpresa.

— Caíam fora!

Quando estávamos saindo, tive tempo de ver um dos espinhos enfiando-se na palma da mão do detetive. Ele o arrancou e, com um gesto de desprezo, jogou-o fora.

Capítulo Oito

DURANTE MINHA LONGA E ÍNTIMA CONVIVÊNCIA COM SHERlock Holmes, jamais o ouvi falar do seu relacionamento com a família e nem da sua infância. Os leitores que têm acompanhado nossas aventuras durante todos estes anos sem dúvida devem estar lembrados que nas *Memórias* (mais precisamente, no caso “O Intérprete Grego”, que aparece naquele volume), considero essa reticência da parte de Holmes bastante importante para ser mencionada. Acreditei que ajudaria o público em geral a compreender seu caráter e o efeito quase místico que ele é capaz de produzir em mim e nos outros. Era como se tivesse saltado de um passado amorfo, com um intelecto completamente formado, um cérebro sem

coração, um ser tão deficiente em simpatia humana quanto bem-dotado em inteligência: um fenômeno isolado.

Em retrospecto, acho que essas observações que fiz nas *Memórias* talvez tenham sido injustas, pois, por mais sobre-humano que ele às vezes pudesse parecer, havia também um lado compassivo nele que, por sua natureza, não podia ser conhecido de todos.

Como escrevi em “A Aventura do Negro Peter” (um caso relatado em *A Volta de Sherlock Holmes*), como todos os grandes artistas, Holmes vivia para a sua arte (embora ela fosse mais ciência do que arte, a ciência refinada da dedução) e os resultados financeiros dessa arte eram assunto de segunda ordem.

Durante os muitos anos de companheirismo, raramente o vi pedir grandes quantias ou recompensas por seus inestimáveis serviços. Tão pouco materialista ele era que muitas vezes recusava ajuda aos ricos e poderosos, quando o problema não era do seu agrado, ao passo que devotava semanas de intenso estudo ao caso de um cliente humilde que apresentasse para ele qualidades estranhas e dramáticas, que incentivavam sua imaginação e desafiavam sua engenhosidade. Em outras palavras, se a pobreza e a injustiça estivessem de mãos dadas, como tendem a andar na vida urbana, então Holmes estava disposto a fazer o papel de Robin Hood, se fosse preciso, e arcar com as despesas dessa missão.

A despeito desse aspecto da sua personalidade, em sua vida adulta Holmes tornou-se um tipo essencialmente não-emotivo, contrário a fazer novas amizades e tão fechado

quanto aos fatos da própria família e das suas origens, que cheguei a pensar que era órfão sem nenhum parente vivo. Mas certo dia, para minha grande surpresa, começou a falar sobre o irmão.

Era uma noite de inverno e estávamos confortavelmente descansados em Baker Street, falando sobre o talento e até que ponto qualquer dom isolado possuído pelo indivíduo pode ser atribuído à hereditariedade e até que ponto é devido a um aprendizado precoce. No caso dele, sugeri, sua peculiar facilidade para a dedução e sua capacidade de observação sem dúvida se deviam a um treinamento sistemático.

Holmes respondeu pensativamente. Até certo ponto, eu estava certo, concordou ele. Seus antepassados tinham sido senhores rurais, que levavam a vida normal da classe, portanto, não podia pensar que tivesse herdado deles qualquer dom. Contudo, admitiu ele, talvez houvesse uma parte de hereditariedade, pois sua avó tinha grande poder de observação. Era irmã de Vernet, o pintor francês. Mas, acrescentou ele ironicamente, a arte herdada pode tomar as mais variadas formas.

Percebendo naquela noite que eu não considerava isso prova suficiente de hereditariedade para os seus poderes, Holmes disse que seu irmão, Mycroft Holmes, possuía essas qualidades em alto grau.

— Ele é sete anos mais velho do que eu — disse Holmes — e muito superior a mim em dedução e observação.

Também não podia acreditar nisso. Seria possível que existissem dois fenômenos desse tipo, vivos e morando em Londres? No tempo da escola eu ouvira falar de Mycroft. Na

verdade, Holmes pretendia ficar na casa dele quando foi expulso do Old Brooms, tendo mudado de idéia, sem dúvida ante a perspectiva de compartilhar o sótão com Elizabeth. Mas muitos anos mais tarde, quando Holmes falou no irmão, não consegui acreditar que existisse outro gênio da detecção além daquele de cujos casos eu era o cronista.

Eu disse que Holmes estava sendo por demais modesto creditando o irmão com talentos superiores aos que eu tanto admirava nele. E se na verdade havia dois Holmes, como o outro conseguira permanecer no anonimato? Holmes insistiu. Mycroft era o verdadeiro mestre, mas acrescentou que o irmão não usava seus poderes para trabalho de detetive; era muito preguiçoso. Se ele o fizesse, se a arte do detetive se resumisse em raciocinar em uma confortável poltrona, ajuntou Holmes, então seu irmão seria o maior agente contra o crime que jamais existiu. Curiosamente, essa foi a descrição que eu finalmente aplicaria ao meu amigo Sherlock Holmes.

Seja como for, chegou o momento em que me foi dado conhecer Mycroft Holmes, uma ocasião que descrevi nas *Memórias*. Holmes levou-me ao Diógenes Club para conhecê-lo, uma instituição curiosa, com sede perto do Carlton, ao lado de Pall Mall. Era um homem muito maior e mais gordo do que Holmes, extremamente corpulento, mas o rosto, embora maciço, havia preservado algo da agudeza tão notável no irmão mais novo. Os olhos de um cinza claro possuíam um brilho estranho e pareciam ter constantemente aquela expressão introspectiva e distante que eu via em Sherlock Holmes apenas quando estava fazendo uso de todo o seu poder de concentração. Gostei dele instintivamente e

orgulho-me em dizer que, naquele primeiro encontro, Mycroft fez uma observação que considere extremamente elogiosa, apesar da expressão de desagrado que notei em Sherlock quando o irmão disse:

— Ouço falar de Sherlock por toda a parte desde que o senhor se tornou seu cronista — disse ele.

Bem, minha desculpa para essas reminiscências comodistas sobre um fato estranho à minha narrativa (muito no futuro, em relação à história que estou contando) é que, quando nos encontramos novamente no sótão, depois da noite no cemitério, a relutância de Holmes em descrever os detalhes da sua alucinação era um sinal indicativo da sua reticência sobre tudo o que dizia respeito à sua infância. Só mais tarde falou sobre o conteúdo do pesadelo e o significado da dolorosa visão de um ambiente familiar tão infeliz. No sótão, demonstrou o que interpretei como uma simpatia incondicional e grande interesse pelos detalhes da alucinação de Elizabeth e riu às gargalhadas da minha.

Decidido a achar a conexão entre a morte de Waxflatter e dos outros dois com as atividades da Rame Tep, Holmes encarregou-me de uma tarefa extremamente cansativa. A seu pedido, eu examinava os papéis do falecido professor, vários arquivos que, nem preciso dizer, estavam em uma desordem incrível. Aquelas pastas cheias de papéis eram testemunhas de que o professor jamais procurara compartimentalizar seus interesses. Gráficos científicos, desenhos, fórmulas matemáticas e notas de aulas estavam misturadas com a correspondência pessoal. Até listas de compras estavam guardadas naquelas pastas que definiam o caráter do homem,

evidência de imensa industriiosidade e de pouquíssimo método.

Divertido, descobri que o velho tinha o hábito de escrever bilhetes para si mesmo. Esses exemplos ao acaso refletem, acho, sua natureza irrequieta — “Preciso escrever para Haslam-Hopwood sobre a Teoria da Levitação, de Stark”,

“Comprar torta de carne de porco no Frampton” e “O gato de Bronya fugiu, mande condolências”. “Um pé de meia descombinando, azul com pintas amarelas, no meio da minha roupa lavada. É de Snelgrove?” e “Defeito crônico no mecanismo hidráulico”, “Encomendar um pote de pasta de arenque”.

Havia uma infinidade de diários, o mais antigo datado do começo do século; cartões-postais de terras estranhas, enviados por antigos alunos, no Grand Tour; programas de concertos e estranhamente, pois eu sabia que sempre fora celibatário, vários catálogos ilustrados de cintas e coletes femininos, amplamente ilustrados. Que estranho velho fora ele, pensei. Encontrei uma pequena tela sem moldura, com várias dobras, que haviam deixado rachaduras e marcas no que parecia um quadro, representando um grupo de alunos de Brompton no dia da formatura. Sem dúvida Holmes se interessaria por isso, pensei, nem que fosse apenas por motivos históricos, pois mostrava como havia mudado a moda dos estudantes desde 1812, a data escrita no quadro. Na verdade, um dos estudantes pintados pelo artista podia muito bem ser o próprio Waxflatter. Mostrei o quadro para Holmes.

— Uma bela pintura, não acha, Holmes? — perguntei, de bom humor.

— Pistas, Watson! — disse ele, empurrando o quadro com impaciência. — Quero pistas, não crítica de arte. — Realmente, Holmes sabia ser mal-educado.

E nem ao menos estava contribuindo para a pesquisa. Ele queria pistas, mas o que estava fazendo para encontrá-las? Ocupava-se no que só posso chamar de brincar, batendo de leve, mas irritantemente, em um pedaço da máquina voadora do velho; parecia um toco de asa.

— Holmes — eu disse — por favor, quer parar com essa batida infernal? Está piorando minha dor de cabeça que, por falar nisso, não passa desde aquelas terríveis alucinações.

— Ajuda-me a pensar.

— Pois eu não consigo pensar em coisa alguma — respondi. — Estou com o sono muito atrasado.

— Não temos tempo para dormir — disse Holmes. — Precisamos continuar o trabalho. Temos de encontrar uma pista. Alguma coisa que ligue Waxflatter à Rame Tep.

Holmes estava irritante ao máximo. Tive vontade de atirar o quadro na cabeça dele. Voltei aos arquivos, enfiei o quadro na pasta e olhei para Holmes, furioso. Ele não tomou conhecimento da minha hostilidade e continuou batendo no pedaço de metal. Eu teria achado melhor o seu violino. No sofá, Elizabeth cochilava tranqüilamente, com Uncas aconchegado a ela, nenhum deles perturbados com as batidas de Holmes. Provavelmente era soporífero para eles. Se pelo menos tivesse o mesmo efeito em mim! Eu estava cansado, entediado e intimidado pela tarefa que Holmes me confiara, comprometido por suas expectativas.

Não adiantava; eu simplesmente não podia mais examinar os papéis. A evidência de uma vida inteira de desordem amontoava-se à minha volta. Ao diabo com as pistas! Holmes que as procurasse. Eu estava com muito sono.

Então, na mesa ao meu lado, notei um prato com um pedaço de doce e um garfo. Sem dúvida apetitoso, mas lembrei-me de que um doce igual àquele havia me atacado durante minha alucinação. Será que esse ia criar pernas e fazer o mesmo? Cautelosamente, encostei o garfo no doce. Seria real ou uma ilusão? Responderia se eu falasse com ele?

— Bem, Sr. Doce — eu disse em voz baixa — tem alguma coisa a dizer? Você é o que parece ou apenas um sonho?

Nenhuma resposta. Certamente podia ser comido. Toquei o doce outra vez.

— Watson!

Santo Deus, ele falou? Não, eu estava cochilando e Holmes me sacudia.

— Watson, acorde! — Sua excitação era intensa. — Watson, o que você fez com aquele quadro?

Tirei a tela da pasta e entreguei a ele.

— Meu Deus, Watson, você sabe o que encontrou?

— Um quadro da formatura de Waxflatter?

— Exatamente. E quem está de pé ao lado do professor?

Esperei que ele me dissesse.

— Bobster.

— Bentley Bobster?

— Ele mesmo. O contador que, de acordo com o *Times* do dia doze de dezembro, cometeu suicídio em Pimlico. —

Examinou as costas do quadro. — Veja, Watson, os nomes estão escritos atrás... Rupert T. Waxflatter, Duncan Nesbit, Oscar Hallmark... nomes que me lembro de ter visto nos obituários dos jornais. Todos morreram recentemente de modo estranho. Muito bem, Watson, estou orgulhoso de você.

Mas não tive tempo de reagir ao elogio de Holmes, porque, naquele momento, a porta do sótão foi aberta com violência. Era Rathe.

— Holmes — disse nosso visitante inesperado — não esperava que nossas espadas se cruzassem tão cedo.

O desapontamento de Holmes foi profundo. Os modos de Rathe, não apenas o fato de nos ter descoberto, o sobressaltaram. Parecia esperar alguma simpatia do mestre que tanto admirava, mas evidentemente isso não ia acontecer.

— O que significa isto, Holmes? — continuou Rathe. — O que está fazendo aqui? Foi proibido de entrar na escola. Venham ao meu escritório, os três.

Não sei qual o instinto que me conduziu, mas ao ver a expressão de Rathe, que registrava não somente zanga, mas medo, escondi o quadro da formatura sob minha camisa. Algo me dizia que era destinado somente aos nossos olhos.

— Muito bem, Holmes. No que esteve metendo seu nariz curioso? — Rathe estava agora sentado no seu escritório.

Ainda atônito com os modos de Rathe, Holmes respondeu com uma pergunta.

— Como soube que eu estava escondido no sótão de Waxflatter?

— Já se esqueceu de que compartilhamos os mesmos poderes de dedução? — disse Rathe, irritado.

Holmes não pareceu convencido. Uma batida na porta e a Sra. Dribb entrou. Nossa presença, especialmente a de Holmes, a deixou surpresa.

— O senhor me chamou, Sr. Rathe?

— Preciso de sua ajuda com estes alunos, Sra. Dribb.

— Mas pensei que o jovem Sr. Holmes tinha deixado a escola.

— Nós todos tínhamos essa impressão — disse Rathe. — Infelizmente, o Sr. Holmes se meteu em uma encrenca muito mais séria. — Sua voz ficou severa. — Se os diretores da escola soubessem dessa transgressão, Holmes, podiam mandar prendê-lo. Gostaria de ser mandado para a cadeia?

Holmes mal podia acreditar no que ouvia. O que acontecera com o galante mestre de esgrima que havia defendido sua causa, que ficara ao seu lado contra a injustiça da sua expulsão?

Rathe se acalmou um pouco.

— Mas não é necessário contar aos diretores. — Uma pausa. — Holmes, estou disposto a me esquecer disto, desde que amanhã você vá embora de verdade. — Voltou-se para mim. — E você também, Watson.

Foi como uma agressão física.

— Senhor, quer dizer...

— Quero dizer que se eu levar o assunto aos diretores você será também sumariamente expulso. Estou apenas tentando salvá-lo dessa desgraça.

O que eu temia há tanto tempo estava acontecendo. Senti-me massacrado. Minha amizade com Holmes pusera um fim aos meus dias de estudante, à minha esperança de cursar a universidade, à minha carreira médica. A auto-piedade cresceu dentro de mim, tirando-me a fala. Rathe falava agora com Elizabeth.

— Acho seu comportamento também imperdoável, jovem — dizia ele. — Foi com sua permissão que o Sr. Holmes se instalou no laboratório do seu tio?

Ela assentiu com a cabeça.

— Acho isso extraordinariamente imodesto em uma jovem de dezesseis anos.

Elizabeth corou. A Sra. Dribb olhou-a com desprezo. Voltando-se para Rathe, a governanta disse, maldosamente:

— Posso sugerir, senhor, que o cão seja levado para o depósito? Nenhuma outra escola aceita animais.

— Não, não — exclamou Elizabeth. — Não pode fazer uma coisa tão cruel.

— Concordo, Sra. Dribb. E quero que o laboratório de Waxflatter seja desocupado. Jogue fora tudo. Precisamos do espaço para atividades escolares legítimas.

Holmes voltou-se para ele, furioso.

— Mas, senhor, o sótão está cheio de estudos de pesquisa do professor. Suas invenções estão lá. Há documentos de valor científico. Todo o tipo de documentos importantes. É a chave do trabalho de toda a vida dele.

— A vida dele terminou — disse Rathe secamente.

— O senhor não tem o direito — replicou Holmes, descontrolado.

— Não tenho o direito, Sr. Holmes? Seu tom me surpreende. Especialmente quando o usa para falar comigo.

A censura fez reviver a confusão de Holmes por ter apelado para sua antiga lealdade.

— Desculpe-me — disse ele. — Perdi o controle.

Rathe recostou-se na cadeira e nos examinou. Depois de algum tempo, falou outra vez:

— Terão de passar a noite aqui. A esta hora será difícil encontrar transporte. — Para a Sra. Dribb ele disse: — Leve os dois rapazes ao quarto 14-B. Podem passar lá o resto da noite. A jovem ficará em um quarto separado. Sugiro o que fica ao lado do seu.

Saímos do escritório com a governanta, mas Rathe chamou Holmes.

— Lembre-se do que tentei lhe ensinar, Holmes — disse ele. — Controle suas emoções ou elas o controlarão. A emoção pode ser sua desgraça.

— Sim, senhor — disse Holmes humildemente e juntou-se a nós no corredor.

Uncas foi trancado em um armário de vassouras. Elizabeth foi levada para um quarto próximo. Nós dois entramos no quarto 14-B e ouvimos a Sra. Dribb trancar as portas com a chave. Estávamos presos por aquela noite. Do corredor vazio vinham os ganidos tristonhos do pobre Uncas.

O quarto 14-B era como a cela de uma prisão. Muitos infelizes deviam ter sido enclausurados ali antes de nós, pensei. Não havia nenhuma iluminação, a não ser a que vinha da

neve gelada lá fora, através da clarabóia. Vimos um colchão sujo em uma cama de ferro e as paredes com a tinta descascada. Que lugar para passar minhas últimas horas em Brompton! Comecei a andar de um lado para o outro como um macaco no zoológico. Estava furioso com Holmes.

— Eu sabia que íamos ser apanhados, eu sabia, Holmes. Para você tudo isto pode ser uma aventura divertida, mas para mim é o fim de tudo. Preferia nunca ter-me envolvido com você, Holmes! Pelo menos escute. O que está fazendo?

Tinha tirado o colchão da cama e encostado o estrado na parede dos fundos. Usando-o como escada, Holmes chegou à clarabóia, abriu-a e agora olhava para fosse o que fosse que havia lá embaixo.

— Podemos ir embora agora — disse ele. — Venha ver.

Menos ágil do que Holmes, foi com esforço que escalei o estrado da cama. Olhei pela clarabóia e vi que estávamos a uns cinco andares acima do solo. Pelo menos a uns trinta metros lá embaixo, o pátio brilhava, coberto de geada. Senti uma vertigem súbita.

— Você é louco — eu disse. — Vou ficar aqui mesmo. Holmes ficou desanimado.

— Você me desaponta, Watson. Estamos para resolver o caso.

— Se sairmos por essa janela, a única coisa que vamos fazer é quebrar a cabeça — repliquei. — Não tem uma saliência sequer.

— Mas tem uma calha — disse ele, mostrando o cano enferrujado sob o beiral, que parecia incapaz de agüentar o peso de um gato. — Posso segurar na calha e chegar à janela

mais próxima. — Ele começou a pedir. — Preciso de você, Watson. Não me abandone agora. Estamos juntos nisto. Somos uma equipe.

— Uma equipe perdedora — retruquei, cabisbaixo.

Mas eu sabia que não ia demover Holmes do que ele já estava resolvido a fazer. Nos anos seguintes, aprendi que a vida de Holmes era um testemunho do poder inconquistável da vontade humana. Contudo, naquele momento, eu estava certo de que ia se matar.

Ele saiu pela clarabóia e agarrou a calha, depois começou a se mover, encostado na parede do prédio, segurando o cano frágil que rangia assustadoramente. De onde eu estava podia ver o que Holmes não via: uma parte da calha tinha desaparecido, roída pela ferrugem, deixando uma falha onde Holmes poderia pôr a mão, com conseqüências fatais. Podia ver também como chegar até o telhado e tentar salvá-lo.

Se me inclinasse para trás, ao sair da clarabóia, pensei, poderia chegar, com uma cambalhota, ao telhado diretamente acima de mim e ficar de pé, pois parecia ser plano. Fechei os olhos e dei a cambalhota. Aterrissei no telhado, no exato momento em que a calha se partiu sob o peso de Holmes. Agora ele estava dependurado de cabeça para baixo, na extremidade de uma tira de metal ligada à calha principal por um fio fino e enferrujado. Agarrei a perna da sua calça. Agora, eu estava literalmente com sua vida em minhas mãos.

Não posso explicar qual o impulso perverso que me fez pensar naquilo, mas ouvi minha voz dizendo:

— Holmes, resolvi a adivinhação.

— Ótimo, Watson — foi sua resposta, ali dependurado.

— O urso é branco — eu disse.

— Qual foi o seu raciocínio? — perguntou meu amigo acrobata.

— Bem — respondi sem convicção — era a única cor que eu ainda não tinha pensado.

— Soluções sem evidência não têm nenhum valor — disse ele. — E se não me puxar para cima logo, eu também não teria valor algum.

Tinha razão. A costura de uma das pernas da calça estava se abrindo. Puxei a outra perna com toda a força, surpreendendo-me com minha própria energia, e puxei Holmes para a salvação, de cabeça para baixo.

— Desculpe — eu disse.

— De nada, meu caro Watson. Aparentemente, estou ótimo. Mas você, de fato, precisa raciocinar cientificamente.

Eu suave no ar gelado.

— Vou fazer isso, Holmes — eu disse. — Vou fazer isso.

Caminhamos cuidadosamente pelo telhado até chegar a uma clarabóia, através da qual vimos Elizabeth deitada, iluminada por um lampião de parafina. Levantou-se imediatamente quando batemos no vidro. Abriu a janela e entramos no quarto. Elizabeth fez um sinal para que ficássemos em silêncio, mostrando a luz sob a porta que dava para o quarto da Sra. Dribb.

Holmes murmurou:

— Ainda está com o quadro, Watson?

Tirei a tela de dentro da camisa. Ele aproximou-a da lâmpada para ver melhor. Apontou para os que haviam morrido recentemente: Bobster, Nesbit, Waxflatter, Hallmark...

— Hallmark? — perguntei.

— Oscar Hallmark foi o primeiro do grupo a morrer — explicou Holmes. — A polícia o encontrou no Tâmis, um ex-membro do Parlamento.

— Conservador?

— Ora, Watson. Isso é relevante? Para dizer a verdade, era radical.

— Quem é o quinto homem? — perguntei; eram cinco no quadro.

— Pense, Watson. O rosto não é familiar? Lembre-se, todos tinham menos de vinte anos quando isto foi pintado, em 1820, de acordo com a data atrás da tela.

— Então, todos devem ter uns setenta anos agora.

— Brilhante, Watson. Quem foi que encontramos, no curso da nossa investigação, além dos que já morreram, que se enquadra nessa descrição?

— Snelgrove?

— Bobagem. Snelgrove jamais foi jovem. — Era compreensível a má vontade de Holmes para com o mestre que havia engendrado sua expulsão. — Tente outra vez.

Então, Elizabeth disse, entusiasmada:

— O homem que visitou meu tio. O homem que fugiu no dia do enterro.

Holmes abraçou-a carinhosamente.

— Extamente, meu amor. Seu nome é Chester Cragwitch. E não acham estranho que esteja vivo ainda, o único sobrevivente deste grupo? Precisamos encontrá-lo.

— Trabalho fantástico, Holmes — eu disse.

— Elementar, meu caro Watson — respondeu ele e Elizabeth e eu trocamos um sorriso cúmplice.

— Agora o que devemos fazer é o seguinte... Escutamos o seu plano, com atenção. Elizabeth voltaria

ao sótão, apanhando Uncas quando saísse. Holmes tirou do bolso uma chave mestra para o armário das vassouras. No sótão, Elizabeth apanharia todos os objetos do professor, salvando-os, antes que a Sra. Dribb os jogasse fora. Uma tarefa assustadora, mas Elizabeth não se esquivou dela. Enquanto isso, Holmes e eu sairíamos à procura de Cragwitch, que esperávamos encontrar antes que a Rame Tep o achasse.

Antes de nos separarmos, Holmes levou Elizabeth para um canto do quarto. Beijaram-se tão apaixonadamente que eu não sabia para onde olhar. Tentei a porta.

— Está trancada — eu disse.

— Naturalmente que está — disse Holmes, interrompendo o namoro. — Tente esta chave. Se não servir, usaremos a clarabóia.

Foi o que fizemos.

Quando Elizabeth partiu para cumprir sua missão e nós dois atravessávamos o pátio da escola, perguntei a Holmes aonde íamos.

— A Oxford — respondeu ele. — Cragwitch mora em uma casa de campo perto de Oxford.

— Mas isso fica a quilômetros daqui. Como vamos chegar lá?

— Um ônibus nos levará até Paddington. Então, tomamos o trem. Devemos chegar antes do pôr-do-sol. Temos muito tempo, Watson. Hoje não há aula porque é domingo e a próxima semana é a última do semestre.

Nunca mais escola para mim, pensei sombriamente, pois agora não podia de modo nenhum evitar a expulsão.

Capítulo Nove

O TREM QUE TOMAMOS EM PADDINGTON SEGUIA UM CURSO cheio de meandros, parando mais de vinte vezes em estações secundárias, não só para a baldeação dos passageiros como também para descarregar todo o tipo de mercadoria. Havíamos perdido o trem direto devido à insistência de Holmes em comprar, na estação, um mapa do condado de Oxfordshire, enquanto eu fazia um suprimento de cem gramas de balas de hortelã. Invariavelmente elas serviam como tranqüilizantes nas minhas viagens.

Foram bastante úteis. Cada parada do trem parecia uma eternidade. Caixotes com ferragens e sacos de material de construção eram entregues e carregados para fora da estação. Em outras estações, milho e batatas eram embarcados. O objetivo de menor importância para aquele trem parecia ser o de chegar ao destino, que era a pequena aldeia de Wantage, a uns três quilômetros e meio de Oxford.

Depois dessa viagem, felizmente para as pessoas a quem, como eu, uma visita a Oxford é sempre interessante, a Grande

Ferrovia do Oeste Londres—Bristol estendeu sua conexão de Oxford à própria cidade, por meio da linha de trens de Wantage, mas tal facilidade não nos esperava ainda quando chegamos na tarde daquele dia de frio cortante.

Nossa situação financeira havia determinado uma viagem de terceira classe, assim nos foram negadas amenidades como carro-restaurant e banheiro. Na verdade, o que a ferrovia anunciava com tanto estardalhaço como “vagões com passagem para os lavatórios de primeira classe” estavam fechados para nós. Para atender às exigências da natureza tivemos de dar uma corrida louca até o lavatório público na plataforma de Reading. Voltamos ao trem e ficamos parados durante um quarto de hora, enquanto galinhas vivas eram transferidas da carroça do fazendeiro para um dos vagões.

Aproveitei o tempo para comprar dois sanduíches de presunto no bar da estação, só para ser informado por Holmes que seu conteúdo era inaceitável, o que exigiu nova visita ao bar para comprar pão e queijo. Ao que parece, Holmes estava fazendo uma dieta que não incluía carne, partindo do princípio de que se a dieta vegetariana era compatível com a força dos gorilas, sem dúvida devia ser muito mais saudável para o homem, uma convicção que ele pôs em prática por menos de uma semana, abandonando-a depois como iria abandonar tantas outras, durante os anos seguintes.

O desconforto da viagem era acentuado pela aparente disposição de Holmes à meditação; sentou-se de frente para mim, as pernas cruzadas como um faquir indiano. Alegou que desse modo a paisagem campestre, que passava lá fora, não podia perturbar sua concentração no caso que tentava

resolver. Considerei essa atitude completamente desnecessária, na verdade um exagero de ostentação, pois despertava a curiosidade dos passageiros. Uma camponesa que embarcou em uma das paradas rurais chegou a cutucar Holmes com o dedo a fim de certificar-se de que estava vivo. Assim, nos 90 quilômetros daquela viagem monótona, cheia de paradas e partidas, não tive ninguém com quem conversar no vagão que começava a ficar saturado com a fumaça malcheirosa de cigarros feitos em casa dos seus ocupantes de mãos calosas, simples camponeses, que se cutucavam divertidos com o espetáculo do meu excêntrico amigo.

Sempre considerei o sistema ferroviário inglês um microcosmo do sistema de classes da nação, cujas barreiras cruzamos a nosso próprio risco. Não vou dizer, naturalmente, que seja preciso ir aos extremos adotados pelo duque de Marlborough para evitar contato com o homem comum. Quando o duque deseja ir do Palácio Bleheim, sua mansão ancestral em Woodstock, para Oxford, é adicionado ao trem um vagão especial, para ele e seu secretário. Os comerciantes viajam de segunda classe, operários e camponeses de terceira e bons vagões, atrás, levam gado e carvão. Isso naturalmente é segregação no mais alto grau, só acessível aos muito ricos. Mas devo concordar que, se a previsão dos radicais se realizar e as separações de classes nas viagens se tornarem obsoletas e os trens se tornarem iguais para todos, será um triste dia para a Inglaterra.

Depois da viagem de trem, nosso destino era Cragwitch Manor, pois evidentemente o misterioso Chester Cragwitch era um rico proprietário de terras, embora eu deva dizer que

sua aparência desleixada e seus modos furtivos naquele dia no sótão, quando o vi de relance, não confirmavam essa prosperidade. Mas, como disse Holmes, qualquer pessoa sabendo que está sendo perseguida por um bando de bandidos assassinos devia ser perdoada por não estar em sua melhor forma. Seja como for, quando descemos em Wantage, Holmes examinou o mapa do condado e concluiu que a mansão ficava a alguma distância, no outro lado da cidade. Uma caminhada rápida pelo campo era inevitável, disse ele, porque não tínhamos dinheiro para alugar um transporte. Também não lhe desagradava a idéia de chegarmos ao cair da noite e afirmou que a escuridão poderia ser vantajosa para dois estranhos não convidados, ao se aproximarem da residência de um homem desesperado. Não tínhamos certeza de que seríamos bem recebidos. Na verdade, do modo como correram as coisas, estávamos sendo otimistas.

Sempre tive grande afeição por Oxfordshire, aparentemente desde esse primeiro contato com o condado. É um lugar realmente no centro da Inglaterra, uma área agrícola tranqüilamente situada entre as indústrias de Coventry e Birmingham e as de Londres. Esses escuros infernos não ecoam naquele interior limpo, cheio de fazendas e bosques de faias, embora naquele tempo se avistasse ainda, do sopé das Colinas Chiltern, a fumaça londrina infiltrando-se pelo Goring Gap. Mesmo naquele dia de inverno a paisagem era bela e pacata, as terras aradas se estendendo como lençóis de vidro sob as cobertas de neve, sincelos e pilriteiros pendiam das cercas vivas.

Não revelei a Holmes meus sentimentos, quando ele decidiu que uma caminhada de dezesseis quilômetros era exatamente o que eu desejava, mas secretamente comecei a sentir prazer no passeio. O ar seco e frio, extremamente puro, era um bálsamo para meus nervos tensos. As preocupações que me atormentavam desde o ultimato de Rathe começaram a diminuir. Eu acabava de tomar meu segundo fôlego.

Jamais me senti realmente à vontade na cidade. Mesmo durante aqueles anos em Baker Street, muitas vezes me retirava para os lagos de Cumbria ou para um vilarejo nas montanhas, na Engadine suíça, para curar as aflições da vida urbana. Assim, enquanto caminhávamos pelas trilhas e caminhos estreitos de Oxfordshire, eu me deleitava com a paisagem rural e com os sons, o canto dos pássaros que voavam para casa em formação, a luz das velas nas janelas das fazendas isoladas, a evidente perfeição de tudo que era natural e ordenado no ambiente do homem. Caminhando sob a luz cada vez mais pálida daquele dia gelado de dezembro, tudo isso me dava a sensação de segurança.

Com a aba do sobretudo voando atrás dele, Holmes caminhava com passos rápidos. Na luz do dia que desenhava sombras, parecia um personagem de um romance gótico. Que qualidade era essa que ele possuía, perguntei a mim mesmo pela milésima vez, que o faz tão diferente do homem comum? Às vezes chegava a acreditar que fosse composto de elementos insubstanciais, pura energia, ao invés de carne e sangue. Às vezes Holmes me parecia um ser imaginário. Naturalmente, cada época forma seus super-homens, de acordo com suas necessidades. Acredito que era um privilégio para mim ver

em Holmes as qualidades que, com a passagem do tempo, alcançariam seu apogeu. Eu não tinha meios de saber que ele se tornaria a máquina mais perfeita do raciocínio e da observação, cujas deduções seriam tão rápidas quanto intuições. Mas em momentos como aquele, eu sentia que estava na presença de um ser excepcional. Somente o lado mais mesquinho da minha natureza o via como um contemporâneo do colégio de quem provinham todos os meus problemas.

Contudo, eram problemas bastante sérios. Quando chegassem as férias de natal, que estavam próximas, eu teria de viajar para o norte e explicar a situação aos meus pais, que esperavam de mim apenas progressos na direção do curso universitário. Dificilmente eu os convenceria de que tivera grande vantagem com a companhia de um amigo da escola com poderes notáveis e que meu tempo fora ocupado em descobrir um culto que adorava o deus egípcio dos mortos! Não era assunto para ser discutido no Natal! Percebendo então o caminho que tomavam meus pensamentos, procurei desviá-los e fixei a mente nos benefícios trazidos por meu conhecimento com Holmes, embora deva confessar que a enumeração dos mesmos não me parecia fácil enquanto caminhávamos na direção da cidade dos campanários sonhadores.

Durante os séculos, homens mais capazes do que eu descreveram sua sensação ao ver Oxford pela primeira vez. Creio que Nathaniel Hawthorne, aquele alegórico escritor da Nova Inglaterra, falecido há pouco tempo, acertou quando escreveu sobre uma impressão de decadência pitoresca.

“Como é antiquado o aspecto daqueles pátios dos colégios”, disse ele. “Tão roídos pelo tempo. Tão semi-demolidos, tão escurecidos, tão cinzentos onde não são negros, tão elaborados na forma, aqui uma linha de ameias e ali uma fileira de cumeeiras; mas adiante uma torre, talvez com a escada em caracol; e janelas rendadas, com pinásios de pedra e pequenos Vitrais com moldura de chumbo, e os claustros com a longa arcada dando para um pátio fechado, pavimentado de pedras.” O que Hawthorne vira em 1856 eu estava vendo em 1870. Nada havia mudado.

As faculdades evocaram em mim, como acredito que façam para a maior parte dos que não tiveram a sorte de pertencer à universidade, um sentimento de inveja das suas glórias acadêmicas, dos seus segretos privilégios, do companheirismo e da natural pressuposição de superioridade. Mais tarde em minha vida, eu passaria um ano feliz em Harvard, a universidade fundada por nossos antigos colonos, em Massachusetts, no começo do século XVII. Será a aura daquela sede do saber, com duzentos anos, muito diferente da de Oxford, que é três vezes mais antiga? Naturalmente que sim, mas não pretendo tirar o mérito de Harvard. Tem antiguidade também, apenas não se tornou sua escrava.

O curso universitário era meu desejo mais ardente e a consciência de que corria o perigo de não poder realizá-lo atingiu-me dolorosamente enquanto caminhávamos pelo *campus* de Oxford, ao cair da noite. Ansiava para ser aceito na irmandade daquela instituição. Pouco consolo era lembrar que Oxford havia expulsado o poeta Shelley.

Mas Oxford tinha outro aspecto também. Um membro do clero anglicano, em carta recente ao *Times*, chamava a atenção para o fato de que naquela mesma cidade existiam fábricas que exploravam o trabalho infantil. Até mesmo na Oxford University Press, a prestigiosa editora que tinha o monopólio da publicação da Bíblia, as prensas funcionavam das seis da manhã às seis da noite movidas por crianças de doze a dezesseis anos, com hora e meia para o café da manhã, uma hora para almoço e o meio dia de sábado — mais de quatro semestres e meio! Que tipo de sociedade era essa que ignorava tal crueldade? Que extremos de racionalização seriam necessários para a classe dominante a fim de evitar que isso acontecesse? Não era de admirar que *Alice no País das Maravilhas* estivesse vendendo tão bem. Quando a realidade é feia demais para ser contemplada, as pessoas fogem para a fantasia. Não vejo nenhuma possibilidade de mudança.

Era noite quando deixamos Oxford e tínhamos ainda seis quilômetros de caminhada. Cragwitch Manor ficava no campo, ao sul da cidade, uma bela casa do século XVIII, rodeada de parques, extensas alamedas arborizadas e um lago octogonal. Nós nos aproximamos da casa por um caminho de cascalho, ladeado de arbustos, que conduzia a uma entrada impressionante, com magnífico portal. Acima dele, o segundo andar com todas as janelas fechadas, exceto uma. Nela, uma luz bruxuleante sugeria uma lareira acesa.

Tínhamos quase chegado à porta de carvalho quando um tiro cortou a noite. Corremos para trás de uma das colunas do pórtico de pedra. Quem quer que estivesse atirando, apontava para nós.

— Vão embora — disse uma voz rouca. — Malditos assassinos! Vão embora. A Rame Tep jamais me alcançará.

Na janela aberta estava um homem que vimos ser Cragwitch. O apavorado morador da mansão estava com um robe sobre a camisa de dormir e tinha uma pistola de cano curto em uma das mãos.

— Vão embora, seus porcos, ou mato vocês! — E atirou outra vez.

Holmes levantou-se e ergueu os braços num gesto de submissão. Gritou para o homem assustado.

— Senhor, não queremos lhe fazer mal. Somos amigos do falecido Professor Waxflatter. Podemos entrar?

Cragwitch ajustou os óculos de lentes grossas e olhou para baixo.

— Sim, lembro-me de você. Você me perseguiu no funeral. Por que fez isso? Por que está me seguindo agora? Quem é o outro bandido?

— Este é Watson — disse Holmes. — É completamente inofensivo.

Tentei puxar Holmes de volta para a proteção da coluna. Com aquela arma na mão trêmula, Cragwitch era realmente perigoso. Holmes continuou a procurar convencê-lo.

— Preciso da sua ajuda, Sr. Cragwitch. Quero saber por que a Rame Tep está perseguindo o senhor e por que os outros morreram.

Cragwitch pensou um pouco.

— Vão embora — disse, mas com menor hostilidade. — Não é da sua conta.

— O professor era como um pai para mim — implorou Holmes. — Quero entregar aqueles vilões à justiça.

Holmes estava tão absorvido no diálogo que não notou, como eu notei, um movimento no arbusto ao nosso lado. Tive a desagradável sensação de que não estávamos sozinhos. Somente a necessidade de continuar protegido me impediu de olhar mais de perto. Provavelmente um gato procurando comida.

Enquanto isso, Cragwitch havia cedido e resolveu nos deixar entrar. Não estava mais na janela. Apareceu na porta da frente, depois de tirar as trancas com esforço. Segurava ainda a arma. Mas parecia também aliviado, como se a chegada tão imprevista de dois estudantes fosse uma distração bem-vinda ao seu estado de sítio.

— Entrem depressa — disse ele.

Holmes disse que eu podia sair de trás da coluna.

— Estamos a salvo agora, Watson. Esta noite não vai mais haver tiroteio.

Mas Cragwitch manteve a arma apontada para nós, enquanto nos conduzia para cima, até o seu escritório. O quarto cuja janela estava aberta e pela qual havíamos visto a luz das chamas. O grande fogo que ardia na lareira maciça era o primeiro calor que sentíamos desde o início da jornada. Iluminava todo o cômodo. Nós nos aquecemos perto dele.

Vimos pesadas poltronas de couro ao lado da lareira, grandes escrivaninhas, maciços aparadores e mesas. Havia estantes cheias de livros — que um rápido exame revelou serem sobre assuntos militares — diários de guerra, biografias de generais, esse tipo de literatura. Uma coleção encadernada em

marroquim intitulava-se *A História do Império Otomano*. Tedioso, pensei. A essa altura Cragwitch já estava descansado e disposto a ser amigável. Tomou um generoso gole de um copo cheio de uísque. Uma garrafa de cristal e vários copos, que não tinham sido lavados, estavam na mesa ao lado da janela. Era o ambiente de um homem grande, pois Cragwitch tinha quase dois metros de altura e era encorpado, mas descuidado, com cheiro de bolor e que, durante muitos anos, não tinha visto nenhuma vida social. Caracterizava seu ocupante: deteriorado.

Imaginei que Cragwitch devia passar quase todas as noites entre aquela desordem, tão vigilante quanto lhe permitia o uísque, esperando a Rame Tep. Os olhos cansados eram testemunhas de noites em claro, até que a luz do dia lhe trouxesse a dádiva do sono. Mas por que, perguntei a mim mesmo, havia mandado embora os empregados? Será que não confiava neles?

Depois de descansarmos um pouco, Holmes mostrou a ele a tela com o grupo de formatura.

— Encontramos entre os papéis do professor — explicou ele.

O efeito foi extraordinário.

— Meu Deus! — exclamou Cragwitch. — Será que fomos tão jovens algum dia? — Pensei ter visto um brilho úmido nos olhos fatigados e envelhecidos. — Isso foi pintado há dezenas de anos.

Antes de falar outra vez, Holmes esperou que o homem se refizesse das lembranças evocadas pela pequena tela. Então disse:

— Pode explicar o que significa, senhor? Não pode ser mera coincidência o fato de que todos nesse quadro, exceto o senhor, tenham tido morte violenta recentemente. Todos, exceto o senhor, Sr. Cragwitch, estão mortos.

Cragwitch fez um gesto lento de afirmação, colocou a tela na mesa e foi com o copo até a garrafa de cristal ao lado da janela. Estava enchendo o copo quando estremeceu. Levou a mão ao pescoço para aliviar uma dor aguda.

— Malditos insetos — resmungou. — Esta casa precisa de uma faxina em regra.

— O senhor compreende — dizia Holmes — eu sei como os adeptos da Rame Tep operam. Eu os segui até seu templo no East End, em Londres. Mas por que, Sr. Cragwitch, escolheram para vítimas estes homens do quadro? Por que estão atrás do senhor? O que há realmente em tudo isso? E uma *vendetta*? Qual é a história? Pode nos contar?

Cragwitch tomou mais uísque, porém parecia meditar. Então, olhou diretamente para Holmes.

— Como se chamam?

— Sherlock Holmes.

— Meu nome é Watson — eu disse.

— Muito bem, jovem Sr. Holmes e jovem Sr. Watson, correram um grande risco e descobriram muita coisa. Viajaram uma longa distância para me ver. Acho que devo recompensá-los com a minha história. Mas aviso: o conhecimento que vou compartilhar é perigoso. A Rame Tep é uma seita impiedosa. Querem mesmo saber como esses

homens chegaram a um fim tão... terrível e por que vivo com medo de destino semelhante?

— Por favor, continue, Sr. Cragwitch — disse Holmes.

— Muito bem. Vou contar.

Contudo, mal começou a contar sua história e ficamos alarmados, pois tudo indicava que fora atingido por um dos dardos infernais da Rame Tep. A picada que sentira quando estava se servindo de uísque, perto da janela, devia ter sido provocada pelo dardo atirado por um dos fanáticos escondidos lá fora, o que me fez confessar que havia observado um movimento nos arbustos quando Holmes estava pedindo para entrar na casa.

Mas não tivemos oportunidade de verificar, pois a combinação do veneno no seu corpo com a grande quantidade de álcool que havia consumido tornou Cragwitch extremamente agressivo. Foi com muito esforço que conseguimos contê-lo.

Nessas condições, a história de Cragwitch foi contada aos pedaços, por assim dizer, enquanto o homem enlouquecido alternava entre a lucidez e o delírio. Foi uma história dramática, mas se eu transmitisse ao leitor sua exata versão, que às vezes não tinha coerência, outra vez não tinha continuidade, estaria negando o impacto que a história merece. Portanto, resolvi fazer nos capítulos seguintes um relatório mais detalhado dos acontecimentos que explicavam os assassinatos de 1870, o que consegui reconstruir dos diários do falecido Rupert T. Waxflatter, retirados a tempo do sótão e que vieram ter às nossas mãos algum tempo depois. Por

enquanto, terminarei de contar os acontecimentos daquela noite tenebrosa na mansão.

O quadro, disse Cragwitch, era obra de um artista desconhecido que ganhava algum dinheiro pintando grupos de alunos de Brompton no ano da formatura. Os jovens daquele grupo, incluindo ele próprio, eram de famílias ricas e todos conseguiram uma vaga na universidade. Eram amigos e resolveram, antes de partir para as respectivas universidades, passar alguns meses viajando pela Europa. Mas naquele ano o tempo no continente estava tão desagradável que, procurando uma aventura sob o sol, resolveram ir mais longe. Fugindo da Riviera chuvosa, não tiveram melhor sorte na Itália e reuniram-se para resolver se voltavam à Inglaterra ou continuavam até Argel, talvez, ou Malta, ou até mesmo o Cairo. Decidiram-se pelo Cairo.

Foram até Brindisi, onde tomaram um navio para Alexandria, e daí seguiram por terra para o Cairo. Mas na capital egípcia não encontraram nenhum hotel com padrão condiscente ao seu estado de cavalheiros ingleses. Depois de três noites miseráveis em uma hospedaria tremendamente desconfortável, alugaram uma *villa* para servir de base às suas excursões no Cairo, às Pirâmides e uma viagem pelo Nilo.

As maravilhas do Egito os encantaram de tal modo que começaram a arquitetar um plano audacioso. Como consequência da ocupação napoleónica, breve, mas de grande influência, o Egito fora exposto às idéias e ao espírito empreendedor dos europeus. Turistas chegavam cada vez em maior número, mas o país não tinha hotéis. Por que não construir um? Formaram um consórcio, conseguiram o apoio

financeiro das suas famílias abastadas e contrataram um arquiteto. Subornando diversos funcionários do governo, conseguiram aprovação das plantas, mais a vantagem de mão-de-obra barata e começaram a instalar os alicerces.

Mas o que começou como uma escavação industrial transformou-se em um trabalho de arqueologia, pois logo descobriram que tinham escolhido o local de um antigo mausoléu. Os túmulos de cinco princesas do período do Reino Médio (1785-1580 a.C.) continham relíquias tão preciosas que a construção do hotel foi interrompida, enquanto os tesouros eram preparados para serem levados para a Inglaterra.

Naturalmente, tiveram de enfrentar a oposição local. Há anos a antiga herança do Egito vinha sendo pilhada. Agora, graças à influência dos franceses e à inspiração da sua revolução, os egípcios estavam muito mais conscientes da importância da própria cultura. Além disso, aqueles túmulos tinham um significado especial para o povo de uma aldeia próxima, que acusou a sociedade estrangeira de estar profanando um cemitério sagrado. Os ânimos se exaltaram e os ingleses compreenderam que suas vidas corriam perigo. Pediram proteção militar, que foi ilicitamente concedida. Então, uma noite, aconteceu algo terrível.

— Vocês foram atacados — disse Holmes, enquanto Cragwitch servia-se de outra dose de uísque para aliviar a tensão daquelas lembranças.

— Não — respondeu ele. — Eles foram atacados. Alguns dos soldados que guardavam os estrangeiros embriagaram-se e atacaram a aldeia. Casas foram incendiadas e pessoas morreram.

Subitamente, o rosto de Cragwitch crispou-se em agonia. Começou a bater com as mãos no corpo, como se suas roupas estivessem em fogo. Correu para a janela e parecia prestes a se atirar, quando Holmes correu e o segurou.

— Fogo — gritava Cragwitch. — Fogo! Socorro! Fogo!

— É o veneno, Watson — disse Holmes. — Rápido, ajude-me a contê-lo.

— Escute — disse Holmes para Cragwitch. — O senhor não está pegando fogo. Seu nome é Chester Cragwitch e está em sua casa, em Cragwitch Manor.

— Estou em casa, em Cragwitch Manor — repetiu o pobre velho, apavorado. — Meu nome é Chester Cragwitch e estou em minha casa... — Começou a se acalmar. Examinou as mãos à procura de queimaduras. — Foi assustadoramente real — disse ele. — Muito apavorante, sem dúvida. O que eu estava dizendo?

— A aldeia foi completamente queimada — disse Holmes.

— Sim. Não posso me esquecer. Quero passar adiante esta informação. Está na hora de revelar tudo. — Mais calmo, continuou a história. — Tivemos sorte de sair do Egito, vivos. Embarcamos em Alexandria e chegamos à Inglaterra duas semanas mais tarde. A perda financeira foi enorme. Só meu pai havia aplicado milhares de libras. O que aconteceu com o empreendimento, não sei, porém mais tarde foi construído um hotel naquele lugar. Chama-se Palácio do Faraó. É muito bem conceituado. Na Inglaterra nós nos separamos. Dois de nós para Cambridge, um para Oxford, eu acho. Fui para Sandhurst, naturalmente, mas creio que Hallmark abandonou seus planos de estudo universitário e iniciou uma espécie de

serviço social no East End. Acabou entrando para a política como sabem. Era um tanto radical, o idiota. O único membro do grupo com quem nós todos mantivemos contato foi Waxflatter. Depois da universidade... acho que foi a de Edimburgo... ele entrou para o corpo docente da nossa antiga escola. Viveu e ensinou em Brompton. Portanto, para nós ele representava a *A Imma Mater*. Nós sabíamos onde encontrá-lo. Durante todos esses anos recebia cartas de todos nós e quando eu ia a Londres muitas vezes o visitava.

— O que tudo isso tem a ver com a Rame Tep? — perguntou Holmes.

— Vou chegar lá — disse Cragwitch, parecendo aborrecido. — Cerca de um ano depois do incidente, cada um de nós recebeu um comunicado alarmante. Posso mostrar a vocês. — Foi até uma escrivaninha de tampo corrediço e começou a procurar entre a desordem de papéis. — Aqui está.

Holmes e eu examinamos o papel.

— Notem — disse Cragwitch — o timbre estranho. Esta é a insígnia da Rame Tep. Duas serpentes...

Assim que disse à última palavra, deixou-se cair na poltrona e soltou um grito de gelar o sangue.

— Oh, meu Deus! — gritou ele. — Uma cobra está me atacando! É enorme! Preciso matá-la! — Levantou-se de um salto, foi até a mesa, apanhou uma faca de cortar papel e começou a brandi-la no ar. Mas sua mão parecia controlada por uma força invisível, que virou a lâmina contra seu próprio corpo. — A cobra se enrolou na minha mão — gritou. — Criatura nojenta! Meu Deus, vai saltar em cima de mim!

Holmes agarrou a mão de Cragwitch bem na hora e tentou tirar a faca à força. O velho tinha uma energia extraordinária e os dois caíram no chão, lutando pela posse da faca.

— Escute! — gritou Holmes. — Quem é você? Como se chama? Onde nasceu?

Lentamente, Cragwitch recitou para si mesmo a informação que Holmes pedira e se acalmou um pouco.

— Sou Chester Cragwitch, nasci em...

Holmes agarrou a faca, atirou-a para longe e olhou para mim, aliviado. Cragwitch continuou sua recitação monótona.

— O senhor recebeu esta carta, Sr. Cragwitch — disse Holmes, mostrando a ele o papel.

— Oh, sim — Cragwitch parecia bastante refeito. — Era de um membro da seita, uma promessa de completa vingança. O remetente, ao que compreendi, tinha perdido membros da família quando os soldados incendiaram a aldeia. A carta prometia que, não importava o tempo que levasse, essas mortes seriam vingadas e os corpos mumificados das princesas seriam simbolicamente substituídos. Podem ver a assinatura.

— Parece-me que é *Eh Tar* — disse Holmes — que em egípcio-fenício quer dizer vingança.

— As últimas palavras de Waxflatter — eu disse.

— Brilhante, Watson.

Cragwitch estava olhando fixamente para Holmes.

— Seu assassino imundo — exclamou ele subitamente, agarrando Holmes pelo pescoço. Outra vez com alucinações, o homem enlouquecido confundia Holmes com seu inimigo.

— Você nunca vai me pegar — gritava ele, tentando estrangular Holmes.

— Watson! — disse Holmes num gorgolejo. — Fale com ele! Diga-lhe seu nome, Watson.

Na confusão do momento eu não conseguia me lembrar.

— Cragwitch — disse Holmes roucamente.

— Seu nome é Chester Cragwitch e estamos no ano... — Mais uma vez eu não encontrava as palavras.

— Mil oitocentos e setenta, seu idiota! — rosnou Holmes, com dificuldade.

— O ano, Sr. Cragwitch, é mil oitocentos e setenta. E, se não tiver cuidado, vai estrangular Holmes.

Para meu horror, ele começou a arrastar Holmes, sempre segurando-o pelo pescoço, na direção da lareira. Logo Holmes estava a apenas alguns centímetros das chamas e mal podia respirar. Seus olhos saltavam das órbitas. Pulei sobre Cragwitch, mas recebi um golpe tremendo que me mandou para longe. Bati num armário cheio de troféus, que caiu em cima de mim.

Ao recobrar a consciência, custei um pouco a compreender a cena que via. Vários policiais enchiam a sala. Cragwitch estava deitado de bruços, perto da lareira. Lestrade empunhava a pistola que usara para desacordar o homem, com uma coronhada na cabeça. Holmes, embora abalado, escapara ileso. Lestrade era quem parecia mais chocado. Estava pálido e abatido, como se acabasse de sair de uma grave doença. Começou a explicar sua presença.

— Um daqueles seus malditos espinhos se enfiou na palma da minha mão — disse ele. — A alucinação foi terrível. Eu queria me matar. Foram necessários quatro dos meus

homens para evitar que eu me enforcasse. Mas quando tudo terminou, comecei a estudar a sua história.

Cragwitch voltou a si. Com alguma dignidade, apertou a mão de Holmes.

— Você provavelmente salvou a minha vida, meu jovem — disse ele.

Eu não tinha nenhum osso quebrado, mas sentia que havia falhado com Holmes.

— Bem, cavalheiros — disse Lestrade. — Preciso continuar com este caso. É bastante complicado. Tenho uma porção de coisas para lhe perguntar, Sr. Cragwitch. — Voltou-se para Holmes. — Devo pedir que você e seu amigo gorducho se retirem. — Dois policiais nos levaram até a porta. — A propósito — disse Lestrade, como quem se lembra de alguma coisa — agradeço por ter me indicado este caso. — A porta se fechou.

Nos jardins de Cragwitch Manor a madrugada chegava; a paisagem era sem vida e ameaçadora. Holmes tremia de indignação.

— Ele me agradeceu por ter indicado o caso — disse ele, furioso. — Que descaramento, Watson. Fiz todo o trabalho para ele. Dei a ele todas as pistas.

De pleno acordo, pus a mão no seu ombro.

— Vamos, Holmes — eu disse. — Temos um longo caminho para percorrer, velho amigo. — E começamos a longa viagem de volta para Londres.

Capítulo Dez

ENQUANTO ESTÁVAMOS EM OXFORDSHIRE, ELIZABETH HAVIA trabalhado diligentemente no sótão, em Brompton, na tarefa que Holmes lhe confiara. Sabendo que a Sra. Dribb podia a qualquer momento, obedecendo as instruções de Rathe, destruir os papéis do professor, Elizabeth agiu com urgência, escolhendo os documentos que indicavam a direção das pesquisas do professor quando morreu.

Tivera o cuidado especial em preservar as especificações e desenhos referentes ao seu interesse de toda uma vida — na verdade, sua obsessão — o desafio de voar. Embora o protótipo do ornitóptero, que quase chegara a manter um vôo prolongado, estivesse armado de novo e no telhado, alguns pequenos componentes continuavam espalhados pelo sótão. Elizabeth os reuniu e protegeu-os com um pano.

Sensatamente, ela havia guardado os documentos e desenhos no meu armário, o único lugar seguro de que se lembrou, uma vez que Holmes não tinha mais direito ao seu e, com muita esperteza, como foi provado mais tarde, havia incluído entre eles os diários aos quais já me referi e que permitiram uma reconstrução mais detalhada daquele ano infeliz que o grupo de graduados de Brompton passou no Egito, com conseqüências tão imprevisíveis para suas vidas.

Uma visita ao Egito atualmente é uma proposição bem diferente da que foi enfrentada por Waxflatter e seus amigos quando chegaram em Alexandria, sem experiência dos costumes orientais, sem roupas apropriadas para o clima,

nenhum plano específico e esperando encontrar os confortos que lhes proporcionavam os lugares de divertimentos e de férias da Europa. Hoje, naturalmente, temos o guia Badeker para nos preparar, a conveniência das vias férreas (que nós, os britânicos, construímos, orgulho-me em dizer) e hotéis, onde o viajante pode ter certeza de serviço de primeira classe. Não é preciso abandonar a cozinha inglesa, pois, segundo me contaram, o pudim de carne e rim servido todas as sextas-feiras no Turf Club do Cairo é delicioso. Todas essas amenidades na verdade, que em clima estrangeiro tornam-se necessidades, são acessíveis ao viajante, no Egito de hoje.

Mas não era assim em 1812 quando, no mês de julho, nossos intrépidos bromptonianos lá chegaram, por puro capricho, ao que parece, pois seu principal objetivo fora fugir do tempo desagradável da Europa.

O diário de Waxflatter insinua um certo choque cultural. No dia seguinte à sua chegada, depois da viagem empoeirada e cansativa pelo delta, ele escreveu: “Tudo é muito oriental e estranho. Irreal mesmo. Nossa hospedaria é abominável e fede como uma fossa. No pátio para o qual dão nossos vários quartos, lixo de toda espécie flui em um regato imundo que os esforços dos empregados, indivíduos sonolentos de túnica e fez, não conseguem lavar com seus baldes d'água. Esta manhã, quando tomava café, tive a desagradável impressão de que o homem que nos serviu o café espesso, cheio de pó, tinha vindo diretamente desse serviço de limpeza do pátio, sem ao menos parar para lavar as mãos!”

Esse lugar imundo foi só o que encontraram ao chegar tarde da noite sem terem feito reserva com antecedência.

Waxflatter diz que teve medo de que todos contraíssem cólera antes de terem oportunidade de ver uma pirâmide. Chega mesmo a dizer que a expedição era “tola e uma péssima idéia”, culpando especialmente Hallmark, o mais jovem do grupo, que, ao que parece, fora o primeiro a dar a idéia; “um romântico incorrigível, muito influenciado por Byron”, assim ele o descrevia.

Mas, nesse mesmo dia, deixa perceber como o país podia encantar o turista mais relutante. “Outra janela do meu quarto”, escreve ele; “dá para um jardim onde acabo de ver uma mulher com o rosto velado, passeando no meio de uma nuvem de pombos. A manhã está quente e serena, corvos negros crocitam meditativamente nos galhos mais altos das árvores. Há tamareiras também, formando grupos marrons e ambarinos, e de um minarete distante vem um lamento longo, alertando para a insubstancialidade da vida.”

Na verdade, cada visitante, depois de algum tempo e à seu modo, era afetado pelo país que foi chamado de Mãe do Mundo. Pois, que outra terra tem mais direito a essa denominação? Sua espantosa contribuição à nossa civilização tem sido reconhecida por estudiosos e viajantes, desde Heródoto. Com seus cinco mil anos de existência, o milagre do Egito começou com o Velho Reino dos primeiros faraós, que tinham o *status* de deuses e poderes ilimitados. A coesão facilitada por essa autocracia permitiu um desenvolvimento intelectual e técnico tão avançado que legou ao mundo a arte da escrita (por meio do sistema de hieróglifos), a divisão racional do tempo, métodos curativos aceitos ainda pela medicina dos nossos dias, além de idéias metafísicas religiosas,

cujo tema central “Deus no Homem” foi adotado pelas grandes crenças que sobrevivem até hoje.

A prova de tudo isso permanece sob a forma de papiros encontrados nas escavações dos túmulos, cujo conteúdo nos permitiu reconstruir a vida cotidiana e a cultura daquele antigo período, enquanto que os santuários e monumentos são tributos ao desejo inato do homem pela sobrevivência além deste período curto da vida individual. A propósito, o segredo da escrita egípcia, perdido desde o século XVI, não tinha sido ainda descoberto quando Waxflatter e seus amigos estiveram no Egito, mas foi revelado logo depois pelo francês contemporâneo deles, Jean-François Champollion, permitindo-nos uma visão mais profunda do milagre egípcio. “A história da humanidade”, escreveu Plínio o Velho, no ano 70 d.C. “está nos papiros”. E os instrumentos dos escribas egípcios foram os protótipos do papel e da caneta dos nossos dias.

Com o declínio do poder faraônico, conquistas sucessivas foram acrescentadas à história do Egito. Começaram com a derrota dos persas por Alexandre o Grande, que iniciou o grande período da helenização. Depois que Cleópatra cometeu o suicídio com a picada de uma cobra, em Alexandria, Augusto conquistou o país, que durante seis séculos pertenceu ao Império Romano, até a conquista árabe do século VI. Foi a vez então de ser conquistado por Saladino, cuja dinastia governou o Egito com esplendor e depravação por mais seis séculos, seguindo-se os períodos dos sultões mamelucos e finalmente a ocupação muçulmana, que começou nos primeiros anos do século XVI e continuou até o

fim do século XVIII. O domínio otomano quase conseguiu aniquilar o orgulho e a identidade do Egito. O povo perdeu a noção da sua herança, entre a corrupção e as crueldades dos senhores turcos. Sob o peso da exploração, pagando impostos absurdos, o nativo do Egito foi desmoralizado e dominado até que, em 1798, algo aconteceu que o despertou, dando-lhe novamente a conscientização da sua história e da sua nacionalidade. Napoleão desembarcou em Abuquir.

Os franceses levavam com eles estudiosos, encarregados de examinar e estudar as pirâmides, os obeliscos e outras relíquias dos tempos dos faraós. Compilaram um retrato detalhado do Egito em dez volumes notáveis, que descreviam o país como o viram durante o que estava destinada a ser uma ocupação breve, mas de grande influência, e mapearam sua história desde o começo da antiga civilização.

Napoleão, que tinha na época 34 anos, registrou sua impressão pessoal da cidade do Cairo:

“A população do Cairo é considerável, estimada em 210 mil habitantes. As casas são construções muito altas e as ruas estreitas, para proteger a cidade do sol. Pelo mesmo motivo, os bazares, ou mercados públicos, são cobertos com pano ou esteiras. Os beis vivem em belos palácios de arquitetura oriental, mais parecidos com os da Índia do que com os nossos. Os xeques também têm belas casas.

“Os *okels* são construções grandes e quadradas, com enormes pátios internos, nos quais estão verdadeiras corporações de comerciantes. Assim, há o *okel* de arroz, o *okel* dos comerciantes de Suez e da Síria. No lado de fora, perto da

rua, cada um deles tem uma pequena loja de uns cinco metros quadrados, na qual fica o comerciante com a sua mercadoria.

“O Cairo possui uma quantidade das mais belas mesquitas do mundo: os minaretes são ricos e numerosos. As mesquitas, de um modo geral, servem de abrigo aos peregrinos, que dormem dentro delas; algumas contêm até três mil peregrinos. A mesquita de Jemilazer (hoje a mesquita da universidade de Al Azhar) é considerada a maior do Oriente.

“Essas mesquitas em geral são grandes pátios internos rodeados por imensas colunas que sustentam terraços; no seu interior existem vários reservatórios de água para beber e tomar banho. No bairro chamado Franks moram algumas famílias de europeus; certas casas daqui assemelham-se às que poderiam ter, na Europa, comerciantes que ganhem de trinta a quarenta mil libras por ano. São decoradas à moda européia com cadeiras e camas. Existem igrejas cristãs para os coptas, conventos para os católicos sírios. É grande o número de estabelecimentos, onde se pode tomar café, sorvete ou fumar ópio e discutir os negócios públicos.”

Um dos costumes da terra que o comandante dos franceses censurava era o da compra e venda de escravos, rapazes muito novos vendidos aos beis por comerciantes que os compravam na Circássia e na África. Depois de visitar um desses mercados de escravos patrocinados por paxás, vizires, sultões e beis, onde os jovens eram mostrados nus, Napoleão concluiu que levaria muito tempo para que os egípcios compreendessem que os seus soldados não eram, de fato, seus escravos!

Esse, portanto, foi o Cairo que nossos viajantes viram durante o tempo que passaram no Egito, pouco mais de uma década mais tarde. E foi, na verdade, em uma dessas casas do bairro europeu que se instalaram depois do desconforto da hospedaria. É também pertinente à nossa história notar que o herói da França revolucionária, quando entrou no Cairo, instalou-se em um dos mais suntuosos palácios dos mamelucos, o palácio Elfy Bey, em Ezbekieh (mais tarde o local do Hotel dos Pastores), pois foi nessa mesma área que a sociedade dos jovens começou sua construção do hotel moderno que teve conseqüências tão funestas.

Waxflatter logo ficou completamente absorvido com a história do Egito. Seu diário reflete um interesse crescente no assunto. Quanto mais ele estudava os mausoléus, mais admirava o gênio técnico e inventivo daquele período. Respeitava também os franceses (uma atitude rara num súdito britânico naqueles dias), por sua tentativa em transformar um país infestado de assaltantes, com completa desordem administrativa e castigado por epidemias, em uma terra esclarecida pelas idéias européias, mas consciente no seu passado inefável.

“Quanto mais leio sobre o que Napoleão ambicionava para o Egito, mais me convenço de que teve muitas idéias valiosas durante os seus três anos de domínio. Embora sonhando com um império francês no Oriente, tudo parece indicar que se preocupava sinceramente com o bem-estar do Egito. Construiu estradas; planejou avenidas e praças para o Cairo, no estilo parisiense. Comparecia a reuniões de Estado com largas túnicas egípcias e assistia às preces dos muçulmanos.

Que destino cruel ser expulso pelos britânicos, com tão pouco tempo de governo! Agora sabemos que, naquele mesmo ano, ele encontraria seu nadir nas vizinhanças de Moscou, derrotado pelo inverno russo.”

Mas os britânicos também não ficaram muito tempo no Egito do começo do século XIX. Quando embarcaram, abandonando o país, deixaram um jovem albanês do exército otomano para conquistar o poder e criar um moderno renascimento egípcio. Seu nome era Mohammed Ali; era ele quem governava o Egito quando nossos jovens viajantes se instalaram no Cairo.

O diário de Waxflatter descreve uma visita que fez sozinho, à noite, à grande Esfinge. Montado em um burro, seguiu pela estrada que levava a Gize, onde encontrou grupos de turistas, com seus guias, voltando para a cidade depois da excursão. Os europeus, ridiculamente montados em camelos, olhavam para ele com curiosidade, pois ir a Gize ao cair da noite não era só uma excentricidade, mas também muito perigoso. A estrada estava infestada de ladrões. Bobster foi de opinião que Waxflatter era um louco por não fazer a excursão normal, como os outros haviam feito, e apenas Hallmark se ofereceu para acompanhá-lo. Mas Waxflatter recusou. Estava resolvido a ver a Esfinge sozinho, depois que os últimos raios do sol poente tivessem desaparecido e a enorme silhueta se desenhasse imperiosa e inescrutável, como guardiã das pirâmides ao norte. Assim, enquanto a beleza extraterrena do pôr-do-sol egípcio abraçava a areia e o céu, Waxflatter seguia seu caminho. Uma citação no seu diário sugere que foi recompensado com uma experiência realmente metafísica.

“Dizem que a grande Esfinge guarda um segredo”, escreveu ele, “e estava certo de que era mais provável que me fosse revelado no silêncio da noite do que entre um grupo de turistas. Aquele leão antigo com cabeça humana é um enigma para os próprios egípcios e um mistério para o mundo. Ninguém sabe quem a construiu e nem quando. Os próprios egiptólogos têm apenas hipóteses quanto à sua história e seu significado. Contudo, seus olhos de pedra têm sido testemunhas da cobiça e da insensatez humanas durante milhares de anos.

Fiquei ali imóvel, sozinho mas nunca só, pois era como se todos os deuses desaparecidos do Egito — Rá, Horus, Osíris, Anúbis e os outros — se tivessem reunido para me fazer companhia na vigília. A própria Cidade dos Mortos, no planalto rochoso e coberto de areia nos três lados da Esfinge, onde reis, sacerdotes e aristocratas estão enterrados, na escuridão parecia uma cidade viva, com suas câmaras mortuárias, capelas e salas dos sacerdotes. A areia levada pelo vento e que a cobria em parte mais parecia as ondas monstruosas de um imenso oceano. Talvez, como já procuraram provar, aquele fosse o local da Atlântida, a cidade que se ergueu do mar.”

Nessa e em outras expedições que fez sozinho, o que os outros consideravam uma atitude pouco sociável, os olhos jovens de Waxflatter estavam apreciando a dádiva mais duradoura do Egito para o Ocidente: o misticismo eterno da sua antiguidade.

Cito o seu diário novamente:

A solução do enigma da Esfinge talvez seja que foi construída para afastar os maus espíritos dos túmulos. Essa teoria sugere que pode ser um símbolo de Khepara, o deus da imortalidade. Os beduínos da povoação de Gize acreditam nela. Afirmam que os espíritos dos habitantes da Cidade dos Mortos assombram a região, quando a noite cai.

Mas a Esfinge, mesmo com os poderes dos quais foi investida, não conseguiu evitar a profanação dos tesouros sagrados que devia guardar. Exceto os túmulos ainda não escavados, que felizmente ainda devem ser muitos, dificilmente se encontra algum no qual as pesadas tampas dos sarcófagos não tenham sido removidas com esforço por ladrões que levaram jóias e preciosos ornamentos.

Fiquei sabendo que o roubo nos túmulos começou no tempo dos faraós quando, com o declínio do poder desses governantes, o povo se ergueu revoltado com o alto custo e a ostentação dos métodos funerários dos ricos e poderosos, que pagavam com seu trabalho. Parecem-me que todos os governos se desmoronam finalmente quando oprimem as massas além do que elas podem suportar, embora isso possa levar um longo tempo para acontecer.

A preocupação de Waxflatter é compreensível. A evidência de espoliação era chocante para um jovem tão instruído. Durante séculos, os túmulos tinham sido profanados por gregos, romanos e árabes. Os romanos levaram obeliscos e as grandes estátuas para adornar suas cidades e as residências dos imperadores, os futuros senhores imperiais iriam fazer o mesmo. No próprio Egito foram

construídas novas cidades com os restos das cidades antigas, por construtores que não se interessavam por seu valor histórico para a humanidade. Ricos comerciantes do Cairo removeram adornos e relíquias inestimáveis dos mausoléus para decorar suas casas.

“Mesmo agora”, escreve Waxflatter, “ouvi dizer que Mohammed Ali consegue seu material para a construção de novas fábricas, refinarias de açúcar e tecelagens de algodão nos templos de Elefantina e Armant. Fiquei chocado ao saber que a pedra Rosetta, que talvez venha a ser a chave para a interpretação dos hieróglifos, quase se perdeu para a posteridade. Foi descoberta por mero acaso por um soldado francês, quando seu destacamento extraía pedras para reforçar as defesas francesas contra os britânicos. O soldado pensou que fosse apenas um pedaço quebrado de alvenaria, até a pedra ser examinada por um estudioso francês de Napoleão. Mesmo assim, foi finalmente retirada do Egito — por nós, os britânicos! Aparentemente, a compramos dos franceses. Hoje está no Museu Britânico.” Em outro trecho, ele lamenta o fato da própria Esfinge ter sido usada como alvo para exercício de tiro de vários exércitos.

Durante suas excursões, Waxflatter verificou pessoalmente que continuavam a remover os tesouros dos mausoléus. A política de “europeização de Mohammed Ali estava tornando o Egito mais acessível, não só aos técnicos estrangeiros e comerciantes, mas também a todo o tipo de empresários. Os consulados britânico, francês, italiano e alemão, no Cairo, tinham redes de agentes encarregados de procurar papiros e obras de arte, que eram enviados aos

leilões e museus dos seus respectivos países. Finalmente, Mohammed Ali resolveu restringir esse comércio ilegal. Mas enquanto isso não foi feito, praticamente todos os mausoléus estavam repletos de objetos de cerâmica feitos em pedaços e desprezados em favor de coisas mais valiosas; tábuas com hieróglifos foram inutilizadas pela ignorância, sarcófagos, dos quais tudo fora retirado, contendo apenas os restos mumificados das entranhas dos seus ocupantes, foram depredados.

Agora surgia uma nova ameaça sob a forma de turistas europeus. Sua paixão pela caça às relíquias era um novo modo de furto e eles procuravam, sob a areia e nos sepulcros já profanados, lembranças do Egito. “É como se a alma do Egito estivesse sendo violada, sua sabedoria antiga profanada”, escreveu o impressionável Waxflatter.

Capítulo Onze

HÁ AMPLA EVIDÊNCIA NO DIÁRIO DE QUE A SEMENTE DA Futura inventividade de Waxflatter foi plantada naquele ano que passou no Egito.

“Quem, eu pergunto”, escreveu ele, “pela primeira vez imaginou a mistura de fuligem, borracha e água para fazer tinta? Pensem na longa pesquisa que os levou a tamanha facilidade no cálculo dos pesos e medidas! Que trabalhosa observação dos céus devem ter realizado para criar o único calendário racional que a humanidade já teve!”

Waxflatter sabia que a Inglaterra estava no começo da revolução industrial e que a influência do seu país na guerra

mundial aumentava constantemente, mas as realizações das dinastias do Egito permitiram que ele colocasse esses fatos em uma perspectiva mais lógica. “As pessoas na Inglaterra começam a acreditar que Deus nos confiou a missão de ‘civilizar’ os povos menos evoluídos do mundo todo”, comenta ele, “porém demonstramos pouco respeito pelas civilizações passadas. Tudo aquilo que não compreendemos classificamos como primitivo e as crenças que precederam a nossa chamamos de pagãs. Para mim isto é um tipo de arrogância na qual não devemos persistir, mesmo que o império britânico dure mil anos.”

O que viria a ser um interesse duradouro pela aviação talvez tenha começado com o estudo das lendas dos faraós alados, mais antigas do que a lenda de Ícaro, cujas asas se derreteram por ter voado muito perto do Sol.

“Sem dúvida seria surpreendente”, refletia ele, “se esses adoradores do Sol e das estrelas não desejassem alcançar as fontes da sua inspiração.”

Outro membro do grupo profundamente afetado pelo Egito foi Oscar Hallmark. Não o impressionou a herança antiga e sim a situação precária do povo que o habitava. Por toda a parte havia desigualdade. O felá trabalhava com salário de fome no delta super povoado e a pobreza das cidades era impressionante. Isso perturbava o jovem idealista. “Ele é um reformista nato”, escreve Waxflatter. “Quer fazer alguma coisa. Não é possível tomar café com Hallmark sem que se ouça alguma observação sobre o penoso estado das coisas. Eu disse que a caridade começa em casa, que havia muito para ser remediado na Inglaterra. Acho que aceitou meu comentário

de bom grado, mas eu gostaria que procurasse se divertir mais.

“Ele é um homem estranho e desconfio que Cragwitch e Bobster começam a não gostar muito dele. Bobster não tem tempo para sensibilidades e afirma que a mão-de-obra barata é essencial, tanto para uma economia próspera, como a da Inglaterra, quanto para um país como o Egito, que procura se refazer. Bobster, naturalmente, é realista.

“Cragwitch, por outro lado, zomba do idealismo de Hallmark. Eu o ouvi dizer para Hallmark que o Egito realmente precisa é ser dominado pelos britânicos, pois nós sabemos como dirigir as coisas. A propósito, Cragwitch está fazendo uma tese sobre as defesas militares no Egito e o novo exército que Mohammed Ali está criando. Não posso deixar de ter pena de Hallmark.”

Oscar Hallmark era filho de um rico homem de Bristol que fizera fortuna com o comércio de escravos. A origem da riqueza da família criara no jovem uma consciência que se revoltava com esse ultraje e um desejo de corrigir o erro. Waxflatter tinha certeza de que o futuro de Hallmark seria a política.

Havia muita coisa para justificar a revolta de Hallmark. O Cairo cosmopolita reforçava sua crença de que, sob Mohammed Ali, o primeiro líder em seiscentos anos a governar com certa independência de Constantinopla, o povo comum continuava a ser escravo. Ficou muito impressionado com o que viu quando caminhava entre as multidões de egípcios e europeus, que se movimentavam pelas barulhentas ruas da cidade.

Havia sírios com calças bufantes, gregos com túnicas brancas, beduínos morenos, abissínios negro-azulados, sacerdotes armênios e os pobres e descalços felás usando fez e camisas andrajosas. Viam caleças cheias de europeus risonhos ou ricos mercadores egípcios montados em belos cavalos árabes. Os empregados nativos corriam na frente deles, Hallmark contou para Waxflutter. Eles morriam cedo. Aquele esforço os matava. Para Hallmark isso era desumano.

A situação da mulher egípcia também o escandalizava. Não tinha começado ainda a se liberar. Tudo o que ele via, através de pequenas aberturas nos turbantes e véus, eram os olhos, que sempre se desviavam dos seus. A tradição do harém era ainda muito forte, o índice de natalidade realmente assombroso.

Nas províncias as coisas eram piores. Mohammed Ali precisava de dinheiro para seus planos de industrialização e irrigação e empregava capatazes brutais para extorquir dos felás impostos pesados. Quando um camponês atrasava o pagamento dos impostos, esses “*umads*” o expulsavam do povoado, imediatamente tomando posse das suas terras.

Mohammed estava também criando um exército, por meio de recrutamento forçado, para campanhas na Arábia e no Sudão. Camponeses eram acorrentados e conduzidos aos quartéis, onde muitos morriam. Para que os filhos não fossem levados para o exército, muitas famílias preferiam mutilá-los e no Cairo e em Alexandria esses aleijados viviam de esmolas. Escravos eram trazidos das áreas além das fronteiras do sul, amontoados em campos de trabalho como animais enjaulados,

onde milhares deles morriam. Os que sobreviviam eram vendidos por trinta libras egípcias no mercado do Cairo.

Enquanto o ambicioso governante tentava transformar seu país, de uma província do Império Otomano em uma terra independente com possessões próprias, o tempo era de brutalidade espantosa e os felás, com seus olhos tristes e esperançosos, sofriam e esperavam.

Mas Bentley Bobster não teria descrito o quadro desse modo. Para ele era perfeitamente lógico que uma terra atrasada dependesse dos recursos da mão-de-obra barata para ter entrada no século XIX. Não tinha nenhuma simpatia para com os que não queriam ver isso, assim como não tinha tempo para os radicais da Inglaterra, os “pequenos *englanders*” que dificultavam as coisas para todos que acreditavam no progresso e nas diretrizes de expansão imperial. Bobster possuía tino comercial e reconhecia que a situação do Egito representava a oportunidade de ouro de ser o primeiro em determinado campo de atividade.

Entre os Jardins Esbekiah e o Nilo havia quase dois quilômetros de terra estéril, das quais as pirâmides de Gizé distavam apenas 40 quilômetros. Foi Bobster quem teve a idéia da construção de um hotel no estilo europeu nessa área, para servir o número sempre crescente de turistas que visitavam o Egito. Pois, embora todos tivessem como objetivo admirar as pirâmides e procurar descobrir o segredo da Esfinge, precisavam também de higiene e eficiência, profundas banheiras de esmalte e o padrão europeu de conforto, em uma terra onde na época do *khamisin*, o vento quente do deserto, o ar ficava abafado e os temperamentos

irritados. Além disso, o Cairo ficava no caminho terrestre para a Índia; um hotel moderno poderia tirar vantagem, tanto do movimento de turistas, quanto do movimento comercial.

Naturalmente, tinha-se falado em um canal ligando o Mediterrâneo ao Mar Vermelho. Se esse plano se realizasse, os viajantes que se destinavam à Índia não precisariam passar pelo Cairo, mas Bobster achava pouco provável que essa idéia se concretizasse. As várias nações envolvidas jamais entrariam num acordo; foi o que aconteceu quando Napoleão se entusiasmou com a idéia: os britânicos foram contrários. Bobster estava certo de que o tráfego comercial continuaria a passar pelo Cairo, sem ser prejudicado pela quarentena obrigatória em Alexandria.

Nada havia de novo na idéia do canal. Através do istmo de Suez, os faraós haviam construído um que ligava o vale do Nilo e Mênfis com o Mar Vermelho. Durou mil anos, antes de ser aterrado pelos sedimentos. Os persas o escavaram novamente e Heródoto escreveu que eram necessários quatro dias para percorrer todo o seu comprimento. Os romanos fizeram um canal mais direto que se juntava ao Nilo, bem próximo do Cairo. Depois da conquista árabe, a proposta da construção de outro canal foi abandonada, sob a alegação de segurança militar, e por motivos similares os governantes otomanos não aprovaram um plano apresentado pelos venezianos.

Não haveria muita probabilidade de construção do canal, dizia Bobster, enquanto a Grã-Bretanha continuasse a se opor à idéia. Os britânicos temiam atrair outras nações ambiciosas

para suas possessões na Índia. Sua proposta de construir um hotel em Esbekiah era perfeitamente viável.

Quando falou no assunto com Waxflatter, este não ficou muito entusiasmado.

“Há um oásis no limite dessa área e uma tribo feroz de beduínos costuma acampar nele, de tempos em tempos”, escreveu ele no seu diário. “Não vão gostar de serem perturbados, embora eu acredite que este governo pode arranjar tudo se farejar dinheiro estrangeiro no ar.”

Bobster havia feito contato com figuras importantes do governo e discutira o assunto com jovens comerciantes, a maior parte de gregos e levantinos com os olhos voltados para sociedades e lucros. O Cairo estava cheio deles. A idéia de Bobster era que ele e seus amigos ingleses poderiam formar uma sociedade para financiar o empreendimento, garantida por seus pais, e quando tudo estivesse funcionando a contento deixariam a administração nas mãos de um grupo local. “Se vamos conseguir dinheiro com nossos pais”, comentou secamente Waxflatter, “vai ser um negócio dos diabos conseguir convencer o meu. Seus investimentos estão todos na Índia. Não creio que vá gostar muito da idéia.”

Cragwitch foi favorável ao plano de Bobster. Hallmark, eles acreditavam, poderia ser convencido com o argumento de que criaria novos empregos. Faltava Duncan Nesbit. Mas Nesbit estava às voltas com outro dilema.

Aquele pacato filho de um vigário de Yorkshire tinha se apaixonado por uma jovem anglo-egípcia, que morava em Tanta, uma cidade algodoeira do delta. Era filha de um plantador de algodão inglês e da sua esposa egípcia, já

falecida. Fora amor à primeira vista entre a belidade de dezessete anos e olhos ambarinos e o jovem inglês. Porém Nesbit, dois anos mais velho, era muito menos amadurecido em termos de vicissitudes da vida, tendo sua existência protegida consistido na infância em Harrogate, uma respeitável estação de férias, e os anos passados em Brompton, que não era o tipo de instituição adequada para prepará-lo para um caso de amor no Oriente. Nazli, por outro lado, tinha o fatalismo muçulmano que a ajudara a vencer os dias sombrios da doença e da morte da mãe com uma serenidade de espírito inacessível aos membros das sociedades mais refinadas.

Sua crença ensinava a submissão, a rendição, aceitar pacificamente aquilo que a vida lhe oferecia, o que foi fácil para ela no que se referia a Duncan. Pois ela amava o jovem tranqüilo com cabelos cor de areia e olhos azuis e confiantes. Ele era da terra de seu pai. Já ouvira falar de Londres e havia visto quadros dos seus grandes edifícios; nunca lhe tinham falado de Harrogate, mas sem dúvida tinha grandes edifícios também. Sim, ela se casaria com o belo Duncan, se ele pedisse. E certa noite, quando o sombrio lusco-fusco do delta se espalhava pela varanda da casa do seu pai, ele a pediu em casamento. “Ficamos completamente estupefatos quando ele nos contou”, diz Waxflatter no seu diário. “Sempre pensamos que seria o último a se comprometer. Afinal, quando voltar à Inglaterra vai ser ordenado.”

Mas outras influências além do seu amor por Nazli estavam afetando Nesbit. O impacto do Oriente havia plantado sementes de dúvida em sua mente sobre o fato da Inglaterra

cristã ter o monopólio das virtudes que afirmava serem só suas. “Não terá outro Deus além de mim”, dizia o Velho Testamento, mas estava se tornando evidente para o jovem inglês que em outras épocas e em outros países, homens haviam procurado os valores morais, enquanto adoravam uma imensa quantidade de deuses. Por mais errados que pudessem estar, procuravam salvação, orientação moral e respostas para o significado da existência, com tanta paixão e com resultados tão positivos quanto os devotos da igreja cristã contemporânea.

Naturalmente, em vista dos seus interesses teológicos, seus estudos se focalizaram nas antigas religiões do Egito, com seus múltiplos deuses. Datavam da pré-história, quando deuses e deusas em forma de animais eram adorados pelas primeiras tribos que cultivaram as terras do delta. Gatos e macacos, abutres e falcões, o íbis e a coruja eram algumas das criaturas deificadas por eles.

Quando as tribos começaram a se concentrar, formando comunidades e cidades, muitos desses deuses foram reunidos em um deus único e todo-poderoso e a idéia de um deus universal surgiu, tendo o sol como Criador.

Esse conceito está preservado nos antigos Livros da Sabedoria dos Egípcios, tão velhos quanto as pirâmides. O tema central desses textos é o caminho da vida — O Caminho. Afirmam que os homens são criados iguais e ensinam um sistema de moral. Pela primeira vez Deus não é considerado culpado pelas aflições humanas; o próprio homem é responsável por suas maldades.

Dessa forma, o Egito produziu o primeiro conceito de monoteísmo, a idéia de uma divindade toda-poderosa e transcendental, a noção de Deus no Homem. A consciência do pecado, a necessidade do arrependimento e o conceito de redenção eram as bases essenciais dessa teologia.

Nesbit compreendeu que o Livro dos Provérbios, da Bíblia, tinha muito em comum com a coleção de provérbios do antigo Egito, que o Hino ao Sol, escrito no primeiro milênio antes de Cristo, podia perfeitamente ter inspirado os salmistas cristãos. Havia muitos outros exemplos do quanto o cristianismo devia à teologia pioneira dos antepassados dos egípcios. Contudo, com uma generalização autoritária e incrível, sua igreja pregava que todas as outras crenças eram pagãs. Isso era tão perturbador para Duncan Nesbit quanto foi para o pai de Nazli a notícia do noivado.

Começaram a chegar cartas da Inglaterra para o jovem, que era reservado e conservador por natureza, pedindo que pensasse outra vez, que considerasse os sentimentos da família. A Inglaterra tinha tanta coisa para oferecer, lembrava seu pai, e Duncan era jovem demais para saber o que queria. Além disso, não seria justo levar uma jovem egípcia, embora filha de pai inglês, para a sociedade de Harrogate, que sem dúvida levaria muito tempo para aceitá-la. Havia jovens maravilhosas na Inglaterra; ele precisava pensar nos estudos. O pai de Duncan implorou ao filho que pensasse durante mais algum tempo antes de se casar. Nesbit, achando o conflito mental complexo demais, resolveu conversar sobre o assunto com o membro do grupo que mais respeitava.

“Ele é por demais vulnerável às críticas que está recebendo do pai”, Waxflatter escreveu. “Teria sido muito mais prudente guardar segredo durante algum tempo. Ao que parece, escreveu ao pai também sobre o plano de construção do hotel. O vigário foi contra. Acho que ele só deseja ver o filho longe de Tanta e em casa novamente. Aparentemente, o pai não tem dinheiro, a fortuna é da mãe. Se Nesbit se integrar no grupo de Bobster, onde vai arranjar o dinheiro?”

Mas Nesbit entrou para a sociedade. Já que não podia levar Nazli para a Inglaterra sem criar um constrangimento social, teria de ficar no Egito e ia precisar uma fonte de renda. Conversou com Nazli sobre o assunto. Ela levou-o ao conhecimento do pai. Quando Nesbit entrou na sociedade foi com o apoio financeiro do pai de Nazli.

Hallmark e Waxflatter relutaram um pouco em aceitar, mas, como Cragwitch havia previsto, Hallmark estava certo de que o projeto criaria empregos para a região e prosperidade para alguns dos mais miseráveis feias. A idéia agradava muito a Hallmark. Não podia haver melhor meio para devolver aos explorados e oprimidos o dinheiro mal ganho da sua família. Era um conceito ingênuo, naturalmente, mas nem Bobster e nem Cragwitch estavam dispostos a tirar dele essa ilusão. Assim, Hallmark entrou para a sociedade, ficando só Waxflatter ainda indeciso. Como se decidiu, afinal, e quais foram os resultados da sua decisão, Waxflatter conta no seu diário.

“Logo depois do café da manhã, Bobster convocou uma reunião”, escreve ele. “Hallmark nos deixou chocados quando apareceu com um manto árabe e um fez. Cragwitch

especialmente demonstrou seu aborrecimento, resmungando alguma coisa sobre Oscar estar virando nativo. Nesbit chegou de Tanta, muito satisfeito consigo próprio, constatei com alegria. O assunto da reunião era o planejamento do hotel; parece que, por um motivo ou outro, estão todos muito entusiasmados. Perguntaram se eu também estava. Bem, pedi mais algum tempo para resolver. Naturalmente, tenho pensado muito no assunto e estudado os prós e os contras. Embora eu não seja um comerciante, compreendo que é o momento certo para construir um hotel naquela área. Mas será que quero ter todo esse trabalho? Para mim, esse é o ponto central da questão.”

Alguns dias mais tarde, impacientemente Bobster exigia uma decisão de Waxflatter. Com surpresa, conseguiu: Waxflatter tinha resolvido entrar para a sociedade. Algumas observações ocasionais no diário de Waxflatter antes de terem iniciado os trabalhos das fundações do hotel nos permitem avaliar o raciocínio que o levou a tomar sua decisão. Tinha algo a ver com sua ambição de lecionar quando terminasse a universidade.

“Não posso esperar ganhar uma fortuna lecionando”, confiou ele ao diário. “Vou precisar de alguma renda extra. Especialmente porque quero fazer minhas próprias pesquisas. A área que pretendo pesquisar não atrairá certamente nenhuma ajuda financeira da universidade ou do governo — as pessoas mais importantes da Inglaterra simplesmente não acreditam na idéia — portanto devo procurar apoio em outro lugar. Uma renda proveniente do hotel poderia ser a solução.”

Assim, ele escreveu para o pai, um cavalheiro fazendeiro de Somerset, propondo que fosse liberado o dinheiro que estava reservado para ele em custódia. De qualquer modo, dentro de dois anos seria seu. O pai, que se preocupava com o filho desde que o menino impetuoso saltara do telhado de um silo, com asas feitas em casa, concordou imediatamente com a proposta, impondo a condição de Waxflatter jamais lhe pedir mais dinheiro. Assim, ele pode investir com os outros na sociedade, sabendo que, se fossem bem-sucedidos — e Bobster era muito astuto — teria garantido o financiamento para sua pesquisa independente.

Baseados no que sabemos de Waxflatter, não duvidamos de que a área de pesquisa à qual pretendia se dedicar era a aviação. Temos outra prova disso. Entre os papéis antigos encontrados e retirados por Elizabeth do sótão estava uma tese de Waxflatter. É um documento fascinante, uma verdadeira jóia, um trabalho baseado em várias fontes, traçando a história do vôo desde os sonhos dos antigos até as conquistas daquela época.

O desejo permanente do homem de desafiar a lei da gravidade e pairar no ar, que Waxflatter seguiu com dedicação durante seus anos em Brompton, está mostrado desde a antiguidade mais remota. Na verdade, deuses alados eram tão numerosos que ele foi levado à ousada sugestão de que a própria semente do homem na Terra deve ter sido plantada por seres de outros planetas. Citava os instrumentos que desde os primórdios do mundo usaram as propriedades do ar — o bumerangue, a flecha com penas, o moinho de vento e a pipa. As pipas que subiam aos céus levando homens, na China, mi-

lhares de anos antes de Cristo, são citadas na tese. Bem como os foguetes inventados na mesma época. Ele antecipa a idéia de máquinas que, combinando as propriedades da pipa com as do moinho de vento, ou do moinho de vento com as do foguete, poderão algum dia levar o homem à atmosfera ou até mesmo além dela.

Presta tributo ao trabalho de Leonardo da Vinci no fim do século XV, especialmente seus desenhos dos ornitópteros com asas móveis. Como sabemos, os princípios de da Vinci foram aplicados às máquinas voadoras de Waxflatter, mais tarde. São também lembrados na tese os excêntricos alados dignos de nota que durante os séculos se atiraram de torres, de campanários e de um telhado para outro, com conseqüências muitas vezes fatais — homens como Oliver de Malmesbury, que se lançou com suas asas do telhado da abadia, quebrando as duas pernas (1020). De Bernoin da Alemanha, que em Frankfurt morreu em uma tentativa semelhante (1673) e o Marquês de Bacqueville, que tentou atravessar o Sena com suas asas e caiu sobre a barcaça de uma lavadeira (1742). Waxflatter cita respeitosamente essas desventuras heróicas antes de passar para os balonistas do século XVIII e começo do século XIX, os dirigíveis e, finalmente, o primeiro verdadeiro aparelho aéreo com flapes de propulsão que mais tarde ele tentou aperfeiçoar.

Foi essa elogiável obsessão que levou Waxflatter a entrar para a sociedade. Com todos de acordo, Bobster não perdeu tempo em iniciar a execução do projeto. Mas não podia andar mais rápido do que lhe permitiam os costumes e as características do país. Houve atrasos inevitáveis, nunca satisfato-

riamente explicados nas terras do Oriente e cujos culpados raramente aparecem. Os funcionários do governo se recusavam a serem apressados, acertos deviam ser feitos, o clima não era próprio para nenhuma pressão e os dias se passavam com a observância rigorosa e descansada da sesta. Logo compreenderam que teriam de esperar meses para começar os alicerces do novo hotel.

Exceto por Bobster, que permaneceu no Cairo, no centro do trabalho, os amigos se dispersaram temporariamente.

Nesbit passava quase todo o tempo em Tanta. Cragwitch foi para o norte, até Alexandria, a fim de estudar as ruínas das fortificações napoleónicas, Hallmark alugou um quarto no bairro nativo e estudou árabe e Waxflatter começou uma viagem pelo Nilo.

Foi sem dúvida um mau presságio o fato dos beduínos começarem a instalar seu acampamento no oásis próximo de Esbekiah para observar o mês de Ramadã quando finalmente chegou o momento de começar os trabalhos da construção do hotel. Uma das noites desse nono mês no ano muçulmano é chamada a Noite do Destino. É quando são determinados os destinos dos homens para o próximo ano — e, como veremos a seguir, no caso dos jovens ingleses, para um tempo muito mais longo.

Capítulo Doze

O PROJETO DE WAXFLATTER, DE SUBIR O NILO ATÉ A PRIMEIRA catarata, não se realizou. Logo de início, surgiram problemas inesperados. Depois de um bom começo

em Boulak, em uma tarde brilhante, com uma brisa leve, a tripulação da barça de fundo chato e dois mastros, que ele havia alugado para a viagem, ficou mal-humorada, exigindo mais dinheiro, uma tática que usavam sempre, logo depois do início da viagem. Depois, ventos não característicos da estação por duas vezes levaram o barco para terra. Da segunda vez encalharam e tiveram de desembarcar. Waxflater foi obrigado a passar a noite em um povoado, em Turra, numa cabana de barro desconfortável, com seus seis tripulantes, um intérprete e um cozinheiro. A povoação ficava na estrada para Mênfis e Waxflater resolveu visitar aquela famosa cidade enquanto os homens tentavam levar a barça para a água novamente.

Com o intérprete ele começou a longa jornada em lombo de burro, através das areias desertas, mas quando chegou às famosas ruínas um mensageiro do Cairo o alcançou. Bobster esperava ansiosamente sua volta.

O trabalho ia começar antes do que esperavam. Todas as dificuldades tinha sido resolvidas, exceto um pequeno problema com os dignitários de um povoado próximo ao local da construção. Para Waxflater isso parecia ameaçador, mas Bobster não achava que fosse nada sério. “Quanto a esses problemas isolados”, escreveu ele, “tenho certeza de que Hallmark os resolverá. Ele será nosso intermediário. Já sabe falar um pouco o árabe e, a julgar pelas aparências, logo será árabe também! Acho importante que nós todos estejamos aqui para o início da construção. Tenho certeza de que você compreende que devemos mostrar nosso patriotismo.”

O diário parece tenso de irritação. “Para o inferno com o maldito patriotismo de Bobster!”, escreve Waxflatter. “O que isso tem a ver com um empreendimento comercial? Eu investi dinheiro nisso. O que mais posso fazer? Bobster é melhor comerciante do que nós todos juntos. Quero ver Abidos e o Vale dos Reis. Talvez nunca mais tenha essa oportunidade.”

No dia seguinte, ele estava mais calmo. “É uma pena, mas acho melhor voltar. Se algo sair errado, os ausentes levarão a culpa. Quero que esse empreendimento seja bem-sucedido. Preciso da independência que pode me dar, portanto, passarei mais um dia em Mênfis e depois volto para o Cairo.” Não pôde deixar de refletir na ironia da observação de Bobster sobre Hallmark, a quem ele e Cragwitch tantas vezes haviam ridicularizado. Agora queriam que agisse por conta própria como oficial de ligação. “Ótimo para Hallmark”, escreve ele. “Espero que eles o respeitem mais no futuro.”

Levando seu Heródoto como guia (o historiador grego tinha se aventurado por aquela região, no século V a.C.), Waxflatter chegou a Mênfis excitado com a perspectiva de ver as ruínas da cidade fundada há quatro mil anos. Mas teve uma decepção porque, tudo o que restava da cidade que fora capital do Egito durante 31 dinastias, que havia sobrevivido às conquistas dos persas, dos gregos e dos romanos e era ainda populosa quando chegaram os árabes, eram imensas pilhas de terra seca. Aqui e ali erguiam-se palmeiras, cabras lutavam pela sobrevivência à sua sombra e além das árvores havia cabanas de barro ao lado das quais sentavam-se mulheres e crianças tristonhas, no calor do dia.

Nada restava do esplendor que Heródoto havia visto, a não ser fragmentos de esculturas de granito, torsos sem cabeça e colossos de bruços no solo do lago seco. “As ruínas mergulharam nas areias insondáveis”, escreve Waxflatter no seu diário. “Mênfis é um desapontamento. Só seu nome atrai os visitantes.” Ainda assim, ele teve a sensação da história enquanto caminhava pelos montes de areia, apanhando aqui um pedaço de porcelana, ali um fragmento de granito vermelho. Não era tão estranho assim, pois Mênfis era uma das mais antigas cidades do mundo. Nenhuma outra havia prosperado por tanto tempo desde que foi fundada por Khufu, a quem os gregos chamam de Queóps na sua história. “Tudo naufragado em um oceano de areia”, escreve ele com tristeza. Naturalmente, Waxflatter estava errado. Sabemos que foi o homem e não a areia quem depredou as ruínas. O esplendor visto por Heródoto fora levado de Mênfis, durante a Idade Média, para construir novas cidades. Parte do Cairo foi construída com as ruínas de Mênfis.

Deixando a cidade sombria, Waxflatter analisou os próprios sentimentos. Compensou o desapontamento com a satisfação de ter estado ali e visto o que ainda restava. Nesse estado de espírito iniciou sua jornada, em lombo de burro, de volta para Turra, na companhia do intérprete.

Durante a viagem pelo rio, até Boulak, Waxflatter já temia o que ia encontrar no Cairo. “Não me agrada o problema com os beduínos”, confiou ao diário. “Só espero que Bobster saiba o que está fazendo.”

No Cairo verificou que a situação era muito pior do que pensava. Mas Bobster não a via assim. O que havia acontecido aparentemente o deixara muito satisfeito.

A área escolhida para a construção do hotel era um antigo cemitério. Vários tesouros inestimáveis já haviam sido encontrados. “Ficamos milionários antes mesmo de começar”, disse Bobster com imenso prazer. Foi Hallmark quem os fez pensar com mais realismo. De volta de uma reunião com os magistrados do povoado, informou os amigos que o assunto era extremamente delicado. A área da escavação era sagrada para os habitantes do povoado. Cinco princesas da 14ª dinastia estavam enterradas ali. Waxflatter resolveu visitar o povoado próximo da área escolhida. Hallmark o acompanhou.

Antes de partir Waxflatter viu um folheto da sociedade, que descrevia as amenidades oferecidas pelo hotel. Os trechos que ele reproduziu no diário mostram que o hotel seria magnífico, um grande hotel que combinaria a mais avançada tecnologia americana com o ambiente oriental.

O desenho fora executado por um arquiteto americano. Naquela época a América era a pioneira nesse campo e estava construindo hotéis que tentavam igualar o esplendor dos palácios reais, da Europa o que, naturalmente, não conseguia. Na América foram construídos os primeiros hotéis na tradição da estalagem inglesa, onde os viajantes passavam a noite somente quando precisavam. A nova tendência era para hotéis que funcionassem como centros sociais, mundos de fantasia, onde os visitantes eram tratados como reis. Hotéis desse tipo estavam sendo inaugurados também na Europa, muitos deles em palácios, castelos, mosteiros e até conventos

reformados para esse fim. Os ricos podiam desfrutar, no recém-inaugurado Exchange Hotel, de Boston, ou no Badischer Hof, em Baden-Baden, uma fuga completa das atribulações cotidianas em um ambiente extremamente luxuoso. O arquiteto havia projetado um hotel desse tipo para a sociedade de jovens ingleses no Cairo.

Teria seis andares e 150 apartamentos, todos com banheiro, o que era realmente revolucionário. O complexo incluía uma sala de jantar com capacidade para duzentas pessoas, aberta para o terraço de onde se via o Nilo. Seria o salão das dinastias. Teria um salão de baile, biblioteca, um salão árabe, equipado para espetáculos de lanterna calidoscópica, uma casa de banhos completa, com banhos turcos a vapor e salas de massagem. Uma característica muito especial seria o Portão para a Índia, que os folhetos descreviam como uma reconstrução, em linhas teatrais, de um mercado, onde artefatos egípcios podiam ser comprados em ambiente muito mais confortável do que o dos bazares barulhentos e movimentados das ruas do Cairo.

O edifício, em granito vermelho, fora desenhado para se confundir com a paisagem: colunas iguais às das mesquitas, coroadas por minaretes, uma de cada lado da fachada triangular, como se fosse o lado de uma pirâmide. O nome do hotel, de extremo mau gosto, segundo Waxflatter, seria Palácio do Faraó.

Foram a cavalo até o povoado e Waxflatter menciona a imponência com que Hallmark, com suas roupas egípcias, montava o garanhão árabe; estava muito egípcio. Ninguém reconheceria o antigo estudante com seu albornoz e o fez

vermelho, o rosto queimado de sol e a barba crescida. Quando chegaram, Waxflatter sentiu-se deslocado por ser o único com roupas européias. Mas Hallmark, evidentemente, havia conquistado a confiança do povo, por isso foram convidados para a cabana dos magistrados da aldeia. Ele descreve a ocasião:

“Fiquei impressionado com os bons modos daqueles homens — cujas vidas eram tão difíceis — e com a limpeza das suas casas de chão de terra. Sentamo-nos em almofadões finamente trabalhados, formando um semicírculo, com o porta-voz da aldeia no centro. Foram passadas vasilhas com água, nas quais lavamos as mãos antes de nos servirmos de doces e café oferecidos pelas crianças, das quais só víamos os olhos castanhos e sorridentes através das aberturas das túnicas negras e longas. De uma fresta na cortina que separava o cômodo onde estávamos do outro, uma sucessão de olhos brilhantes nos observava furtivamente e ouvimos as risadas alegres e sonoras das mulheres na reclusão do *purdah*. A simplicidade disso tudo me comoveu profundamente.

O problema, disse o chefe, era o fato da área escolhida para o hotel ser sagrada para eles. O que parecia aos europeus uma região deserta era território venerado por eles e por seus ancestrais, pois sob aquele solo, sem terem sido perturbados durante milhares de anos, estavam os túmulos da Princesa Hatiba e de suas quatro irmãs que, segundo os textos antigos, haviam morrido em uma noite terrível, quando o Nilo invadira a terra, fora da estação da enchente, devastando a residência imperial. Muitos morreram afogados, inclusive as quatro princesas reais.

Todos os anos, por ocasião do Ramadã, na noite anterior ao Dia do Destino, o povoado tristemente relembra aquele triste acontecimento com uma vigília à luz de tochas, na entrada dos túmulos.

O chefe continuou a narrativa em tom mais severo. Disse aos ingleses, dirigindo-se a Hallmark especialmente, como seu intérprete, que os jovens europeus e os agiotas da cidade (empregou a palavra árabe que significa usurarios) haviam começado a profanar o terreno sagrado e não davam atenção quando lhes pediram para cessar aquele trabalho sacrílego. Assim sendo, o chefe exigia que a profanação dos túmulos cessasse imediatamente.

“Havia nos seus modos uma delicadeza fria, cujo próprio tom nos advertia que não devíamos tomá-la por fraqueza”, comenta Waxflatter no diário. “E nos advertiram de outros problemas. Uma tribo de beduínos, com os quais eles tinham relacionamento de íntima amizade, está armando seu acampamento, preparando-se para o Ramadã. Eles também viram o que está acontecendo no solo sagrado. 'Usamos meios pacíficos de persuasão em assuntos desta ordem', disse o chefe, 'mas nossos irmãos beduínos são diferentes. Suas origens datam de séculos incontáveis (o velho chefe na verdade disse 'datam do tempo em que Ram era onipotente', mas Hallmark não conseguiu traduzir literalmente) e da crença no culto da Rame Tep. Até hoje embalsamam seus mortos em honra a Anúbis, o deus dos mortos, e na época do Ramadã enterraram os restos mortais dos entes queridos nos túmulos das cinco princesas. Se os túmulos forem profanados, eles evocam a vingança de Eh Tar.”

Tudo isso pareceu bastante ameaçador a Waxflatter, que naturalmente quis saber mais sobre o significado de Eh Tar. Hallmark explicou que em cada geração aquela tribo escolhia uma criança do sexo masculino (“o escolhido”, geralmente filho de um dos chefes tribais) e lhe davam o nome de Eh Tar. Em caso de necessidade, esse príncipezinho tornava-se seu “mensageiro da vingança”; *Eh Tar*, de muito antiga origem fenícia, significava vingança. Quem quer que profanasse os túmulos das princesas seria alvo de vingança da Rame Tep, cujo mensageiro era sempre Eh Tar.

Um tanto abalado com essas revelações, Waxflatter sugeriu a Hallmark uma visita ao local da construção. À caminho, Hallmark contou o que havia aprendido sobre a cultura e os costumes daquelas tribos do deserto.

Os beduínos, ou Bedu da Arábia, eram membros das tribos nômades de criadores de camelos e, na acepção estrita da palavra, os únicos com direito à denominação de árabes. Essas tribos levavam existência nômade desde os tempos dos faraós. Quando migraram da Arábia para o Egito, continuaram nômades e eram chamados de árabes pelos egípcios, enquanto que os cultivadores da terra não recebiam essa denominação. Porém, em anos mais recentes, algumas das tribos se tornaram sedentárias, abandonando as dificuldades terríveis da vida no deserto, transformando-se em camponeses, geralmente trabalhando com habitantes das aldeias, já estabelecidos como criadores de gado. Essa tendência foi acelerada pela ocupação napoleônica, que disseminou entre eles as idéias de igualdade e fraternidade da Revolução francesa. Alguns membros das tribos haviam até mesmo se juntado aos felás das aldeias na

migração para as cidades, onde trabalhavam como empregados nos novos planos de urbanização e industrialização. Finalmente, com o ressurgimento do nacionalismo, todos os povos de língua árabe passaram a ser chamados de árabes.

Contudo, os beduínos eram os puros-sangues históricos da sua raça e a maioria das tribos permanecia nômade, levando ainda a vida difícil no frio e calor intensos das regiões desertas do sul da Arábia, cuja região mais inóspita era o infame Bairro Vazio. Mas eram de um patriotismo feroz e através dos séculos governantes sucessivos haviam pedido sua proteção contra incursões de intrusos, desde os cruzados cristãos até o presente, quando Mohammed Ali não hesitou em usá-los para expulsar os britânicos.

Os beduínos acampados perto do povoado, em Ezbekiah, eram típicos membros de uma tribo em transição. Possuíam algumas cabeças de gado muito magro, alguns camelos e um rebanho de cabras. Eram homens pequenos e fortes, com traços finos e corpos ágeis, mas até os jovens pareciam mais velhos, devido à vida difícil que levavam. Usavam turbantes e mantos árabes que chegavam até o meio da perna e alguns vestiam apenas tangas e tinham a cabeça descoberta. Usavam adagas também. As mulheres, vestidas de negro, tomavam conta do gado, mas não lhes era permitido ordenhar as cabras ou as vacas; desde os tempos mais antigos, só os homens podiam tocar o úbere de um animal. Mas o camelo era o abastecedor universal. Aquele esplêndido animal de carga servia de transporte, comiam sua carne nos tempos difíceis, tomavam seu leite, suas fezes secas eram usadas como

combustível para cozinhar e para aquecimento. Naturalmente, reverenciavam o camelo, admirando sua paciência, e o tratavam com um misto de afeição e espírito prático, quase beirando o amor. Pois se uma tribo nômade estivesse a uma distância relativamente pequena de um oásis e os camelos precisassem descansar, não seguiam viagem e passariam outra noite no deserto inóspito.

A vida dos beduínos era repleta de dificuldades. Às vezes a água dos poços era tão amarga que misturavam leite de camelo para conseguir beber. Quando o *khamsin* soprava do leste, como o bafo de uma fornalha, o calor provocava feridas em suas peles. Para essas tribos, a vida se mostrava tão próxima da natureza, tão perturbada pelas dificuldades da existência, que Deus era um companheiro; a fé em sua presença lhes dava coragem para suportar as dificuldades. Oravam regularmente, voltados para Meca, nos seus tapetes de oração, e observavam o Ramadã como uma festa móvel, pois de acordo com o calendário lunar egípcio, cai onze dias mais cedo a cada ano.

Durante o Ramadã não devem comer e nem beber do nascer ao pôr-do-sol, mas a vida do beduíno é tão árdua que essa prática seria fatal no calor do deserto. Assim, o beduíno está isento da observação do jejum até terminar sua viagem.

Essa era a situação da tribo que estava acampada na escarpa próxima de Esbekiah. Havia passado parte do ano em cavernas nas encostas de calcário, tinham atravessado o Bairro Vazio e agora estavam no oásis, onde armaram suas tendas e construíram cabanas de pedra e relva trançada, a fim de guardar suas poucas possessões. Mas, à noite, Waxflatter e

seus companheiros ouviam o soar dos seus estridentes tambores de prata, marcando as horas do cair da noite, quando modestamente comiam e bebiam após o jejum do dia. Era como se fosse um aviso aos europeus, marcando as horas, até o momento em que aqueles homens e mulheres iriam ao solo sagrado, para se juntarem ao povo da aldeia na vigília da véspera do Dia do Destino.

A providência seguinte de Waxflatter foi inspecionar os locais da construção para verificar o que podia ofender a sensibilidade dos beduínos. Ficou extremamente chocado com o que viu no planalto onde seria construído o Palácio do Faraó.

Um grupo de trabalhadores, cerca de 150 homens, todos felás, estava em atividade, mas o que fazia parecia não ter qualquer relação com a construção do hotel. Movimentos de terra tinham sido feitos, supostamente para os alicerces, mas o que estava em processo era algo que mais parecia pilhagem. Enquanto os capinteiros faziam postes e escoras para suportar aberturas de cavernas e de corredores, outros trabalhadores ainda cavavam no local dos alicerces. Outros continuavam fazendo caixotes de vários tamanhos e forrando-os com palha e outros materiais protetores.

Das cavernas para os caixotes movimentavam-se os trabalhadores, carregando estátuas e ornamentos; sarcófagos perfeitamente intactos eram transportados nos ombros dos homens. A primeira vista pareciam não ter cor, mas quando iluminados pelos raios do sol surgia o colorido suave na madeira. Espalhados por toda a parte, como lixo, viam-se pedaços do que tinham sido vasos elegantes, fragmentos de

alabastro e mármore de todas as tonalidades, desde as brilhantes cores primárias até os tons pastéis mais delicados. Estatuetas funerárias tinham sido desprezadas como obras imperfeitas e seus membros e torsos sem cabeça espalhavam-se como se fossem resultado de uma explosão. O mais impressionante eram os pedaços de substância marrom e esponjosa que escapavam das ataduras rasgadas das múmias. A carne dos mortos embalsamados. Parecia um abatedouro.

Waxflatter registra o fato de que esse vandalismo estava se processando sob os olhos atentos de pessoas que ele nunca vira antes; nenhum dos presentes nas escavações jamais estivera nas reuniões de discussão do projeto. Mais tarde soube que aqueles homens sérios, com roupas européias, eram agentes de consulados estrangeiros, negociantes de antiguidades, intermediários de museus europeus. Ao que parece, Bobster fizera um acordo com eles, em nome da sociedade, segundo o qual, certas quantias seriam investidas na construção, quando aquelas relíquias inestimáveis fossem vendidas.

Na ausência dos outros, Waxflatter fora ludibriado por aqueles empresários desumanos, suplantado por suas negociações corruptas. Agora estava irremediavelmente nas mãos deles. Hallmark, quase sem poder falar de tanta raiva, os advertiu severamente sobre as terríveis conseqüências, mas Cragwitch minimizou os riscos, alegando influência junto aos militares, que certamente providenciariam proteção em caso de perigo. Os políticos do Cairo precisavam de dinheiro para seus planos ambiciosos de renovação, disse ele, e seria a coisa mais simples do mundo transferir uma parte dos lucros para

eles. Apenas Nesbit, chamado do seu idílio em Tanta, parecia indiferente à tensão. Estava ansioso para ver o interior das escavações e todos o acompanharam ao local.

As cinco princesas tinham sido sepultadas há cerca de quatro mil anos. Depois de mumificadas, foram colocadas em um mausoléu guardado por um par de pequenas esfinges. À luz das velas, caminhavam pela avenida das catacumbas e, chegando ao templo central, o guia acendeu uma vasilha com magnésio. A chama revelou a riqueza incrível ali guardada. Nichos brilhavam como pedras preciosas, os perfis de deuses e deusas estavam gravados em peças de marfim polido, tábuas com hieróglifos repetiam a sabedoria do Livro dos Mortos. E em uma armação forrada de ouro estavam os sarcófagos das cinco princesas. Mas estavam vazios. As múmias tinham sido retiradas.

A uns cinqüenta metros adiante chegaram a uma câmara que Hallmark disse ser uma casa de embalsamamento. Ali os ritos funerários tinham sido realizados há milênios. Ele sabia alguma coisa sobre a arte há tanto perdida e começou a descrever o processo para os companheiros.

O corpo era esvaziado de toda a matéria sujeita à decomposição e mergulhado em natrão. Só o coração era deixado, as entranhas preservadas separadamente, em jarros canópicos, que eram sepultados com o corpo. Este, quando seco, era lavado, untado com óleo, envolto em ataduras de linho e entregue aos parentes. Então, podia começar a cerimônia do funeral, uma ocasião bastante festiva, que geralmente terminava com dança. O morto supostamente estava agora na companhia dos seus ancestrais. No caso da

realiza, como os funerais das princesas, a cerimônia durava vários dias e o mausoléu transformava-se em centro de peregrinação.

“Ali, naquele templo frio e subterrâneo”, confiou Waxflatter ao seu diário, “senti-me como um intruso no mundo privado de uma crença muito antiga. Eu estava ofendendo as leis exatas do tempo. Talvez agora aquelas mortas sagradas jamais acordassem. Eu havia quebrado o encanto. Acho que esse é o significado do sacrilégio.”

Quando os cinco jovens ingleses voltaram à sua *villa* no Cairo, estavam em completo desacordo. Lendo o diário, temos a impressão de que Waxflatter simplesmente queria voltar para casa. Hallmark, por sua vez, estava tão chocado com a profanação que se processava em Esbekiah, que não tinha mais coragem de enfrentar os habitantes da aldeia. Nesbit só pensava em voltar para Tanta. Mas Bobster e Cragwitch insistiam em que todos deviam ficar até o começo da construção, quando então poderiam deixar o projeto a salvo nas mãos dos seus socios egípcios. Mas tudo isso, afinal, não passou de conjectura sem sentido, pois no dia seguinte ocorreu uma série de fatos que os levou a voltar para a Inglaterra o mais cedo possível e pelo transporte mais rápido.

Cragwitch havia conseguido um grupo de soldados para guardar a escavação. Eram albanianos, veteranos das famigeradas aventuras de Mohammed Ali no Sudão. Era impossível haver um grupo de mercenários mais cruel do que esse. Quando na véspera do Dia do Destino, os habitantes do povoado, seguidos pelos beduínos nos seus camelos, se aproximaram do local sagrado, os soldados gritaram frases

indecentes para as mulheres. Tinham estado bebendo cerveja dos barris apoiados em tocos cortados de cedro. Os árabes ficaram confusos e furiosos, pois, não só o sagrado santuário muçulmano fora profanado horivelmente, como também estava guardado por infieis, nessa época solene.

Os beduínos empunharam suas adagas e os albaneses atiraram. Houve algumas escaramuças e os árabes voltaram para a aldeia. Quando a noite caiu, os soldados foram atrás deles e a confusão foi total. Casas foram incendiadas, mulheres foram violentadas, crueldades inomináveis foram perpetradas. De madrugada, a aldeia era uma ruína. Uma fumaça acre pairava entre os corpos espalhados. Alguns estavam apenas curtindo a bebedeira, outros gemendo com a dor dos ferimentos, mas muitos, incluindo crianças, estavam mortos ou quase.

A notícia do ultraje chegou à *villa* logo ao nascer do dia, levada por um dos amigos de Bobster, um grego de Alexandria. “Eu os aconselharia a partir sem demora”, disse ele. “Os sobreviventes juraram ódio aos estrangeiros. O governo vai se voltar contra vocês. Não aceitarão a responsabilidade. Vocês serão os culpados.”

“Exatamente o que somos”, confessou Waxflatter às páginas do seu diário, acrescentando profeticamente: “Não acredito que tudo termine aqui para nós.”

Ao cair da noite estavam em Alexandria e, com sorte, conseguiram passagens em um navio que saía naquela noite para Liverpool. Nenhum deles jamais voltou.

Entretanto, sabemos alguma coisa das carreiras que seguiram. A evidência está nos diários que Waxflatter escreveu durante anos.

Hallmark fez muito pelos bairros pobres do East End de Londres. Conheceu Charles Dickens. Publicou um livro de sua autoria, *As Trilhas do Exílio*, que influenciou muito as autoridades para que construíssem habitações de melhor qualidade nas vizinhanças das docas. Finalmente, entrou para o Parlamento, como radical, naturalmente.

Nesbit, que fora obrigado a deixar o Egito sem se despedir da sua amada, a caminho de casa mudou de opinião, para grande alívio da família. Depois da sua ordenação, trabalhou em várias paróquias antes de se estabelecer em Kilburn até o fim da vida.

Bobster, como já vimos, morreu espetacularmente, no auge da prosperidade. Soube-se muito mais tarde que, quando finalmente foi construído um hotel em Esbekiah, ele conseguiu comprar ações, provavelmente sob outro nome, ou através de uma corretora ou por outro meio qualquer conhecido dos contadores. Administrando as finanças alheias, Bobster se tornara um homem muito rico.

Após uma curta carreira militar, ao que se dizia terminada com demérito (matou um indiano, quando tentava atirar em um pássaro, em uma competição de tiro ao pombo, em Deli), Cragwitch deu baixa do exército e tornou-se banqueiro. Seria o único sobrevivente dos assassinatos de 1870.

Waxflatter, como sabemos, voltou à sua antiga escola, depois de se formar em Edimburgo. Ao que parece, aceitou o lugar em Brompton especialmente porque tinha espaço para

suas experiências no campo da aeronáutica. Não se interessava por dinheiro. Tudo o que queria era voar.

Capítulo Treze

OS LEITORES QUE ACOMPANHAM AS AVENTURAS DE HOLMES sabem que sou médico, pois consegui me formar, a despeito dos temores que me atormentaram quando estava em Brompton. Jamais me atribuí grande talento como escritor. O sucesso dos livros sobre Holmes, sou o primeiro a reconhecer, não pode ser atribuído a qualquer qualidade que eu tenha ou não como narrador. Não, isso se deve ao grau de admiração que suscitaram no público as realizações espantosas do personagem central, meu amigo Holmes.

Sei que mais de uma vez — estou pensando no caso do “Ritual Musgrave” — Holmes se refere a mim como seu biógrafo. Com tal autoridade adotei essa denominação ao relatar o caso do “Paciente Residente”. E durante suas investigações do enigma do “Construtor de Norwood”, ele chegou mesmo a me descrever como “meu zeloso historiador”. Mas jamais tive ilusões quanto à qualidade da minha literatura. Minha obra deve ser considerada como o trabalho de um amador, assim como, no campo da detecção, Holmes era um amador, embora um amador extremamente bem-dotado.

Entretanto, às vezes, criticava acerbamente os meus esforços para presentear a posteridade com um registro do seu trabalho. Mais de uma vez me acusou de “aformoseamento” — foi a palavra que usou — no curso da tarefa que me impus

de relatar o que ele definia como “esses pequenos registros dos nossos casos que você teve a bondade de rabiscar”. Bem, a complacência da observação eu podia suportar, mas senti profundamente a injustiça que ele praticou quando estávamos resolvendo o mistério das “Faías de Cobre”, quando disse que eu havia “degradado o que deveria ser um curso de lógica, transformando-o em uma série de contos”.

Essa fraseologia pejorativa não me parece de acordo com a estima que Holmes afirma ter por mim. Por acaso não se referiu a mim, durante nosso trabalho na “Liga da Cabeça Vermelha”, como “meu sócio e meu assistente”? Porém, a despeito dessa consideração, muitas vezes Holmes criticava duramente minhas deficiências literárias, quando não estava de bom humor.

Por que, o leitor deve estar perguntando, pensei nisso tudo? Especialmente porque sinto a presença dele agora, enquanto escrevo no meu escritório, em Kensington, sua sombra vigiando-me, entre a lâmpada e a minha mesa. Está inclinado sobre meu ombro e juro que o ouço dizer: “Watson, velho amigo. Você aformoseou outra vez.”

Mentalmente nego a acusação, embora reconheça que faz sentido do ponto de vista de Holmes. Está me censurando por ter-me estendido na descrição dos acontecimentos do Egito, por ter entrado em detalhes, abandonando-o às agruras de Oxford e Elizabeth ao seu trabalho no sótão. É típico de Holmes. Para ele, a caçada ao criminoso é tudo. A situação do mundo em geral nunca o interessou; é um assunto tedioso. “Minha vida”, disse ele certa vez, “é um longo esforço para fugir ao lugar-comum da existência.” Uma batalha contra o

tédio. Contudo, era um homem com intuições tão fantásticas que, se tivesse vivido na Idade Média, na certa seria acusado de feitiçaria e queimado sumariamente na fogueira!

Mas não me desculpo por ter feito uso da rica fonte do diário de Waxflatter para relatar os detalhes do que aconteceu no Egito. Será que existe melhor exemplo da determinação do destino de indivíduos pelo curso da história? Aqueles jovens na pequena tela de Waxflatter, por estarem em um determinado lugar em determinado tempo, tiveram suas vidas marcadas pela ameaça de vingança que receberam um ano depois da sua volta à Inglaterra. Se a história não tivesse parado naquela noite da chacina em Esbekiah, eu não estaria agora relatando o primeiro caso resolvido por Holmes. Mas aceito sua opinião. Está na hora de voltarmos para Brompton.

Sem que soubéssemos, enquanto estávamos em Cragwitch Manor, a vida de Elizabeth corria perigo. A extensão desse perigo só viemos a conhecer quando voltamos de Oxfordshire. E então era quase tarde demais. Com o tempo consegui saber os detalhes das horas terríveis que ela teve de enfrentar.

Quando partimos, ela foi para o sótão, como Holmes tinha mandado. Lá começou a tarefa ingrata de selecionar documentos e objetos entre a desordem do tio. Arrumou os protótipos das suas invenções mais portáteis em caixas de sapatos. Lá estava um relógio cortador de ovos, que há muito tempo ele estava para patentear; um aparelho com mola, que virava as páginas de livros com um marcador de tempo embutido, que se podia regular de acordo com o ritmo de leitura de cada um; uma máquina portátil de fazer café que

dificilmente seria aprovada pelos padrões de segurança, pois era a gás! Junto com um ou dois outros aparelhos do tio, em sua opinião, esses inventos demonstravam a engenhosidade de Waxflatter com perfeição. Assim, guardou-os com vários documentos e mais os diários, no meu armário.

Fez várias viagens do sótão ao prédio da escola, até que o nascer do dia as tornaram impossíveis, pois poderia ser descoberta. Parece incrível a quantidade de coisas que ela conseguiu acomodar no meu armário, onde já estavam minhas meias de futebol, dois livros (um de Wilkie Collins, o outro de Thackeray) e 250 gramas de caramelos Rowntree. O mundo científico certamente sairia perdendo se ela não houvesse incluído entre os papéis de Waxflatter os desenhos de um ornitóptero a vapor, um aperfeiçoamento da versão com pedais. Embora Waxflatter não tivesse vivido para construí-lo, era prova evidente de uma mente muito além do próprio tempo. Cinco anos mais tarde, um ornitóptero com duas asas, movido a vapor, baseado em seus estudos, ergueu-se do solo na Exposição do Palácio de Cristal!

A seleção das coisas deixadas pelo tio foi uma triste tarefa para Elizabeth. Desde a morte dos pais, Waxflatter era a pessoa a quem mais queria na vida, até conhecer Holmes, em Brompton. Grande foi sua tristeza quando tirou de uma gaveta uma fotografia, um programa de teatro e um recorte de jornal. Evocaram memórias terríveis demais. A fotografia fora tirada para fins de publicidade teatral; mostrava seus pais, Simon e Sophie Lord na peça *Romeu e Julieta*. A companhia estava em excursão pela América, quando ocorreu a tragédia que deixou Elizabeth órfã.

Amantes traídos pelas estrelas, no sentido mais amplo da palavra, o belo casal era adorado pelo público, o que contrastava com o turbilhão de suas vidas privadas. O papel que representavam fora do palco era uma paródia da imagem de namorados eternos. Na verdade, embora profundamente apaixonados, eram incompatíveis. Se não fosse por Elizabeth, que sempre levavam em suas excursões, provavelmente teriam se separado. No domingo anterior à sua representação em Filadélfia, foram ao teatro para um último ensaio da cena do balcão.

A não ser por um foco de luz no palco, o teatro estava às escuras; todas as portas da frente estavam trancadas. Enquanto ensaiavam, um assistente da direção entrou pela porta dos artistas; era seu costume levar comida para o gato do teatro, nos fins de semana. Acendeu uma vela que, ao sair, esqueceu de apagar. O gato deve tê-la derrubado...

O recorte de jornal contava a terrível história. As chamas haviam invadido o teatro com tanta rapidez, especialmente a área da porta dos fundos, onde o fogo começou, que o casal morreu tentando escapar.

Quando Waxflatter chegou em Filadélfia dez dias depois, tendo atravessado o Atlântico, foi diretamente ao hotel dos artistas onde os Lordes tinham-se hospedado. Encontrou a menininha de dez anos preocupada com a ausência dos pais. Os membros da companhia não lhe tinham dado a trágica notícia. O bondoso tio disse que ia levá-la com ele. Só então ela soube porque os pais não haviam voltado.

Elizabeth guardou essas tristes lembranças no meu armário. Terminada sua tarefa, começou a se preocupar com Holmes. Sem dúvida estava preocupada comigo também, mas era natural que pensasse em Holmes primeiro. O amor que existia entre os dois sem dúvida em parte se devia às suas infâncias infelizes. O que tinham suportado era um passado compartilhado por eles. Cada um dos dois criou um espírito independente, uma qualidade que reconheciam um no outro. Os sofrimentos da infância de Elizabeth me foram revelados pelos objetos do sótão. Fiquei sabendo da sombra que escurecera a infância de Holmes e o significado da sua alucinação no cemitério em uma conversa que tivemos a caminho de Brompton.

Estávamos perto da escola e eu sentia o frio intensamente. Na temperatura abaixo de zero daquele mês de dezembro, até o Tâmis tinha se congelado em alguns lugares e, aparentemente, não ia melhorar tão cedo. Holmes era imune ao frio, alimentado por aquela energia interna tão exaustiva para seus amigos. Mas eu estava me sentindo miserável enquanto caminhávamos, passando pela Serpentine.

— Eu devia estar em casa, em Carlisle — ouvi minha própria voz resmungar. — Estamos no Natal e aqui estou, andando no meio da noite com um bando de fanáticos no meu encalço. E vou ser expulso da escola! Meu Deus, Holmes! No que foi que você me meteu?

Ele não se dignou a responder. Uma vez ou outra Holmes parava, olhava para o símbolo da Rame Tep na carta recebida por Cragwitch e dizia para si mesmo: “Eh Tar! Rame Tep! Eh

Tar!” Estava tão absorto com o caso que nem se importava comigo. Fiquei furioso. Reclamei, de mau humor.

— Não pode pensar em outra coisa? — Acho que nem me ouviu. — Investigação! Dedução! Rame Tep! Eh Tar! Estou farto de todo esse negócio maluco! E mais farto ainda de você!

Finalmente tinha conseguido desabafar. Sentindo-me orgulhoso, enfiei a mão no bolso. Nada melhor do que uma bala de hortelã em ocasiões como essa!

— Desculpe, o que foi que disse, Watson?

Isso provava que tinha escutado meu desabafo.

— Estou farto de você — repeti com muita petulância. — Estou mais do que farto de você, Holmes.

— Ora, ora, Watson — sua voz estava cheia de bom humor — precisa controlar a quantidade de açúcar que come.

— Bobagem — respondi agressivamente.

— Falo sério, Watson — falou calmamente. — Quando se come muito açúcar fica-se de mau humor. “Doce demais faz a pessoa amarga.” É um ditado antigo, mas acho que é verdadeiro. Nunca ouviu?

— Não estou interessado em ditados antigos — ele começava a me irritar. — Não acho que eu seja amargo. Só preciso de uma boa noite de sono.

— Chega de balas de hortelã para você — zombou ele. Minha paciência estava no fim.

— Lá vem você outra vez, Holmes, sempre com suas afirmações presunçosas. Sempre me criticando. Você não perdoa a menor falta.

Eu estava tão furioso, debilitado pela falta de sono, que quase não conseguia me controlar. Achava que tinha razão.

Seria natural aquela atitude de Holmes, apenas um ou dois anos mais velho do que eu, sua obsessão por enigmas e respostas e a determinação de solucionar o caso? Por que não deixava a cargo da Scotland Yard a solução do mistério e a prisão dos culpados? Parecia-me pouco saudável e muito perigoso para nós nos envolvermos tanto assim. Afinal, não passávamos de meninos de escola. Devíamos estar pensando no Natal, a época da boa vontade, quando as famílias se reúnem. Não me ocorreu naquele momento que o Natal talvez nada significasse para ele e que Holmes não tinha para onde ir.

— Eu estava tentando ser útil — disse ele, voltando-se para mim. — É importante acentuar o perigo de uma ingestão excessiva de açúcar. Estava dando um conselho de amigo. Seu hálito transformava-se em névoa branca no ar, seus olhos pareciam preocupados.

Eu me senti humilhado. Holmes parecia genuinamente surpreso com minha incompreensão.

— Bem, é muito desagradável ser tratado assim — respondi. — Não sou criança. Tenho quase a sua idade. Por que você é assim, Holmes? Tem de haver um motivo. A maioria das pessoas não nasce com uma mente igual à sua. Não conheço ninguém capaz de identificar quinze tipos de couro de sapatos ou que tenha estudado tatuagem. Seu conhecimento sobre tintas invisíveis e pegadas de esquilos é realmente excepcional. Não é normal, Holmes. Tem de admitir que não é normal.

— Existem somente quatorze tipos de couro para sapatos, Watson — respondeu ele.

— Está vendo o que eu digo? Sempre tem de ser estupidamente exato. Será que importa realmente? Precisa sempre ter tanta certeza das coisas? Nem todo mundo nasce com mentes que são verdadeiros livros de referência, Holmes, cheios de detalhes curiosos. Nem todo mundo é obcecado pela análise e pela dedução. O que faz de você o eterno detetive?

Olhou para mim com expressão triste. Eu não tivera intenção de magoá-lo.

— Quer mesmo saber? — perguntou.

— Quero — afirmei sem rancor. — Sim, Holmes, quero saber.

Recomeçamos a andar e Holmes contou sua história.

— Eu tinha onze anos, lembro-me bem. Meus pais não eram velhos. Tinham se casado antes dos vinte anos. Mas a família de minha mãe fora contra o casamento. Deviam se amar muito. Porém, não me lembro de nenhum momento de felicidade entre os dois. Alguma coisa devia estar errada. O casamento estava em perigo. Mesmo naquela idade eu sabia disso.

— As crianças são muito perceptíveis, Holmes — observei.

— São sensíveis a estados de espírito e à atmosfera — disse ele. — Watson, você já teve um gato?

A pergunta me apanhou de surpresa. Parei de andar e olhei para ele. Notei então que o corte feito pelo anel de Rathe no rosto de Holmes não estava completamente cicatrizado. Parecia um arranhão feito por garras.

— Temos um gato em casa — respondi.

— Nós também tínhamos — continuou ele. — Um velho siamês chamado Mehatabel. Eu me interessava muito por ele. Tornei-me um observador de gatos. O nosso era muito esperto. E sabe que ele também estava me observando? Gatos são como crianças. Ele sabia quando eu estava triste, assim como eu sabia quando minha mãe estava infeliz. Ela tentava esconder seus sentimentos. Mas não adiantava. E acho que ela sabia que eu sabia.

Entusiasmou-se subitamente.

— Watson, vou dizer um enigma:

“Aqui estou com minhas filhas
Uma vítima de impuras águas curativas
Se tivesse ficado com meus sais de Epsom
Não estaríamos nessas tumbas!”

Comecei a pensar que ele estava ficando louco.

— Que águas são essas? — perguntou.

— Francamente, Holmes — eu disse. — Como vou saber? Não conheço as estações de água da Inglaterra.

— O enigma refere-se a Cheltenham — disse ele. — No tempo da regência era uma das estações mais elegantes. Mas no meio do século as águas ficaram poluídas, o que era um presságio, porque o lugar estava mudando também socialmente... não para melhor, na opinião das famílias mais antigas. Os fidalgos ressentiam-se com a invasão de estrangeiros. Famílias de anglo-indianos começaram a se instalar no lugar, depois de vidas inteiras passadas no exterior.

— O que havia de errado nisso?

— Os fidalgos os desprezavam. Não eram o tipo de pessoas que podiam constar das suas listas de convidados. Estavam sempre alardeando seu estilo de vida na Índia, onde ocupavam o mais alto degrau da escala social e tinham empregados em quantidade. Não podiam ter empregados na Inglaterra. As famílias de aposentados da Índia achavam os fidalgos do lugar esnobes e pouco sociáveis. Os fidalgos os consideravam inferiores. Não era uma boa mistura.

— Mas Holmes — eu disse. — O que a história social de Cheltenham tem a ver com seu interesse em desvendar crimes? Como foi que começou?

— Tem muita coisa, Watson, como vai ver se tiver paciência e me escutar. Minha mãe era de uma família antiga de proprietários de terras, meu pai de uma família anglo-indiana. Meu pai estivera no exército indiano em Délhi, onde se casou com uma mestiça. Quando meu pai e minha mãe se casaram, a família dela ficou revoltada. Parecia se envergonhar dele. Embora minha mãe fosse muito devotada, essa atitude da família o afetou de muitos modos. Ele detestava os preconceitos mesquinhos e as convenções sociais do lugar, os mexericos; era um mundo que parecia girar em volta da posição social. Nós o amávamos, Mycroft e eu, mas ele nunca parecia muito à vontade conosco. O desprezo da família de minha mãe o fazia sentir-se inferior. Nunca teve sucesso em coisa alguma. Acredito que poderia ter sido um advogado brilhante, se tivesse insistido. Estava sempre do lado dos estranhos, um campeão dos desprivilegiados, mas na sociedade de Cheltenham era também um estranho inferior.

Tornou-se um tanto preguiçoso; às vezes bebia demais e começou a ficar fora de casa durante dias.

A voz de Holmes tremia com a tensão das lembranças. Não olhei para ele. Continuou:

— Minha mãe se preocupava muito. Eu percebia como os dias eram longos para ela. Quando meu pai se ausentava, as noites deviam ser terríveis. Ela começou a dormir mal. Sua beleza fenecia. Seu último consolo eram os filhos. Acho que eu era o favorito. Sempre me senti culpado por isso. Mycroft é um homem excelente. Ela me dava presentes. Quase sempre se esquecia dele. Levava-me com ela a toda parte e me sufocava com seu amor. Pobre Mycroft. Mas, sabe Watson, um filho não pode compensar a perda do amor do marido. Eu sabia que ela sentia falta dele.

“Ela estava sempre ocupada. Lia muito. Encorajava-me a ler também. Sempre havia livros novos em casa. Minha mãe tocava piano muito bem, lamentos que ecoavam sua infelicidade. Mas devo a ela meu amor pela música. Mas a tensão começava a se fazer sentir. Ela ficava doente com muita frequência. Parecia estar desaparecendo.

Calou-se por um momento. As lembranças eram dolorosas.

— A crise ocorreu na noite em que meu pai voltou de uma das suas viagens sem explicação. Acho que ele nem se dava ao trabalho de inventar desculpas ou explicações. Mycroft estava no colégio interno. Sei que comecei a chorar no meu quarto quando ouvi os dois gritando. Foi uma discussão amarga, que desfazia completamente qualquer esperança de tranquilidade. Ela o acusava de andar com

outras mulheres, de ter casos com elas, e, embora ele negasse, compreendi que aquilo era a separação.

— Pobre Holmes — eu disse.

— Não, Watson. Holmes tinha resolvido fazer alguma coisa para resolver a situação.

— O que você podia fazer? — perguntei. — O que uma criança pode fazer nessas circunstâncias?

— Resolvi provar que minha mãe estava enganada. Não podia acreditar que meu pai fosse infiel. Sabia que ele se considerava um fracassado. Por isso saía de casa, eu tinha certeza. Estava convencido de que esse era o motivo. Naturalmente, ele não podia contar para minha mãe, era orgulhoso demais. Além disso, ele havia negado que tivesse outra mulher. Resolvi provar que ele estava dizendo a verdade.

— O que foi que você fez?

— Tornei-me um detetive, Watson. Observava cada movimento do meu pai. Quando ele estava em casa, eu ficava atento a cada detalhe, seu modo, sua aparência, tudo o que dizia. Quando voltava de uma das suas viagens misteriosas, minha observação era mais clínica ainda. Procurava provas da sua inocência. Havia-me colocado na posição de juiz. Aquele fio de cabelo na sua lapela seria de minha mãe? Seus sapatos estavam gastos de tantas caminhadas? Sua pele mostrava sinais de ter sido exposta ao sol? A camisa que usava... ele a tinha escolhido ou outra pessoa a escolhera? Era uma questão de observação e dedução. E tornou-se uma obsessão.

— Compreendo — eu disse.

— O passo seguinte mais lógico era seguir meu pai. Disse à minha mãe que ia dar um passeio com meu amigo, Tom Smith. Era o nome que eu tinha inventado para um companheiro inexistente. Ela pensava que eu ia a Londres visitar os museus, galerias de arte ou o zoológico com ele. Aprovava esses passeios. Mais de uma vez insistiu para que eu convidasse meu amigo fictício para o chá.

“Com o dinheiro da minha mesada comprei passagens de terceira classe para os trens que eu sabia que meu pai tomaria. Aperfeiçoei-me na arte de segui-lo sem ser visto. Fiquei também conhecendo as ruas do centro de Londres. No fim do dia eu estava à par de todos os seus movimentos. Era um observador paciente. Comecei a sentir prazer na aventura, tinha se tornado um jogo seguir a caça pelas ruas da cidade. Mas eu era um caçador que não queria alcançar a caça. Não queria que existisse outra mulher.

— Existia? — perguntei suavemente.

— Em uma sufocante noite de verão, em Mayfair, eu estava vigiando um lugar retirado, em Curzon Street. Meu pai havia entrado por uma porta que levava a uma escada. Ele tinha a chave. Esperei durante duas horas, temendo o que ia ver quando ele saísse. Afinal, meu pai apareceu e não estava sozinho. Estava com uma belíssima mulher. Eles sorriam. Ela estava radiante. Sem dúvida estavam apaixonados. Posso vê-la nesse instante. Era extremamente parecida com minha mãe, antes das doenças e do sofrimento. Não senti nenhum triunfo, apenas um tremendo desespero.

— Contou para sua mãe?

— Infelizmente, sim. Até hoje não sei se fiz bem em ter contado. Lembre-se, eu era uma criança confusa e infeliz. Antes de contar para ela, falei com meu pai. Eu o acusei. Disse que eu estava enganado. Não podia tê-lo visto em Mayfair, pois naquele momento estava jantando em Bayswater. Eu disse que ele mentia, detestando minhas próprias palavras. Eu o amava muito. Então, com infinita tristeza, ele confessou. Amava outra mulher.

— O que sua mãe fez?

— Deixou meu pai — disse Holmes. — Mycroft e eu fomos morar com a família dela. Nunca me senti realmente em casa com eles.

— Então, por isso você se tornou um detetive?

— Exatamente, foi como tudo começou. Tornou-se um hábito, que nunca me abandonou. Comecei a ler tudo o que podia sobre o assunto... histórias de crimes, memórias, relatos de julgamentos. Sabe, Watson, o que me intriga é a falibilidade das pessoas. Porque essa é a chave da natureza humana. Vemos tudo o que está na superfície. Isso é extremamente simples. O que me fascina é a parte interior da vida.

— Desde que nos conhecemos tem também me fascinado — observei. — Mas para você é uma obsessão.

— Concorro. Ao que parece, abri minha alma para você. Conte como tudo começou, esta preocupação com o motivo oculto das coisas, a procura das verdades que não estão à vista. Muitas vezes talvez você tenha pensado que eu estava me

mostrando. Mas é meu interesse real. Talvez seja também minha maldição.

— Não maldição, Holmes — eu disse. — Digamos uma magnífica obsessão.

Ele gostou da frase. Ficou mais bem-disposto e eu menos tenso.

— Muito bem, Watson, chega de coisas passadas. Precisamos voltar ao nosso caso. Que diabo é Eh Tar?

Ficamos em silêncio durante algum tempo. Logo avistamos o muro da escola. Precisávamos escalá-lo para que Holmes não fosse visto. Quando nos preparávamos para saltar o muro, vi Holmes levar a mão ao rosto. O ferimento estava sangrando. Ele se lembrou de Rathe.

— Meu Deus! — exclamou Holmes, empalidecendo de excitação. — Como fui tão idiota? Ele é Eh Tar, Watson, o jogo começou!

Capítulo Quatorze

DEPOIS DE LEVAR UNCAS PARA UM PASSEIO PELO PÁTIO, cuidando para não ser vista, Elizabeth tentou descansar no velho sofá do tio, até a nossa volta. Fechou as cortinas e tudo estava silencioso nas primeiras horas da manhã. Mas seu trabalho no sótão, que trouxera tantas lembranças, a havia fatigado. Se dormisse um pouco, Uncas a avisaria da nossa chegada.

Chamou o fiel cãozinho, mas ele estava inquieto. Alguma coisa o incomodava. Corria pelo sótão, agitado. Rosnava perto

da porta, depois corria para a janela. Algum instinto lhe dizia que algo estava errado.

Elizabeth sabia que os animais possuem sentidos que não funcionam mais nos homens por falta de uso. Eles percebem presenças perturbadoras que nós, para nosso grande risco, não percebemos. Será que o sexto sentido de Uncas estava funcionando agora?

— Venha cá — chamou ela. — Fique aqui perto de mim.

Mas o cão continuava a ganir. Elizabeth começou a ficar nervosa também, mas recusava-se a acreditar em fantasmas. Sem dúvida Uncas estava ansioso pela volta de Holmes.

Precisava tentar dormir um pouco. Estava realmente cansada. Cochilou e foi acordada por um ruído farfalhante. Então, ouviu o terrível som tilintante. Completamente acordada agora, notou que Uncas estava todo arrepiado. O cão e sua dona ficaram paralisados. De trás da cortina apareceu uma mão que pousou no ombro dela. Elizabeth estava tão apavorada que não conseguiu gritar. Apareceu o pulso então, com um bracelete do qual pendia um amuleto — a cabeça de um deus egípcio. A cortina se abriu. Ali estava a Sra. Dribb.

A princípio ela pensou que fosse uma brincadeira. Conhecia a Sra. Dribb e a respeitava. Apesar da severidade com que a havia tratado na noite anterior, era ainda para Elizabeth a amável governanta da escola. Quando os rapazes adoeciam ela tratava deles, ouvia com simpatia seus problemas, curava seus ferimentos. Assim, apesar do choque e na confusão em sua mente, esperou que a Sra. Dribb explicasse.

Mas esperou em vão. Não demorou para que a Sra. Dribb deixasse bem claro suas intenções. Eram violentas e

agressivas. Agarrou Elizabeth, tentando imobilizá-la. A força que usou negava sua reputação de pessoa delicada e Elizabeth estava assustada demais para resistir.

Uncas, porém, não tinha a desvantagem das dúvidas ou das inibições. Quando a mulher atacou, ele destemidamente defendeu sua dona. Abocanhou a saia da governanta e rasgou-a; procurando afastá-lo, a Sra. Dribb escorregou e caiu pesadamente no chão. Uncas voltou ao ataque e a mulher, de bruços no chão, defendeu-se como um gato selvagem. Uncas era definitivamente mais ágil. Além disso, havia encontrado o ponto fraco do inimigo. O coque preso no alto da cabeça da governanta era muito convidativo. Uncas ferrou os dentes nos cabelos da Sra. Dribb. E, para surpresa de Elizabeth e prazer do cãozinho, a cabeleira soltou-se, ficando presa em seus dentes. Uncas correu triunfante com o troféu. A Sra. Dribb usava peruca.

Mas não havia motivo para satisfação. Sem a cabeleira, a governanta calva era mais ameaçadora. Sua cabeça era raspada, exceto por uma trança verde que parecia uma serpente.

Aquele modelo de compaixão, aquela verdadeira Florence Nightingale — era discípula da Rame Tep!

Finalmente, Elizabeth conseguiu gritar. Correu para a porta, seguida por Uncas. Ela se abriu quando estendeu o braço para a maçaneta e Elizabeth viu-se frente a frente com Rathe. Que alívio sentiu ao vê-lo! Disse, com urgência na voz:

— Veja, senhor — apontou para a governanta calva. — A Sra. Dribb não é o que diz ser. Pertence a uma seita cruel. Ela é uma assassina!

A reação dele não foi o que Elizabeth esperava. A risada que deu foi o bastante para que ela compreendesse. A terrível verdade! Ele era um discípulo também. Suas palavras confirmaram isso:

— Descobriu nosso segredinho. Agora vai me dizer onde estão seus amigos. Já voltaram da visita à mansão?

Elizabeth ficou desesperada. Então, ele sabia desde o começo onde Holmes estava. Será que o seguirá? Talvez tivesse cometido um crime — ou estaria blefando? Estariam Holmes e Watson em perigo? O ultraje daquela trama deixou Elizabeth atônita, mas ao mesmo tempo reforçou sua decisão de não dizer nada.

— Nunca os encontrará — disse ela, desafiando-o.

Mal podia acreditar que aquilo estivesse acontecendo. Rathe era um herói para Holmes. De todos os mestres de Brompton era o que ele mais respeitava, com exceção talvez de Waxflatter, mas por este a estima de Holmes era baseada tanto em sentimento quanto em admiração por suas pesquisas pioneiras. O mestre de esgrima era para Holmes o símbolo do jogo limpo. Admirava a coordenação mental e física de Rathe. Na verdade, Holmes adotava também a filosofia de que o homem deve procurar a perfeição. Não seria exagero dizer que para ele Rathe era uma espécie de super-homem.

Isso ia ficar extremamente chocador quando soubesse a verdade. Rathe era a própria essência do mal.

— Nunca encontrará Holmes — repetiu ela. — Mas ele vai encontrar você.

O rosto de Rathe não se alterou. Um doce sorriso pairava em seus lábios. Parecia indiferente ao fato de que ele e a

governanta estavam afinal desmascarados. Os sentimentos da jovem não lhe interessavam. Mas ela era importante; tinha uma utilidade toda especial para ele.

Começou a mover a mão com o estranho anel, o mesmo que havia ferido o rosto de Holmes, depois de ofuscá-lo durante o duelo. O brilho intenso passou pelos olhos de Elizabeth. Ele continuou o movimento em ritmo regular, balançando o braço. Os olhos dela começaram a acompanhar a jóia de um lado para outro, atraídos pelo brilho. Rathe a estava hipnotizando.

Elizabeth fez um esforço para se livrar, mas o brilho tinha muita força, era muito insistente. Era um calmante que a embalava, libertando-a de todos os temores, criando uma falsa sensação de segurança. Elizabeth sentia apenas a luz, o movimento e uma necessidade imperiosa de dormir.

— Você jamais o encontrará. Ele vai encontrar você. — Seria sua voz repetindo aquelas palavras? Parecia tão distante. — Holmes, venha depressa, preciso de você. — Mas agora não via mais a luz. Elizabeth estava vencida. Completamente hipnotizada.

A Sra. Dribb estava de pé outra vez. Uncas havia destruído sua peruca. Ele corria de um lado para o outro, rosnando e mordendo as pernas dela. A mulher recuperou parte da sua dignidade.

— O que vamos fazer com a moça? — perguntou.

Rathe pareceu surpreso com a pergunta.

— Não é óbvio? Encontramos nossa quinta princesa. Seu sorriso tornou-se mais sinistro. A mulher riu, satisfeita.

Carregaram Elizabeth pelo pátio até a escada.

— Esse maldito cão — disse Rathe, enquanto caminhavam, pois Uncas estava mordendo seus tornozelos. — Você devia ter proibido a entrada desse animal na escola — completou, dando um pontapé em Uncas, que correu ganindo. Levaram Elizabeth para a carruagem que os esperava.

Holmes e eu estávamos chegando ao muro quando vimos a carruagem passar por nós. Ia para o leste, na direção das docas. Na boléia, Rathe chicoteava os cavalos, que partiram num galope frenético. Dentro estavam a Sra. Dribb e Elizabeth, hipnotizada. Holmes deixou escapar uma exclamação.

— Meu Deus — disse ele. — Eles a estão levando para o templo! Só Deus sabe o que vão fazer quando chegarem lá. Podem até usá-la para o sacrifício. Precisamos agir depressa, Watson, se quisermos salvá-la.

— Mas como? — perguntei, desesperado. — Levam uma grande vantagem sobre nós.

— Nunca perca as esperanças — respondeu Holmes, mas era doloroso ver sua ansiedade.

Subitamente, encontrou a resposta.

— Só há um meio de chegarmos lá em tempo — disse ele. — Watson, venha comigo. Vamos até o telhado.

— Holmes, você não quer dizer...

Interrompeu minha pergunta.

— Adivinhou corretamente minha intenção. Sim, Watson, nós vamos voar!

Por mais chocado que estivesse com o perigo que Elizabeth corria, pois eu realmente gostava muito dela, o plano de Holmes me apavorou. Ao que eu sabia, as tentativas de

Waxflutter para vencer a lei da gravidade tinham falhado. Por que então Holmes ia pôr suas esperanças no ornitóptero?

Ele estava cheio de confiança. Continuou a falar. Acho que procurava afastar a idéia de Elizabeth no templo.

— A gravidade é um adversário tenaz — dizia ele, enquanto nos dirigíamos para o telhado. — Mas é nossa única chance. Sabe, Watson, Waxflutter trabalhou no problema da envergadura das asas até o dia da sua morte. Nestes últimos dias estive fazendo alguns estudos sobre o assunto.

— Ele disse quais eram os problemas? — Achei que tinha direito de saber.

— Acho que tinha algo a ver com o comprimento das asas. Waxflutter não foi muito preciso. Como eu, ele trabalhava seguindo sua intuição. Lembra-se do que o dono da loja disse, quando ele estava morrendo ali na calçada? Pequenas criaturas aladas o haviam atacado. No seu subconsciente ele estava vendo os diabinhos que provocam enguiços nos aparelhos. Eram eles que causavam problemas nas suas máquinas. Esse o significado da sua alucinação.

— Ele fez alguma coisa contra esses diabinhos? — Eu queria realmente saber.

— Ele aumentou a envergadura das asas.

Nesse momento tínhamos chegado ao telhado e Holmes examinava o ornitóptero.

— Está vendo a modificação que ele fez na asa de bom-bordo?

Olhei e vi o que me pareceu um pedaço de cano saindo da ponta da asa. Não fazia sentido nenhum para mim.

— Isso diminui a tensão na fuselagem. Waxflutter entendia de aero-hidráulica.

Para mim era grego. Não tinha vontade de ser um homem-pássaro. O solo é meu *habitat* natural. Alturas são anátema para mim.

— Espero que todos os diabinhos tenham sido expulsos

— disse ele, amarrando as correias em volta do corpo. — Se nosso trabalho deu certo, logo estaremos no ar. Prepare-se para levantar vôo, meu bom amigo.

— Isto é loucura, Holmes — eu disse.

Nesse momento, Uncas apareceu. Começou a abanar a cauda quando nos viu.

— Ponha Uncas a bordo, Watson — ordenou Holmes — e sente-se no lugar do passageiro.

Até hoje não sei explicar porque concordei. Geralmente é difícil resistir aos entusiasmos de Holmes e sua confiança é contagiante. Eu estava a bordo de uma máquina voadora, com um piloto inexperiente e um cãozinho no colo. Fechei os olhos. A máquina estremeceu. Senti a força do ar quando corremos pela rampa. Holmes pedalava loucamente, mas o nariz da máquina apontava para baixo. Ele pedalou com mais força. A máquina começou a voar em ziguezague. Parecia ter vontade própria.

— Pelo amor de Deus, Holmes, pedale com mais força — gritei. Estávamos voando diretamente para a Estação de West Brompton!

Então, para nosso alívio, o ornitóptero começou a subir. Estávamos voando! No ar gelado nós subíamos. Para cima, para cima, lá fomos nós, evitando habilmente o Oratório de

Brompton e virando suavemente na direção das Casas do Parlamento.

— Funciona — gritou Holmes. — Voa de verdade!

Nós dois começamos a rir, aliviados, por um momento esquecendo o perigo mortal que Elizabeth corria. Tentei não distraí-lo.

— Vire para a direita — eu disse rapidamente, pois achei que naquela altura íamos bater no Big Ben. — Para falar a verdade — continuei — devíamos estar indo na outra direção. Seria melhor ir pelo Strand. Assim podemos ver a Torre de Londres. — Ele fez cara de desagrado. — Estou só tentando ajudar, Holmes — eu disse.

Na verdade, estava muito satisfeito comigo mesmo. Ao que parecia, estava me saindo muito bem no papel de navegador. E realmente sentia prazer na aventura. Algum dia, pensei, oceanos e continentes serão atravessados deste modo. É sempre excitante ser o primeiro. Subitamente, fui arrancado da minha complacência.

— Holmes, pelo amor de Deus, voe mais alto! — Tínhamos quase batido na ponte da estrada de ferro de Charing Cross. — A rota mais direta é acompanhando o Tâmis — aconselhei. — Siga o rio, Holmes.

— Não é maravilhoso? — gritou ele, erguendo a voz sobre o ruído do ar deslocado.

Não ouvíamos o barulho da cidade. Lá embaixo, Londres estava silenciosa, como uma cidade de brinquedo.

— Concentre-se na direção — eu disse.

Acertei meu relógio pelo de St. Paul e chupei uma bala. Faltavam quinze minutos para as cinco.

Apesar da calma aparente, eu estava com vontade de rezar. Não era muito religioso, portanto não sabia a qual deus apelar. Podia escolher ícaro, mas, pensando melhor, não valia a pena. Ele era o símbolo do primeiro desastre aéreo. O primeiro a cair.

Capítulo Quinze

LÁ EMBAIXO A GRANDE CIDADE COBERTA DE NEVE despertava. Faltavam ainda duas horas para a aurora, mas já podíamos ver muitos rostos voltados para cima. Para eles devíamos parecer um imenso pássaro predador da pré-história. Olhavam abismados, sem acreditar no que viam. Vi um clérigo se benzer, namorados no parque correr à procura de abrigo, um entregador cair da bicicleta e uma menininha olhou bravamente da janela onde estava e acenou para nós.

É maravilhoso o que se vê lá de cima. Aquela viagem extraordinária, minha iniciação como aviador, oferecia-me uma perspectiva completamente nova. Desde aquele dia penso muitas vezes em como deve ser nosso planeta visto das estrelas distantes. Será que seremos visitados nos anos futuros? Será que vai haver encontros extraterrenos?

Estávamos quase chegando.

— Você sabe como aterrissar com esta coisa? — gritei.

Nossa atenção foi desviada. Vimos lá embaixo o que nos pareceu ser a carruagem de Rathe, os cavalos galopando a toda velocidade por Aldgate.

— O que foi que você disse, Watson?

Eu ia repetir a pergunta quando ele falou:

— Um momento, Watson, por favor. Eu ia exatamente dizer que não tenho a mínima idéia de como aterrissar com esta coisa.

Meu coração se apertou, mas continuei vigilante. Estávamos agora voando a menor altitude e o armazém estava bem embaixo de nós. Vimos a carruagem chegar. Rathe desceu e a Sra. Dribb ajudou Elizabeth a sair para a rua. A pobre moça parecia sonâmbula, tão profundo era seu transe hipnótico.

— Segure firme, Watson. Vamos aterrissar. Recusei-me a olhar para baixo.

Holmes começou a pedalar para trás. Uma corrente de ar, vinda de outra direção, levantou o nariz do aparelho. Uncas se encolheu no meu colo. Estávamos quase parando.

— Vamos bater no armazém — gritei.

Holmes pedalou furiosamente e por milagre conseguiu recuperar o controle da máquina. Começamos a descer suavemente — para baixo, para baixo, até o Tâmisa gelado!

O impacto partiu o gelo à nossa volta. A máquina mergulhou na água gelada. Saímos bem na hora e saltamos de um bloco de gelo para outro, Uncas atrás de nós, até chegarmos à margem. Então, nos voltamos e vimos a máquina desaparecer na água. Em poucos segundos tinha sumido. Nada restava do ornitóptero de Waxflatter. Nem sinal — por isso talvez a história não faça nenhuma referência a ela.

Não tínhamos tempo para lamentações.

— Vamos Watson, rápido. Precisamos entrar no templo.

Fomos até o lugar onde víamos a parte de cima da pirâmide. Pensamos que fosse de granito. Mas agora Holmes pensava diferente.

— Pode ser um cenário de teatro. Por favor, dê-me aquela ferramenta.

Ao nosso lado estava uma ferramenta que os tanoeiros usam para vergar as tábuas dos barris. Holmes começou a tirar lascas da base do cone com ela. Tinha razão. Era de madeira. Ele a ergueu, soltando-a da estrutura principal.

Quando olhamos para baixo, nossos piores temores se confirmaram. Elizabeth estava no altar, pronta para ser mumificada.

O sumo sacerdote estava ao lado da congregação. Perto dele, os cinco caixões. Só um se encontrava vazio e sabíamos quem ia ocupá-lo. Antes que ele colocasse a máscara de Osíris, vimos que o sumo sacerdote era Rathe.

Nunca em minha vida vi Holmes mais desesperado.

— Eles vão assassiná-la — disse ele. Então, recobrou a coragem e voltou a ser o homem de ação. Desceu pela abertura. — Watson, vá até o porão. Há uma entrada para o templo.

Segui suas instruções e me escondi atrás de uma coluna. Holmes estava descendo pela corrente de ferro do enorme candelabro. Tão absortos estavam todos com o ritual que nem Rathe nem seus discípulos o viram. Mas o candelabro balançou e lançou uma sombra. Um dos discípulos foi investigar. Vi que era a Sra. Dribb.

Holmes tentava alcançar uma alavanca que abaixaria o lustre até o chão. Mas a Sra. Dribb o observava pela abertura acima dele. Ela atirou um dardo, mas errou e de um salto agarrou-se também na corrente do candelabro. Lutaram com unhas e dentes pela posse da zarabatana.

Quando Rathe viu o que estava acontecendo, mandou que os embalsamadores se apressassem. Logo, Elizabeth estava sendo levada para o caixão.

Dirigi-me para a parte de trás do altar. Escondido por uma tapeçaria, conseguia ver a infeliz jovem. Preparei-me para saltar e libertá-la, quando todas as portas do inferno se abriram.

A Sra. Dribb, atingida por um dardo, caiu no chão, aos gritos. O candelabro soltou-se do teto e caiu com estrondo. Espalhou as velas no meio da congregação e as tapeçarias se incendiaram. Em breve as chamas consumiam o templo.

Agarrei uma espada que estava num canto e corri para ajudar Elizabeth, mas Rathe chegou primeiro, agarrou a moça e fugiu. Enrolado na corrente de ferro, Holmes estava no chão, indefeso.

Encontrei um pedaço de corda e enrolei uma ponta no corpo dele. Puxando-a, segui Rathe até a carruagem, onde ele estava acomodando Elizabeth. Olhou para mim com desprezo e subiu na boléia. Amarrei a corda no eixo traseiro e, para meu alívio, a coisa funcionou. Quando Rathe chicoteou os cavalos, a corda soltou o banco do passageiro e ele seguiu a galope, só com a parte da frente da carruagem. Ao mesmo tempo, a corda puxou Holmes para fora do templo em chamas.

Não perdemos tempo para salvar Elizabeth, mas enquanto ela e Holmes se abraçavam, Rathe reapareceu. Tinha um revólver numa das mãos e uma espada na outra. Holmes estava de costas para ele. Só Elizabeth viu o que ia acontecer. Empurrou Holmes para o lado e a bala a atingiu. Rathe correu para o rio.

Nós a carregamos para a margem e a acomodamos do melhor modo possível.

— Você vai ficar boa — disse Holmes, sem perceber que o ferimento era grave. — Fique com ela, Watson. Vou pegar aquele demônio. — Apanhou a espada que eu encontrara no templo.

Elizabeth estendeu o braço.

— Holmes... Ele hesitou.

Ela fez sinal para que ele fosse.

— Eu espero — disse.

Mas percebi que estava mortalmente ferida.

Durante todos os anos que conheci Holmes, sempre o vi muito reticente sobre seu duelo final com Rathe, Pelo pouco que pude observar da margem do rio e pelos seus ferimentos, sei que foi uma luta desesperada.

Preocupado com a moça, só podia ver alguns lances do combate, os dois silhuetados contra os primeiros raios do sol. Mas isso não impediu que eu sentisse o drama terrível, enquanto os dois oponentes lutavam, primeiro na margem, depois sobre o rio congelado.

No começo, o duelo tinha a qualidade da elegância atlética, como deviam ter todos os jogos de espada entre cavalei-

ros bem treinados. Pois é um esporte tão antigo quanto a própria história. Na verdade, um baixo-relevo do templo de Madinet-Habu, construído dois mil anos antes de Cristo, perto de Luxor, no Alto Egito, representa um duelo com espadas e certamente todos os antigos povos, dos persas aos romanos, praticaram a arte da esgrima como esporte e na guerra.

Mas tamanho era o ódio que Holmes sentia por Rathe, e tão grande a inimizade de Rathe por Holmes, que o duelo foi uma luta de morte.

Pareceu-me, de longe, que nenhum dos dois poderia vencer, embora lutassem como possessos. Atacavam com fúria insana, as espadas se prendiam, eram soltas. As duas armas pareciam chifres de gamos no cio. Investidas que teriam matado homens menos hábeis eram dadas e recebidas e o tilintar de metal ecoava no ar da madrugada.

Então, vi um deles cair da margem para o convés de um velho barco naufragado que tinha sido içado para a tona. Estava encostado ao muro da doca. Não consegui perceber qual dos dois tinha caído, mas o outro logo saltou também para o barco. Então, Rathe cortou o cabo que o prendia com um golpe vigoroso da espada e o barco deslizou para o meio do rio.

O impacto partiu o gelo. O barco desapareceu. Agora os homens estavam lutando sobre os flocos de gelo, ferindo-se selvagemente. Com um movimento, que considerei covarde, Rathe tirou o boné da cabeça e jogou-o sobre Holmes, tentando cegá-lo. Mas Holmes se desviou a tempo, agarrou o

boné e revidou com tanta selvageria que o golpe apanhou Rathe de surpresa. Deixou cair a espada, escorregou e caiu no gelo quebradiço.

Esperei sob enorme tensão. Rathe não reapareceu. O rio o levava. Então, Holmes jogou sua espada na água. Foi um gesto de desprezo. Apanhou o boné e dirigiu-se para onde estávamos.

Não parecia triunfante. Elizabeth era tudo o que importava.

Ajoelhou-se perto dela e abraçou-a. Virei a cabeça solenemente.

— Não precisa ficar triste — disse ela, com voz fraca. — Nós dois tivemos sorte, Holmes. Tivemos nosso amor, um amor puro. Eu esperarei por você.

Não voltou a falar. Ficou imóvel. Elizabeth estava morta.

Fiquei ao lado de Holmes. Ele chorava. Eu queria consolá-lo, mas não encontrava as palavras adequadas. Tristemente, olhei para o rio.

Uma figura escura surgia das águas e se arrastava para a margem. Holmes viu também.

— Deve ser Rathe — disse ele, com voz desanimada.

Nada podíamos fazer. A figura desapareceu no bosque próximo, na outra margem. Holmes estava exausto demais para ir atrás dele. Nesse momento, chegou um grupo de policiais, comandado por Lestrade. Ele chamara os bombeiros para apagar o fogo do templo. Sabíamos que todas as provas tinham sido destruídas.

Lestrade analisou a situação. Justiça seja feita, quando percebeu as circunstâncias trágicas, tentou consolar Holmes. Mas este, depois de um último olhar para Elizabeth, virou a cabeça para o lado, tristemente. O pesadelo da Rame Tep tinha terminado, mas o preço fora muito alto.

— Vamos, Watson — disse ele, passando o braço sob o meu. — Agora podemos sair deste lugar horrível.

Íamos precisar de toda a nossa coragem para enfrentar o dia que começava.

— Pode deixar conosco agora, Holmes — ouvimos a voz de Lestrade. — Já localizamos todos os Rame Tep que não morreram no templo. Muito obrigado, Holmes.

Assim ele nos demitia. Mas, naquele momento, nada mais importava.

Capítulo Dezesseis

COMO SABEM OS ADMIRADORES DE HOLMES, SEMPRE TERMINO o relatório de um caso perguntando a ele como chegou a uma ou outra conclusão. Esta narrativa não será exceção à regra geral.

— Quando suspeitou pela primeira vez de que Rathe estava envolvido com a Rame Tep?

— Na nossa primeira visita ao templo — respondeu ele. — Ele devia ter estado lá. De outro modo, como podia saber que eu não tinha saído de Londres, depois da minha expulsão?

— E quando soube que Rathe e Eh Tar eram a mesma pessoa?

— Quando meu ferimento começou a sangrar. Lembrei-me do anel de Rathe, que tinha o símbolo da Rame Tep.

— Foram essas as únicas pistas?

— Não. Liguei a presença de Rathe na escola com a de Waxflatter. Todos os membros da sociedade do Cairo se comunicavam com ele. Isso facilitava a Rathe localizá-los.

— Por que os egípcios esperaram tanto tempo para se vingar?

— Tinham de esperar uma geração. O primeiro menino elegível, depois da carnificina do Cairo, foi enviado a uma missão diferente. Havia assuntos mais urgentes a serem tratados. Um caso de assassinato no Tibete. Deram ao primeiro menino elegível da geração seguinte o nome de Eh Tar e o mandaram estudar na Europa. Depois, ele veio para a Inglaterra, a fim de recrutar adeptos para o culto e construir o templo.

— Quem era a Sra. Dribb?

— Irmã de Eh Tar. Rathe conseguiu para ela o lugar de governanta da escola.

— Por que não ouvíamos o tilintar do amuleto quando ela trabalhava na escola?

— Isso me intrigou — admirou ele — até compreender que seu uniforme era tão justo, especialmente no punho, que o bracelete ficava preso e, ao mesmo tempo, não podia ser visto.

— Espantoso, Holmes — comentei.

— Elementar, meu caro Watson.

— Mas você deixou passar outra pista — observei.

— Por favor, esclareça — respondeu ele.

— Diga Rathe de trás para diante, Holmes.

— Ora, tem razão! É Eh Tar! — Ficou embaraçado, mas salvou a situação: — Você tem vocação para detetive — disse.

— Holmes, estamos no Natal e tenho um presente para você.

Ele estava usando o boné de Rathe como um troféu e também o outro, do professor. Agora eu lhe dava o meu cachimbo. Com o boné e o cachimbo, Holmes ficou muito elegante.

— É assim que vou me lembrar de você — eu disse. Então, lembrei-me do enigma.

— Holmes, o urso é branco.

— Qual o seu raciocínio?

— Onde mais podia encontrar uma casa com vista para o sul? No Pólo Norte, naturalmente. Portanto, é um urso polar.

— Muito bem, Watson.

Até Uncas sacudiu a cauda.

... Bem, tudo isso foi há muito tempo. Agora, até os anos que passamos em Baker Street fazem parte do passado. E Holmes é uma figura mundialmente famosa.

Não o vejo há algum tempo. Minha mulher fica cada vez mais possessiva com o passar dos anos. Gosta que eu fique em casa. Isso talvez seja bom para um homem da minha idade. Contudo, em uma bela noite de outono, mais ou menos há um mês, surpreendi-me caminhando na direção de Baker Street. Pensei em fazer uma visita, mas desisti. Talvez Holmes também viva agora com seus sonhos.

Mas não pude deixar de imaginar se as coisas haviam mudado. Será que guardava ainda os charutos no balde de carvão, o tabaco no chinelo persa? Estariam aqueles grandes volumes de recortes na mesma desordem? Haveria ainda as marcas de balas na parede? Quase podia vê-lo entrando no meu quarto com uma vela na mão, acordando-me para acompanhá-lo na solução de um caso novo. “Watson, o jogo começou!”, exclamaria ele.

“Você é o meu único ponto fixo em um cenário sempre diferente”, disse-me ele certa vez. Mas que defesa contra a mudança ele tem agora? Holmes jamais se casou.

Voltei para Kensington, para minha mulher, que sempre me espera ansiosamente. Mas quando atravessava Hyde Park tive a impressão de estar sendo seguido, pelo menos por um exército de lembranças.

“Não vi ninguém”, eu diria para Holmes.

“É isso que você deve ver, quando eu o sigo”, teria sido a sua resposta.

Agradecimentos

EMBORA TENHA HAVIDO GRANDE NÚMERO DO QUE SE PODE chamar de pastichos de Sherlock Holmes, ninguém pode fazer essa tentativa sem estudar cuidadosamente as histórias de Sir Conan Doyle. Desse modo, sentimos por elas e por seu criador um profundo respeito. Não posso descrever adequadamente a arte da sua narrativa em criar um incrível suspense. É uma forma de mágica.

São mitos que permanecem no nosso consciente. Devem ser passados às novas gerações, que, por sua vez, se transfor-

marão em admiradores incondicionais. Se esta narrativa conseguir manter esta integridade, será útil em estimular o processo. Tal foi a idéia dos homens que fizeram o filme. Tanto eles quanto os atores respeitam profundamente Sherlock Holmes.

Pesquisei em outras fontes. Embora tenha morado no Cairo quando jovem, não possuía maturidade suficiente para apreciar suas maravilhas, nem para aprender muito sua incomparável história. Estes cinco livros me conduziram através da sua antiguidade e por suas areias desertas: *Mil Milhas Nilo Acima*, de Amelia B. Edwards; o clássico *Areias da Arábia*, de Wilfred Thesiger; *Uma Pesquisa no Egito Secreto*, do Dr. Paul Bruton; *De Napoleão a Nasser*, de Raymond Fowler e o *Guia Penguin do Antigo Egito*.

Consultei também *Um Vôo Através dos Tempos*, de C. H. Gibbs-Smith e *Grande Hotel — a Idade de Ouro dos Palace Hotéis*, de vários autores e publicado por J. M. Dent and Sons Ltd.

Meus sentimentos foram sempre os de maior respeito pela obra de Sir Arthur Conan Doyle, tanto pelo criador como por suas personagens. Compartilho com os puristas a admiração pelas qualidades de Holmes. Uma das que geralmente são ignoradas é a de cavalheiro eduardiano e vitoriano. “Vivemos em uma época utilitarista”, disse ele certa vez para Watson. “Cavalheirismo é um conceito medieval.” Mas, na verdade, ele era tanto o grande detetive quanto o cavaleiro medieval. É assim que eu o vejo.

Alan Arnold